ROMA

10.000 A.D.

R. FERREIRA

ROMA
10,000 A.D.

1ª Edição

Dedico esse livro aos amantes da História Romana e da Ficção Científica, que ainda acreditam que o passado pode habitar as estrelas.

NOTA AO LEITOR

Este livro nasceu de uma pergunta simples, mas persistente:

E se Roma nunca tivesse caído?

Não apenas sobrevivido, mas aprendido. Se industrializado. Expandido. Cruzado oceanos, depois céus, depois estrelas. O que sobraria de Roma após dez mil anos de vitórias ininterruptas? O que seria preservado — e o que seria distorcido?

ROMA: 10.000 A.D. é uma obra de ficção científica, mas também é um exercício de imaginação histórica. Ela parte do princípio de que civilizações não desaparecem apenas por força externa, mas se transformam internamente — às vezes para melhor, muitas vezes para algo mais perigoso. O Império Romano, com sua obsessão por ordem, lei, hierarquia e expansão, oferece um terreno fértil para esse tipo de especulação.

A História Romana real é uma das maiores inspirações deste livro. Não apenas pelos eventos ou personagens, mas pela ***mentalidade romana****: a ideia de dever acima do indivíduo, a crença de que a civilização precisa ser imposta, a noção de que a paz pode nascer da guerra. Termos como Senado, legiões, ditadura, cidadania e província não são aqui apenas estética — são conceitos centrais, reinterpretados em escala interplanetária.*

Ao mesmo tempo, esta obra dialoga diretamente com a tradição da ***ficção científica épica****. Universos como Warhammer 40.000 influenciaram profundamente a atmosfera deste livro, especialmente no que diz respeito à monumentalidade, à sensação de um império antigo demais para lembrar por que começou, e à estética de um futuro que carrega o peso do passado. No entanto, onde algumas obras optam pelo excesso de brutalidade e desespero, ROMA: 10.000 A.D. busca um caminho diferente: um Império limpo, belo, funcional — justamente para tornar suas contradições mais perturbadoras.*

Outras influências também estão presentes. Duna contribui com a visão de política, religião e poder entrelaçados; Star Wars e Star Trek inspiram o senso de aventura espacial e o confronto de ideologias; histórias pulp clássicas influenciam a criação de mundos exóticos, arenas, culturas alienígenas e heróis em trânsito entre civilizações. Todas essas referências não são copiadas, mas ***absorvidas e transformadas*** *para servir a uma história própria.*

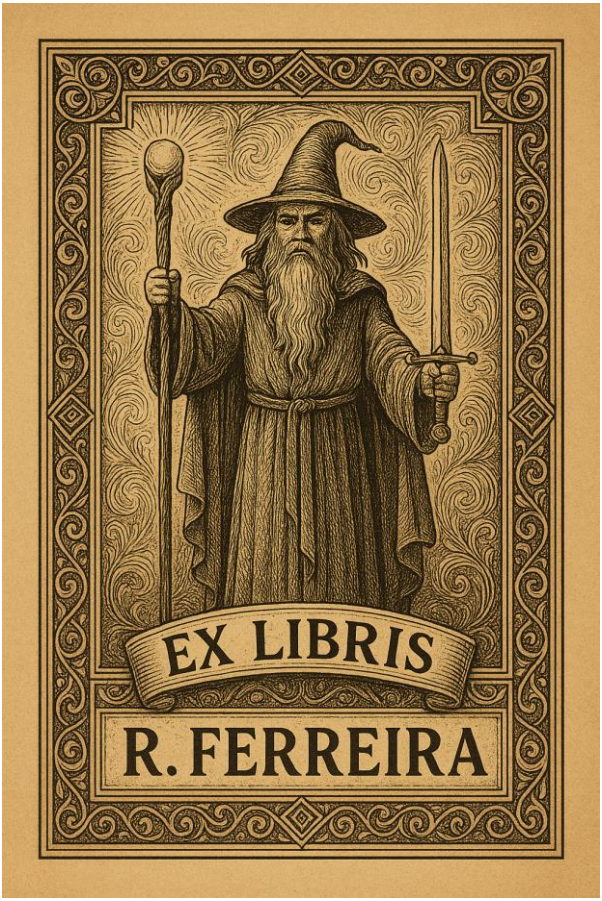
É importante deixar claro: este livro ***não é um manifesto político****, nem uma defesa ou ataque direto a sistemas históricos ou contemporâneos. Ele é, antes de tudo, uma narrativa sobre pessoas — sobre como indivíduos são moldados por estruturas maiores do que eles, e sobre o momento em que essas estruturas começam a falhar. Marcus Valerius não é um herói perfeito, nem um revolucionário idealizado. Ele é um produto de Roma, e sua jornada não é abandonar o Império, mas questionar o que ele se tornou.*

A escolha de um cristianismo romano, mesclado com elementos da antiga religião imperial, também segue essa lógica. Religiões, assim como impérios, mudam ao longo do tempo. Em dez mil anos, símbolos se sobrepõem, deuses viram santos, santos viram conceitos, e conceitos viram instrumentos de poder. Essa camada religiosa existe neste universo como pano de fundo cultural, não como centro da narrativa.

Por fim, este livro é escrito com a convicção de que ***ficção científica e História não são opostas****. Ambas tentam responder à mesma pergunta: quem somos quando colocados sob pressão extrema? Ao levar Roma às estrelas, esta obra não busca glorificar o passado, mas confrontá-lo com o futuro.*

Se você é um amante da História Romana, talvez reconheça ecos familiares em lugares inesperados. Se você é um amante da ficção científica, talvez encontre aqui um império diferente dos habituais. Se for ambos, este livro foi escrito para você.

Que a leitura seja tão desafiadora quanto prazerosa.


EX LIBRIS
R. FERREIRA

CAPÍTULO 1
A BATALHA DE NHAL'RUUN

O céu de Nhal'Ruun ardia em tons que não pertenciam a nenhum pôr do sol conhecido, um roxo vivo e quase palpável.

Não era fogo — ainda não —, mas uma mistura antinatural de nuvens carregadas, partículas ionizadas e o reflexo distante do gigante gasoso azul-branco que dominava o horizonte do planeta. Seus anéis, largos como continentes, cortavam o firmamento em faixas luminosas, projetando sombras irreais sobre o campo de batalha.

Ali, sobre um solo cinza-escuro salpicado de minerais brutos e crateras recentes, o Império Romano Estelar avançava.

As legiões não corriam.

Não gritavam.

Não quebravam formação.

Elas marchavam.

Marcus Valerius sentia a vibração do chão subir pelas solas reforçadas da armadura e se espalhar pelos ossos — ossos artificialmente fortalecidos, como os de todo soldado romano de infantaria estelar. O impacto

sincronizado de milhares de passos era quase hipnótico, um lembrete físico de que ele não era um indivíduo ali, mas parte de algo maior.

À frente, os estandartes tremulavam.

Flâmulas vermelhas, bordadas com a águia metálica do Império, cortavam o ar pesado de Nhal'Ruun como lâminas de tecido. Entre elas, formações geométricas de soldados avançavam com precisão matemática, escudos de energia projetados em campos translúcidos que se encaixavam uns nos outros como placas de uma muralha viva.

Marcus ajustou o aperto no gladius de energia.

A lâmina azulada vibrou levemente, reagindo ao comando neural implantado em sua mão.

— Contato a trezentos metros. — a voz do centurião ecoou pelo canal fechado da legião. — Forças nativas. Formação defensiva confirmada.

Marcus ergueu o olhar.

Os inimigos de Nhal'Ruun surgiam entre rochedos e estruturas improvisadas, os Hrokar: criaturas de pele escura e densa, corpos robustos, membros espessos, três membros superiores que se assemelhavam à braços de símios e duas pernas musculosas, possuíam dois pares de olhos dispostos em diagonal em suas cabeças brutas. Usavam armaduras orgânicas misturadas a metal bruto, capas feitas de couro de animais nativos, armas primitivas que lembravam martelos de guerra reforçados por tecnologia que mal compreendiam. Alguns montavam bestas colossais — animais de guerra que lembravam uma fusão de um grande urso branco com algum tipo de canídeo, os Urskael, cobertos por placas ósseas naturais.

Bárbaros, diria Roma.

Mas Marcus já aprendera que "bárbaro" era apenas o nome que o Império dava a quem ainda não havia sido conquistado.

O primeiro impacto veio do céu.

Naves de apoio orbital cruzaram as nuvens em silêncio absoluto, negras como sombras recortadas contra a atmosfera arroxeada do planeta. Segundos depois, feixes de energia azul desceram em colunas precisas, vaporizando posições inimigas específicas, abrindo corredores cirúrgicos no campo de batalha.

Não havia desperdício.

Não havia excesso.

Roma não destruía por ódio.

Roma destruía por cálculo.

— Avançar. — veio a ordem.

Marcus avançou junto à formação, escudo à frente, sentindo o campo energético vibrar quando os primeiros projéteis inimigos o atingiram. As lanças orgânicas explodiam em contato com a barreira azul, liberando fragmentos luminosos que se dissipavam no ar.

Quando a distância se fechou, a batalha deixou de ser abstrata.

O primeiro inimigo caiu sob o golpe de Marcus antes mesmo de conseguir erguer a arma. O gladius atravessou a armadura improvisada com facilidade clínica, a lâmina de energia cortando carne, osso e resistência em um único movimento contínuo, fazendo um jorro de sangue espesso e azulado voar pelo campo de batalha.

Treinamento.

Disciplina.

Execução.

Marcus não sentia ódio.

Não sentia prazer.

Apenas eficiência.

Ao redor dele, a legião operava como uma máquina viva. Escudos se abriam e fechavam em sincronia, criando brechas calculadas para os ataques. Lanças energéticas eram lançadas em ângulos precisos. Soldados feridos eram rapidamente substituídos, a formação nunca se quebrando por mais de um segundo.

Do alto, uma nova salva orbital caiu — desta vez mais próxima do flanco esquerdo romano.

Marcus sentiu o calor atravessar a armadura e franziu o cenho.

Algo estava errado.

A resistência inimiga não recuava como o esperado. Pelo contrário — novas unidades surgiam por passagens subterrâneas, atacando pontos que não constavam nos mapas táticos fornecidos antes da descida.

— General, estamos recebendo pressão além do previsto. — a voz do comandante local soou tensa pelo canal estratégico.

A resposta não veio de imediato.

A ponte de operações do cruzador Invictus era um anfiteatro de luz e silêncio.

Hologramas tridimensionais flutuavam no ar, representando o campo de batalha em tempo real. Cada ponto luminoso era um soldado, cada feixe uma arma, cada sombra uma ameaça em movimento.

No centro daquele espaço, com as mãos cruzadas atrás das costas, estava Aelius Magnus.

O general não levantou a voz.

Não demonstrou pressa.

Seus olhos escuros percorriam o mapa com calma absoluta, absorvendo padrões que outros oficiais ainda não haviam percebido. Ao redor dele, estrategistas aguardavam, alguns inquietos, outros tentando esconder a tensão.

— Eles estão usando o subsolo como extensão do terreno. — disse Aelius, finalmente. — Não estão defendendo posições. Estão nos atraindo.

Um dos oficiais abriu a boca para responder, mas Aelius ergueu a mão — um gesto simples, suficiente para silenciar a sala inteira.

— Recuem o apoio orbital do flanco esquerdo. — continuou. — Redirecionem para trás das formações inimigas. Cortem as rotas de fuga.

— General, isso deixará nossas linhas expostas por trinta segundos.

Aelius inclinou levemente a cabeça.

— Trinta segundos é tempo suficiente para quem sabe marchar.

Ele tocou o holograma com dois dedos. O mapa se reorganizou instantaneamente.

— Legião central, avanço contínuo. Flancos, rotação em pinça. — sua voz agora ecoava diretamente nos canais de comando planetários. — Não persigam.

Não acelerem. Eles querem que vocês corram e caíam em uma emboscada.

No solo, Marcus recebeu a nova ordem no exato momento em que um grupo inimigo tentava romper a formação.

Ele sentiu a mudança antes mesmo de compreendê-la.

A legião girou como um corpo único. Onde antes havia resistência, agora havia pressão esmagadora. Os inimigos, privados das rotas subterrâneas por explosões orbitais precisas, começaram a se aglomerar, perdendo coesão.

Marcus avançou mais uma vez.

Dessa vez, não foi uma luta.

Foi uma execução em escala planetária.

Quando o último foco de resistência caiu, o céu de Nhal'Ruun finalmente se incendiou.

Não com fogo descontrolado, mas com o reflexo distante das naves romanas ascendendo de volta à órbita, suas silhuetas cortando as nuvens como lâminas negras.

Marcus permaneceu imóvel por alguns segundos, respirando fundo dentro do capacete.

Vitória.

Mais uma.

Ao longe, ele viu o estandarte da legião ser erguido sobre as ruínas inimigas.

E, pela primeira vez naquele dia, sentiu algo além do dever.

Orgulho.

A fumaça da batalha não se dissipou de imediato.

Em Nhal'Ruun, nada se dissipava rápido demais. O solo, rico em minerais instáveis, reagia ao calor e às descargas orbitais liberando vapores luminescentes que subiam em espirais lentas, tingindo o campo de um brilho espectral. Entre crateras fumegantes e carcaças de Urskael abatidos, os Hrokar remanescentes batiam em retirada desorganizada, arrastando feridos e abandonando mortos sem cerimônia. Para eles, a derrota não era um fim — era apenas mais uma estação de um ciclo de guerra que precedia a chegada de Roma.

Marcus avançou alguns passos além da linha de contenção, observando o terreno agora silencioso.

De perto, Nhal'Ruun parecia menos um campo de batalha e mais uma ferida aberta. Estruturas Hrokar semi-enterradas surgiam entre as rochas, feitas de algo entre um metal escuro e madeira negra trabalhada — Aethrakar — ainda fumegando onde os disparos orbitais haviam tocado. O planeta não era primitivo. Apenas não era romano.

Os Urskael caídos chamavam sua atenção.

Mesmo mortos, impunham respeito. Eram criaturas enormes, de músculos densos e pelagem branca agora manchada de sangue azulado e negro. As placas ósseas naturais que protegiam seus dorsos haviam sido usadas como base para selas de guerra, adaptadas com correntes e reforços metálicos. Não eram bestas irracionais. Eram armas vivas. Armas que Roma havia neutralizado com precisão cirúrgica.

— Formação de contenção já está quase completa. — anunciou o centurião. — Perdas dentro do previsto.

Marcus assentiu, mas seu olhar se desviou para além da linha romana, em direção ao longe, próximo a

uma elevação rochosa onde estruturas luminescentes pulsavam em tons suaves de azul e verde.

Ali viviam os Lumari.

Povos anfíbios, de pele translúcida e olhos grandes, que haviam sido "realocados" para zonas costeiras após a chegada imperial. Suas cidades bioluminescentes, parcialmente submersas, eram visíveis mesmo à distância, como constelações refletidas em mares rasos. Oficialmente, aliados. Na prática, fornecedores e escravos. Plantas medicinais extraídas de seus mares eram essenciais para os kits de sobrevivência das legiões. Roma chamava aquilo de acordo.

Marcus nunca havia falado com um Lumari.

Mas, observando aquelas luzes ao longe, sentiu algo que não soube nomear. Um desconforto leve, quase irrelevante. Marcus permaneceu onde estava por alguns segundos, o campo de batalha já sendo reorganizado atrás dele com a eficiência mecânica que Roma exigia após cada vitória.

Drones de triagem pairavam baixo, varrendo o terreno em busca de sobreviventes — romanos primeiro, depois qualquer outro corpo que ainda apresentasse sinais vitais úteis para interrogatório ou estudo. Urskael mortos eram marcados com pulsos de luz âmbar. Seriam recolhidos. Nada ali seria desperdiçado.

Marcus voltou a olhar para as luzes ao longe.

Os Lumari não se aproximavam da linha romana, mas também não se afastavam. Permaneciam nas águas rasas, parcialmente submersos, observando em silêncio. Suas cidades orgânicas pulsavam em tons suaves de azul, verde e lilás, como organismos respirando lentamente sob a superfície do mar.

Um médico romano passou apressado por ele, empurrando uma maca antigravitacional improvisada.

— Feridos civis recolhidos na zona costeira — disse, quase como um relatório automático. — Fogo cruzado. Estão estáveis.

Marcus franziu levemente o cenho.

— Civis? — perguntou.

O médico assentiu enquanto caminhava.

— Lumari. Alguns estavam muito próximos da linha de combate. Não entenderam os sinais de evacuação.

Marcus seguiu o movimento quase sem perceber que seus pés haviam começado a andar.

A zona médica avançada ficava próxima à água, montada com rapidez cirúrgica. Tendas translúcidas se erguiam sobre plataformas flutuantes, integradas ao terreno como se sempre tivessem pertencido àquele lugar. Dentro delas, soldados romanos feridos eram tratados lado a lado com corpos que claramente não pertenciam à mesma espécie.

Os Lumari de perto eram ainda mais estranhos.

Altos, esguios, com pele translúcida que deixava ver padrões internos de luz — sistemas circulatórios bioluminescentes que reagiam ao estresse e à dor com pulsações irregulares. Seus olhos grandes refletiam o ambiente como superfícies líquidas, sem pupilas visíveis.

Um deles estava deitado, o flanco atravessado por estilhaços metálicos. Um médico romano aplicava um composto viscoso azul-esverdeado diretamente sobre a ferida. O tecido se fechava lentamente, regenerando-se diante dos olhos de Marcus.

— Funciona rápido. — comentou o médico, sem erguer o olhar. — Extraído da flora marinha local. Eles mesmos nos forneceram.

Marcus observou uma Lumari que parecia mais velha, sentada próxima à maca, os membros longos dobrados junto ao corpo. Ela segurava um recipiente orgânico, semelhante a um coral vivo, do qual escorria lentamente a substância usada no tratamento. Seus olhos estavam fixos no soldado romano ferido ao lado — um jovem com a perna imobilizada.

Ela estendeu o recipiente em direção ao médico novamente, emitindo um som suave, quase um canto.

— Diz que há mais. — traduziu um oficial linguista, aproximando-se. — Muito mais. Se precisarmos.

— Agradeça. — respondeu o médico automaticamente. — Diga que Roma reconhece a cooperação.

O oficial traduziu.

A Lumari inclinou a cabeça em um gesto que Marcus interpretou como respeito e gratidão.

Marcus sentiu o desconforto crescer.

— Eles sabem que isso será usado em escala industrial? — perguntou, baixo.

O oficial olhou para ele, confuso por um instante.

— Sabem que estamos ajudando. — respondeu. — Que Roma protege. Que agora não precisarão mais temer os Hrokar.

Marcus voltou a olhar para o mar.

— E quando precisarmos de mais? — insistiu.

O oficial deu de ombros.

— Eles oferecerão. — disse. — É da cultura deles compartilhar. Nós apenas… organizamos.

Organizamos.

Marcus observou outro Lumari, menor, talvez uma criança, tocando com curiosidade a superfície de uma armadura romana apoiada no chão. A luz refletida fazia padrões dançarem em sua pele translúcida. O soldado

dono da armadura sorriu, cansado, e deixou que tocasse.

Não havia hostilidade ali.

Não havia ódio.

Apenas confiança mal colocada.

Marcus sentiu algo se mover dentro dele — não revolta, não culpa declarada, mas uma fissura. Pequena. Silenciosa. Fácil de ignorar.

E foi exatamente isso que ele fez.

Quando se virou para se afastar, o mar continuava brilhando da mesma forma.

Mas agora, ele não conseguia mais fingir que aquelas luzes eram apenas cenário.

O chamado veio minutos depois.
— Marcus Valerius. — a voz em seu capacete era firme. — Apresente-se na zona avançada. O General deseja vê-lo.

Marcus atravessava o campo rochoso em direção à zona avançada quando reconheceu a silhueta antes mesmo do rosto.

O soldado caminhava na mesma direção, o fuzil apoiado no ombro com a familiaridade de quem o carregava como extensão do próprio corpo. O capacete estava preso sob o braço, o passo relaxado demais para quem está em um campo ainda instável.

— Não acredito… — murmurou Marcus.

— Se for reclamar da pontaria, guarda pra depois. — respondeu a voz antes mesmo que ele se aproximasse.

Marcus parou.

— Titus.

Titus sorriu de lado, aquele sorriso cansado de quem sobrevivera a campanhas demais para ainda se impressionar com ordens novas. Oficial de baixa

patente, atirador de elite, veterano de várias frentes onde Marcus também estivera — nunca no mesmo pelotão, mas próximos o bastante para que a guerra os aproximasse.

— Achei que você estivesse morto. — disse Titus. — Ou promovido. O que, convenhamos, dá quase na mesma.

— Ainda tentando não morrer antes de ser promovido. — respondeu Marcus.

Eles trocaram um cumprimento rápido, simples. Não havia espaço ali para nostalgia longa. Apenas o reconhecimento silencioso de quem já confiara a própria vida ao outro em mais de um planeta.

— Soube que te puxaram pra linha de frente de novo. — continuou Titus, ajustando o fuzil. — E parece que eu fiquei com a parte limpa do serviço.

— Você sempre preferiu ficar a distância. — disse Marcus.

— Alguém precisa acertar antes que os inimigos cheguem perto demais. — respondeu, batendo de leve na arma.

Marcus sorriu de lado.

— General Aelius deve ter te convocado também — disse Marcus. — Já que estamos indo para a mesma direção.

Titus ergueu uma sobrancelha.

— Parece que sim.

Marcus assentiu.

Aelius Magnus aguardava em um ponto elevado, próximo a uma abertura rochosa parcialmente encoberta por destroços. Um mapa holográfico girava à sua frente, projetando linhas vermelhas que se aprofundavam sob a superfície de Nhal'Ruun como raízes invasivas.

— Eles recuaram para os túneis. — disse o general sem preâmbulos. — Não por estratégia. Por instinto.

Marcus aproximou-se e observou o mapa. Titus ficou um passo atrás, analisando as projeções com atenção profissional demais para parecer casual.

— Quantos? — perguntou Marcus.

— O suficiente para causar problemas se deixarmos. — respondeu Aelius. — Poucos demais para resistir a céu aberto.

Um oficial indicou vários pontos piscando em âmbar.

— Atividade térmica. Movimentação irregular. Estão tentando evacuar núcleos de comando e criadouros de Urskael.

Aelius assentiu.

— Não vão conseguir. — disse. — Agora que sabemos mais sobre os túneis podemos dar um fim nisso.

Ele tocou o mapa. Novas marcações surgiram — áreas estreitas, corredores naturais, câmaras amplas.

— Estas zonas aqui — continuou — são gargalos. Projetadas pelo próprio planeta.

Olhou para Marcus.

— Vamos empurrá-los para dentro delas.

Titus inclinou a cabeça, interessado.

— Terreno fechado, linhas imprevisíveis… — comentou, sem conter o tom de dúvida. — Se os Urskael aparecerem será um massacre.

O olhar de Aelius desviou-se lentamente do mapa para ele.

— Oficial. — disse o general, seco. — Quando eu quiser sugestões, eu peço.

Titus endireitou a postura no mesmo instante.

— Sim, senhor.

— Mas e os Urskael? — Insistiu Marcus.

— Se aparecerem, recuamos. — respondeu o general sem hesitação. — Temos posições de abate preparadas. Colocaremos snipers de longo alcance. Projéteis experimentais. Um disparo por criatura.

O canto da boca de Titus se moveu em um sorriso quase imperceptivelmente.

— Finalmente alguém decidiu deixar o trabalho bonito para quem sabe atirar. — murmurou.

Aelius ouviu.

— Um disparo. — reforçou. — Não dois. Sem correções. Sem heroísmo.

— Entendido, senhor. — respondeu Titus, sério agora.

— E as unidades de infantaria? — insistiu Marcus.

Aelius o encarou diretamente.

— Vão descer. — disse. — Limpar o que sobrou.

O silêncio se estendeu por um segundo.

— Esta não é uma batalha. — concluiu o general. — É um encerramento.

Marcus assentiu lentamente.

Aelius voltou-se para outros oficiais, encerrando a reunião com gestos curtos. Marcus e Titus se afastaram alguns passos, observando o brilho distante do mar Lumari refletido nas rochas.

— Então… — disse Titus, ajustando o capacete. — Você vai para baixo da terra. Eu fico aqui em cima, escolhendo os alvos.

— Parece justo. — respondeu Marcus.

Titus estendeu o braço e bateu o punho fechado de leve contra o ombro da armadura de Marcus.

— Não morre lá embaixo. Ia ser um desperdício de talento.

Marcus segurou o antebraço dele em um gesto de cumprimento.

— Acerte-os no primeiro disparo.

— Sempre acerto. — respondeu Titus, com um sorriso curto. — Boa sorte, Marcus.

— Boa sorte, Titus.

Ao longe, o mar Lumari continuava a brilhar. E sob seus pés, os túneis de Nhal'Ruun aguardavam.

A descida começou sem música, sem discurso, sem hesitação.

As entradas para os túneis de Nhal'Ruun eram aberturas irregulares na rocha, antigas formações naturais ampliadas ao longo de gerações pelos Hrokar. Não haviam sido feitas para exércitos. Eram corredores de fuga, de abrigo, de sobrevivência.

Agora eram sepulturas em potencial.

Marcus ajustou o fuzil de assalto romano contra o ombro enquanto avançava com sua unidade. O feixe de luz acoplado ao capacete iluminava paredes de rocha escura, marcadas por veios metálicos e inscrições Hrokar entalhadas à força, símbolos de clãs e guerras passadas.

O ar era pesado.

Cheirava a mineral, suor e algo metálico demais para ser apenas pedra.

— Contato provável à frente. — sussurrou o soldado à direita de Marcus pelo canal curto.

Marcus levantou o punho.

A formação parou.

Silêncio.

Não o silêncio vazio da superfície, mas o silêncio denso dos túneis — aquele que parecia absorver o som antes mesmo que ele existisse. O tipo de silêncio que fazia cada respiração soar alta demais dentro do capacete.

Então veio o primeiro ataque.

Não frontal.

De cima.

Um Hrokar caiu da parede lateral como uma massa de músculos e metal, martelo de guerra improvisado descendo com força suficiente para esmagar um capacete. Marcus ergueu o escudo por reflexo.

O impacto foi brutal.

O campo de energia azul absorveu a maior parte, mas a força ainda atravessou, empurrando Marcus meio passo para trás. Antes que o inimigo pudesse se recuperar, Marcus girou o corpo e disparou à queima-roupa.

O fuzil de assalto rugiu no espaço confinado.

O feixe atravessou o tórax do Hrokar e continuou pela rocha atrás, vaporizando fragmentos minerais. O corpo caiu pesado, sem grito.

— Avançar. — ordenou o centurião.

A partir daí, o túnel virou um moedor de carne.

Os Hrokar atacavam em ondas curtas, surgindo de passagens laterais, fendas no teto, buracos estreitos demais para formações abertas. Lutavam com o que tinham: força bruta, números, conhecimento do terreno.

Roma respondeu com método.

Escudos à frente, campos de energia sobrepostos. Fogo contínuo, controlado. Nenhum disparo desperdiçado. Cada avanço era seguido de dois passos de consolidação.

Marcus alternava entre o fuzil e a gladius sem pensar.

Quando a distância permitia, disparava.

Quando fechava demais, desligava o fuzil, ativava a lâmina azul e cortava.

Não havia espaço para golpes amplos. Tudo era curto, direto, íntimo. Sangue respingava nas paredes. Corpos tombavam quase sem espaço para cair.

Um Hrokar tentou agarrá-lo, usando o próprio corpo como escudo humano. Marcus sentiu a força absurda nos braços, os músculos do inimigo tremendo de desespero.

Ele cravou a gladius sob a costela exposta.

O Hrokar caiu lentamente, o olhar fixo em Marcus, não com ódio — mas com algo mais próximo de medo.

Então vieram os Urskael.

O aviso chegou antes do som.

— Assinaturas massivas detectadas! — gritou um operador. — Urskael em deslocamento rápido!

O chão começou a tremer.

Não como no campo aberto.

Aqui, o tremor vinha abafado, filtrado por toneladas de rocha, fazendo o teto liberar poeira fina que caía como neve escura.

— Recuar! — veio a ordem imediata. — Protocolo Urskael!

A formação romana não entrou em pânico.

Ela se dobrou.

Recuaram com precisão, atraindo o que vinha atrás. Marcus correu junto à linha, sentindo o peso dos passos da criatura se aproximando, cada impacto um lembrete de que aquilo não deveria estar ali.

O túnel se alargou à frente.

Uma câmara natural com o teto aberto.

A atmosfera roxa de Nhal'ruun quase chegava a iluminar o local.

— Agora! — gritou o centurião.

A unidade atravessou a abertura lateral no último segundo.

O primeiro Urskael surgiu logo depois.

Enorme.

Ainda com correntes rompidas presas ao corpo, placas ósseas raspando nas paredes, arrancando faíscas. Rugiu, enchendo a câmara com um som que fez os sensores do capacete de Marcus piscarem em alerta.

Então veio o silêncio.

Não o dos túneis.

O silêncio absoluto.

Um único disparo.

Do alto.

Um feixe fino, quase elegante, atravessou o crânio do Urskael de lado a lado. A criatura caiu antes mesmo de entender que havia sido alvo. O corpo desabou pesado, levantando uma nuvem de poeira.

— Alvo neutralizado. — disse calmamente a voz de Titus pelo canal. — Próximo.

Então houve um próximo.

Outro. E muitos outros mais.

Quando acabou a câmera estava inundada de corpos banhados no próprio sangue.

Marcus sentiu um arrepio que não tinha nada a ver com medo.

Era eficiência demais.

O avanço continuou por outros túneis.

Os túneis se tornavam mais estreitos, mais antigos. Os Hrokar restantes lutavam com ferocidade desesperada. Alguns gritavam ordens em sua língua. Outros simplesmente atacavam, como se quisessem morrer ali.

Marcus percebeu quando a resistência começou a quebrar.

Não foi um momento único.

Foi um esgotamento.

Golpes mais lentos. Ataques menos coordenados. Olhares que buscavam rotas que já não existiam.

O último confronto aconteceu em uma câmara baixa, o teto sustentado por pilares naturais rachados.

Um líder Hrokar avançou sozinho, o corpo coberto de símbolos tribais e cicatrizes antigas. Não usava arma. Apenas os punhos.

Marcus deixou o fuzil pendurado na bandoleira.

Ativou a gladius.

Eles se encararam por um segundo.

Não houve palavras.

O Hrokar atacou.

Marcus desviou e cortou diagonalmente.

A lâmina trespassou carne e osso de forma limpa.

Fim.

Quando o último disparo cessou, o túnel ficou novamente em silêncio.

Desta vez, definitivo.

— Setor limpo. — anunciou Marcus.

— Bom trabalho, oficial. — respondeu Titus pelo canal.

Marcus apoiou a mão na parede de rocha por um instante, sentindo a vibração residual desaparecer. O ar parecia mais pesado agora.

Como se o planeta tivesse prendido a respiração… e decidido soltá-la.

Acima deles, Nhal'Ruun continuava a girar sob o domínio romano.

Para as legiões, aquela fora a última batalha da campanha de Nhal'Ruun.

Para Marcus Valerius, fora a última batalha por Roma Aeterna, ele só não sabia disso.

CAPÍTULO 2

VISÕES

General Aelius Magnus, aguardava próximo a um transporte blindado, cercado por oficiais, mas ainda assim parecia isolado. A presença do general criava um espaço próprio ao redor dele, como se o ar se organizasse em respeito. Marcus aproximou-se e bateu o punho fechado contra o peito, saudação formal.

— General.

Aelius o observou por alguns segundos em silêncio. Não avaliava postura. Avaliava algo mais profundo.

— Você manteve a formação quando outros teriam recuado. — disse por fim. — Perdeu diversos homens no seu flanco e ainda assim não quebrou a linha.

— Ordens eram claras, senhor. — respondeu Marcus.

Aelius inclinou levemente a cabeça.

— Ordens são palavras. O que você fez foi interpretação do campo de batalha.

Um oficial ao lado pigarreou, claramente impaciente com a demora da conversa. Aelius ignorou.

— Nhal'Ruun cairá hoje. — continuou. — Os Hrokar restantes, seus filhos e os filhos de seus filhos marcharão sob nossas flâmulas.

Marcus não respondeu.

— Isso o incomoda, Oficial? — perguntou o general, sem acusação na voz.

Marcus hesitou apenas um instante.

— Não, senhor.

Aelius sustentou o olhar dele por mais alguns segundos, como se medisse a honestidade daquela resposta.

— Não existe problema em pensar, Marcus Valerius. — disse, finalmente. — Continue assim. Pensar demais enfraquece os soldados. Mas fortalece comandantes.

Ele deu meia-volta e começou a se afastar, mas parou por um instante.

— Marcus Valerius.

— Sim, senhor?

— Roma precisa de homens que saibam quando marchar… e quando parar. Não se esqueça disso.

O general seguiu adiante, deixando Marcus imóvel entre o campo de batalha e as luzes distantes dos Lumari. Pela primeira vez desde que pisara em Nhal'Ruun, Marcus sentiu que aquela vitória não havia terminado quando o último inimigo caiu.

Ela continuava.

Silenciosa.

Se infiltrando em pensamentos que ainda não sabiam como se organizar.

Ao longe, os Lumari apagavam parte de suas luzes, como se observassem à distância. E, acima de tudo, as naves romanas mantinham-se em órbita, imóveis, vigiando um planeta que já lhes pertencia.

O planeta era mais do que uma frente de guerra periférica. Era um eixo. Um dos poucos mundos ainda capazes de produzir Aethrakar em quantidade suficiente para sustentar a produção dos grandes cruzadores do Império Romano Estelar. Madeira metálica viva, rara, resistente às forças que dilaceravam o espaço durante as travessias de longa distância. Mundos que a possuíam haviam sido exauridos, queimados até o osso ou reduzidos a reservas controladas. Nhal'Ruun permanecia porque resistia, para Roma, era apenas um atraso administrativo.

Com aquela vitória, o Império não conquistara apenas território.

Ganhara tempo.

Décadas de extração segura. Séculos de hegemonia espacial. Mais gerações de cruzadoras capazes de atravessar o vazio interestelar e levar flâmulas vermelhas a sistemas que ainda ignoravam o que significava ouvir o nome de Roma pronunciado como sentença.

Nos dias que se seguiram, as legiões avançaram com método. Não como invasores apressados, mas como administradores da guerra. Pontes logísticas foram erguidas. Estradas de campanha cortaram o terreno rochoso. Postos de coleta surgiram próximos às florestas negras de Aethrakar, marcando árvores ancestrais com símbolos imperiais antes mesmo do primeiro corte.

Enquanto isso, os Lumari observavam.

Das águas rasas de seus mares bioluminescentes, viam naves romanas pousarem com a mesma precisão com que antes viam os Hrokar exigirem tributos no passado. Para os Lumari, a mudança parecia apenas de forma, não de essência. Onde antes havia senhores brutais e visíveis, agora havia administradores

sorridentes, contratos traduzidos e promessas de proteção.

Eles não compreendiam a diferença entre servidão e aliança.

Nunca haviam compreendido.

No começo, quando oficiais imperiais visitaram as cidades submersas, foram recebidos com curiosidade genuína. Os Lumari ofereciam plantas medicinais raras, corais vivos e organismos simbióticos que curavam feridas em minutos. Em troca, recebiam tecnologia básica, alimentos processados e a garantia de que "Roma cuidaria deles".

Roma cuidava.

Sempre cuidava.

Marcus acompanhou algumas dessas visitas à distância, observando criaturas anfíbias inclinarem-se em gestos que acreditavam ser de respeito mútuo. Ele notou como os oficiais anotavam tudo. Quantidades. Frequências. Ritmo de produção. Aquilo não era diplomacia.

Era inventário.

No relatório final da campanha, Nhal'Ruun foi classificado como **Mundo de Extração Estratégica Prioritária**. Os Lumari, como **Aliados Não-Cidadãos sob Proteção Imperial**. Os Hrokar, como **Força Hostil em Declínio**.

O vocabulário romano era impecável.

A realidade, menos.

Quando a última posição Hrokar relevante caiu, as flâmulas foram erguidas em pontos-chave do planeta. A águia metálica refletia o roxo do céu como se tivesse sido forjada ali desde o início. Para as legiões, era mais uma vitória registrada. Para os estrategistas, um sucesso absoluto.

E para Aelius Magnus, um passo além.

A vitória em Nhal'Ruun ecoou rápido.

Relatórios chegaram a Roma Aeterna antes mesmo que as naves partissem do sistema. No Senado, senadores citavam o nome de Aelius com respeito crescente. Nas ruas, o povo repetia histórias de uma campanha exemplar, de um general que vencera onde outros haviam falhado.

O Imperador também ouviu.

E ouviu com atenção.

A ordem de retirada veio dias depois, limpa, formal, definitiva. As legiões haviam cumprido sua função inicial. A extração ficaria a cargo de administradores civis e forças auxiliares. Marcus observou enquanto os últimos transportes subiam, carregando soldados, equipamentos e registros.

O Aethrakar ficava, por enquanto.

O Império avançava.

Quando a frota finalmente deixou a órbita de Nhal'Ruun, Marcus estava na plataforma de observação do cruzador, olhando o planeta encolher lentamente até se tornar apenas um ponto arroxeado no vazio.

Lá embaixo, os Lumari continuariam brilhando em seus mares.

Os Hrokar continuariam dominados.

E Roma continuaria extraindo.

Nada ali precisava mais dele.

A viagem de retorno foi silenciosa. Longa o suficiente para permitir que a mente vagasse, curta demais para qualquer resposta real. Marcus passou os primeiros ciclos em relatórios, revisões táticas, reuniões breves onde a palavra *sucesso* era repetida como um selo de aprovação automática.

Depois, vieram as horas vazias.

Foi nelas que os sonhos começaram.

Não eram pesadelos.

Eram… deslocamentos.

Na primeira vez, Marcus estava caminhando sobre areia.

Não areia comum — os grãos cintilavam com partículas ionizadas, reagindo à sua presença como se estivessem vivas. Cada passo deixava uma marca que demorava a desaparecer, como se o chão respirasse lentamente por baixo.

Ele ergueu o olhar.

O céu não era roxo.

Nem negro.

Era profundo.

Repleto de estrelas que ele nunca vira em nenhum mapa imperial, constelações impossíveis, galáxias tão próximas que pareciam tocar o horizonte. Algumas se

moviam devagar demais para serem fenômenos naturais. Outras pareciam observá-lo.

Marcus tentou falar.

Nenhum som saiu.

Então viu a água.

Ela escorria… para cima.

Rios azuis ascendiam do solo, fluindo contra a gravidade, formando arcos líquidos que se dissolviam em névoa luminosa antes de tocar o céu. A água brilhava como se carregasse memória, não apenas luz.

Ele estendeu a mão.

Sentiu calor.

Não queimava.

Na distância, algo se erguia.

Não uma cidade.

Um contorno.

Cristais enormes emergiam do solo como colunas orgânicas, atravessados por veios de luz branca e dourada. O vento — se aquilo podia ser chamado de vento — carregava um som baixo, quase um canto.

Não havia pessoas.

Mas havia presença.

Mas mesmo assim, Marcus sentiu que não estava sozinho.

Nem convidado.

Nem intruso.

Algo esperava.

Quando tentou se aproximar, o chão vibrou levemente. A areia ionizada começou a girar em espirais lentas, e o céu pareceu se curvar para dentro, como se o espaço estivesse sendo dobrado.

Foi então que acordou.

O coração batendo forte como se fosse sair do corpo.

O ar da cabine parecia seco, artificial, vazio de qualquer cheiro além de metal esterilizado.

Marcus ficou sentado por alguns segundos, os olhos fixos na parede escura, tentando ancorar a realidade.

— Apenas um sonho… — murmurou.

Mas o calor ainda estava em sua mão.

Ele passou os dedos lentamente pela palma, como se esperasse encontrar algum resíduo de luz azul, algum vestígio de areia viva.

Nada.

No visor da cabine, uma notificação silenciosa se acendeu:

APROXIMAÇÃO FINAL — ROMA AETERNA

Marcus levantou-se e caminhou até a janela.

Quando Roma Aeterna surgiu diante dele, foi como um choque.

O negro profundo do espaço foi substituído pelo brilho dourado das estruturas orbitais. Estações gigantescas flutuavam como templos suspensos. Rotas de tráfego luminosas riscavam o vazio em padrões ordenados. E, ao fundo, a Terra — não mais um planeta natural, mas o coração revestido de metal, mármore e luz.

A capital do Império.

Bela. Imensa. Incontestável.

Marcus sentiu algo que reconhecia bem.

Orgulho.

Mas, desta vez, ele veio acompanhado de algo novo. Uma pergunta silenciosa, ainda sem forma, ainda sem nome. E Roma, como sempre, não respondeu.

Roma Aeterna não recebia vencedores. Ela os celebrava.

A frota entrou no sistema em formação cerimonial, cruzadores alinhados em vetores perfeitos, flâmulas vermelhas projetadas em campos de luz que ondulavam no vazio como tecidos vivos. À medida que as naves se aproximavam da órbita baixa, a capital se revelava por completo: continentes urbanos interligados por arcos monumentais, cúpulas translúcidas refletindo o sol artificial, colunas de mármore sintético elevando-se por quilômetros, gravadas com símbolos antigos demais para precisarem de explicação.

Roma não precisava se apresentar.

Ela se impunha.

O desfile começou ainda no espaço.

Cruzadores avançavam lentamente sobre as grandes avenidas orbitais, enquanto plataformas cerimoniais se desprendiam e desciam em direção à superfície, carregando legiões completas. O povo se aglomerava em varandas, passarelas aéreas e praças suspensas, uma massa ordenada de vozes, cores e estandartes. A águia metálica do Império repetia-se em todas as direções, dourada, prateada, estilizada — o mesmo símbolo, mil variações, uma única ideia.

Vitória.

Marcus desceu junto à sua coorte, o peso da armadura agora diferente. Não mais urgência. Não mais tensão. Apenas presença. As ruas amplas de Roma Aeterna pareciam feitas para a marcha, cada passo ecoando como se o próprio chão reconhecesse o ritual. Crianças erguiam os braços, idosos inclinavam a cabeça, cidadãos repetiam slogans antigos como orações aprendidas antes mesmo da linguagem.

Roma protege.

Roma vence.

Roma permanece.

No centro do desfile, elevado em uma plataforma antigravitacional ornamentada como uma biga clássica reinterpretada pelo futuro, estava Aelius Magnus. O general mantinha a postura impecável, capa escura presa por broches dourados, o rosto sereno de quem não precisava sorrir para ser admirado. O nome dele ecoava em ondas, repetido pela multidão com a mesma cadência com que, séculos antes, outros nomes haviam sido consagrados.

Marcus observava em silêncio.

Sentia orgulho.

Sentia pertencimento.

Sentia, também, algo mais sutil: a consciência de que aquela aclamação não era apenas celebração, mas contabilidade política.

O desfile terminou diante do Grande Fórum Imperial, uma estrutura colossal aberta ao céu, cercada por colunas que sustentavam telas holográficas com cenas da campanha em Nhal'Ruun. A batalha era reproduzida com precisão estética: a marcha perfeita, o avanço cirúrgico, a vitória inevitável. Não havia sangue. Não havia Urskael caídos. Não havia Lumari observando à distância.

A história, ali, era limpa.

O Imperador surgiu envolto em luz controlada, vestes cerimoniais que misturavam o vermelho romano ao dourado sacralizado do poder eterno. Sua presença não exigia silêncio — ela o produzia. Quando falou, sua voz ecoou amplificada, clara, treinada para alcançar cada cidadão como se fosse individual.

— Roma agradece.

A frase simples foi recebida como um decreto divino.

— Nhal'Ruun continuará contribuindo para a segurança e prosperidade do Império. — prosseguiu. — Graças à disciplina de nossas legiões. À sabedoria de nossos comandantes. E à lealdade inquebrantável de Roma.

O olhar do Imperador pousou em Aelius Magnus por um breve instante. Um reconhecimento público. Um gesto político calculado.

A multidão explodiu novamente.

Marcus acompanhou o restante da cerimônia como se estivesse dentro de um sonho perfeitamente coreografado. Condecorações foram entregues. Nomes foram citados. Méritos foram registrados. Quando seu próprio nome ecoou brevemente entre centenas de outros, ele sentiu o peito se expandir.

Roma o via.

Roma o reconhecia.

Mais tarde, Marcus caminhava sem pressa pelas artérias inferiores da capital.

Sem armadura completa, sem insígnias ostensivas, vestia apenas o uniforme civil regulamentar dos legionários em descanso — tecido escuro, cortes clássicos, funcionalidade absoluta. Ainda assim, não passava despercebido. Havia algo na postura, no olhar sempre atento, no modo como ocupava o espaço, que denunciava o soldado mesmo fora do campo de batalha.

Roma Aeterna pulsava ao redor.

As vias inferiores fervilhavam de vida. Lanternas de Lúmen flutuavam presas a colunas suspensas, projetando luz dourada sobre o mármore sintético das construções. Comerciantes anunciavam produtos em dezenas de variações do latim. Música ecoava de estabelecimentos abertos, misturando instrumentos antigos a sintetizadores imperiais. O cheiro de especiarias, álcool destilado e ozônio dos sistemas de transporte se misturava no ar.

Era Roma como o povo a vivia.

Não a Roma dos painéis monumentais.

Mas a Roma das ruas.

— Por Cristo e todos seus santos! Você ainda anda como se sempre estivesse em formação, Marcus?

A voz veio da lateral, carregada de ironia conhecida.

Marcus virou o rosto antes mesmo de localizar a origem exata do som. O instinto precedeu a razão — como sempre.

Titus estava encostado em uma coluna de suporte, braços cruzados, um meio sorriso no rosto. O uniforme civil também estava ali, mas nele parecia quase uma concessão relutante. O cabelo escuro estava solto, desalinhado de propósito, a barba escura sempre por

fazer e os olhos percorriam a rua com um misto de curiosidade e tédio calculado.

— Titus, e você ainda falando demais — respondeu Marcus. — Achei que estivesse de plantão na guarda.

— Troquei o turno. — Titus se afastou da coluna. — Ou melhor, fugi dele. Se ficasse mais uma hora ouvindo recrutas reclamarem da comida, eu desertaria e fugiria para o meio do deserto.

Marcus soltou um breve ar pelo nariz. Um quase riso.

— Você não parece alguém que foge da batalha.

— Não fujo. — Titus deu de ombros. — Eu escolho batalhas melhores.

Eles caminharam lado a lado por alguns metros, absorvendo o fluxo da cidade. Nenhum dos dois parecia apressado. Era raro, e ambos sabiam.

— Roma está diferente hoje — comentou Titus, quebrando o silêncio. — Mais barulhenta, talvez por conta do legionário preferido de Roma.

Olhou para Marcus com expressão irônica.

— Ou talvez por conta do falastrão preferido de Roma — respondeu Marcus.

Titus inclinou a cabeça, como se considerasse a resposta.

— Talvez. — Fez uma pausa. — Ou talvez seja só a cidade tentando lembrar a gente de que existe algo além da guerra.

Marcus não respondeu de imediato.

Passaram por um grupo de músicos tocando em uma plataforma elevada. Mais adiante, jovens riam sentados à beira de uma fonte luminosa. Um casal discutia em voz baixa próximo a uma vitrine holográfica que projetava símbolos antigos de Roma misturados a constelações.

— Você anda muito quieto ultimamente — continuou Titus. — Até para você.

— Gostar do silêncio não é crime.

— Ainda não... — Titus sorriu de canto. — Mas quando você começa a pensar demais, geralmente alguém sangra depois.

Marcus lançou-lhe um olhar breve.

— E você continua fazendo piadas quando deveria se calar.

— É o que me mantém vivo.

Eles pararam diante de uma encruzilhada iluminada por lanternas suspensas. À frente, uma via mais estreita descia para os setores noturnos — onde a música era mais baixa, a luz mais quente e as regras… mais flexíveis.

Titus acompanhou o olhar de Marcus.

— Folga completa hoje — disse ele. — Sem ordens. Sem relatórios. Sem águias observando cada passo.

Marcus hesitou por um instante.

A cidade respirava.

E, pela primeira vez em dias, ele respirava com ela.

— Mostre o caminho — disse.

O sorriso de Titus se alargou.

— Sabia que você não recusaria.

Eles seguiram pela via descendente, desaparecendo pouco a pouco no coração noturno de Roma Aeterna.

As Cortes de Lúmen ocupavam um setor antigo da cidade, reformado tantas vezes ao longo dos séculos que já não pertencia a época alguma.

A entrada era discreta: colunas de mármore escuro, inscrições em latim antigo entrelaçadas a circuitos luminosos, e uma luz quente que parecia absorver o ruído das ruas antes mesmo de se atravessar o limiar. Ao entrarem, Marcus sentiu o ar mudar — mais denso, perfumado, carregado de música suave e vozes contidas.

Nada ali era demasiadamente vulgar.

Nada era gratuito.

As cortesãs circulavam pelo salão com naturalidade estudada. Usavam túnicas leves, inspiradas nos trajes clássicos de Roma, mas confeccionadas com tecidos translúcidos de tecnologia avançada, que ao reagirem à luz e ao movimento revelavam todas as curvas de quem as usavam. Havia mantos curtos presos por broches holográficos, sandálias de fibras metálicas delicadas, joias que pulsavam suavemente conforme o ritmo da música.

Beleza pensada.

Companhia calculada.

Marcus e Titus foram conduzidos a uma mesa semi-isolada, próxima a uma fonte de Lúmen líquido que corria em padrões geométricos lentos. O som da água criava uma barreira natural contra conversas alheias.

— Admito — disse Titus, sentando-se —, isso aqui é melhor do que as cantinas militares.

— Qualquer coisa é — respondeu Marcus, acomodando-se. — E também parece ser um lugar mais honesto.

Titus riu baixo.

— Honestidade é algo superestimado.

Uma das cortesãs se aproximou. Tinha a pele clara, cabelos escuros presos por fios dourados e um olhar atento, mais observador do que sedutor. Inclinou levemente o corpo de forma consciente, revelando um flash de seus seios para os dois clientes.

— Vinho Imperial? — perguntou.

— Duas taças — respondeu Titus. — E algo forte também. Tivemos um dia longo.

Ela assentiu e se afastou sem pressa.

— Aqui realmente é melhor que qualquer cantina militar — disse Titus, sorrindo.

Marcus riu baixo.

Por alguns instantes, ficaram em silêncio, ouvindo a música — uma fusão de cordas antigas com notas sintéticas profundas.

— Lembra de Karthéa-9? — disse Titus de repente. — Campanha urbana. Céu sempre cinza.

Marcus apoiou o antebraço na mesa.

— Como esquecer? — respondeu. — Avançávamos metro por metro. Escudos levantados. Cada esquina parecia uma emboscada.

— Eu estava três níveis acima de você — comentou Titus. — Linha de tiro limpa… até tudo ir pro espaço.

Marcus assentiu lentamente.

— Você derrubou aquele canhão automático antes que ele nos alcançasse.

— Quase não consegui — disse Titus. — O alvo se movia entre os civis.

— Mas conseguiu.

Titus fez um gesto vago com a mão.

— É mais fácil puxar o gatilho quando você não vê o rosto de quem está embaixo.

Marcus não respondeu de imediato.

A cortesã retornou, trazendo as bebidas. O líquido encarnado brilhava sob a luz quente. Ela se afastou novamente, deixando-os a sós.

Marcus bebeu um gole curto.

— Em Nhal'Ruun foi diferente — disse. — Lá não havia onde se esconder. Bem, pelo menos não para nós.

— Nhal'Ruun … — Titus suspirou. — Vocês na linha de frente, escudo contra criatura, contra aliens, contra tudo. Nós apenas cobrindo o avanço.

— Você chama aquilo de "apenas"? — Marcus ergueu o olhar.

— Chamo de distância segura — respondeu Titus. — Você sempre esteve onde a batalha realmente acontecia.

Houve uma pausa.

— Às vezes — continuou Titus — eu invejo isso. A clareza de saber exatamente quem está diante de você.

Marcus girou o copo lentamente.

— Clareza é um luxo raro — disse. — Mesmo quando o inimigo está a um braço de distância.

Titus observou o salão por um instante. Risos contidos. Conversas baixas. Um Império em descanso.

— Engraçado — disse ele — como lugares assim fazem a guerra parecer distante. Quase… irreal.

— É para isso que eles existem — respondeu Marcus. — Para lembrar que tudo está sob controle.

Titus o encarou.

— E está?

Marcus não respondeu.

A música mudou levemente. Um tom mais grave, mais introspectivo.

— Aproveite a noite — disse Titus, erguendo a taça. — Talvez amanhã voltemos a ser só peões no tabuleiro de alguém.

Marcus tocou a taça na dele, num gesto curto.

— Pelo amanhã!

Eles beberam.

E por algumas horas, Roma Aeterna pareceu apenas uma cidade viva — não um império em queda.

Marcus se despediu de Titus sem saber que seria a última vez que se veriam em muitos anos, Titus estava ocupado demais com os seios da cortesã para perceber a importância daquele momento.

Marcus deixou as Cortes de Lúmen quando o céu artificial de Roma Aeterna começava a clarear.

Era uma mistura do amanhecer verdadeiro com uma simulação que embelezava o céu o bastante para enganar os olhos. Tons dourados surgiam entre as torres, projetados por satélites ocultos, enquanto o tráfego aéreo diminuía gradualmente. A cidade entrava em seu modo mais silencioso.

Ele caminhou sozinho.

As avenidas internas estavam quase vazias, limpas, organizadas. Drones de manutenção deslizavam sem ruído, ajustando painéis, recalibrando luzes, removendo qualquer vestígio da noite. Roma não dormia; apenas trocava de função.

A casa de Marcus ficava em um complexo residencial destinado a oficiais de média patente. Não era luxuosa, mas tampouco simples. Um equilíbrio cuidadosamente calculado entre mérito e contenção.

A porta reconheceu sua presença e se abriu.

O interior era amplo, geométrico. Paredes claras, detalhes em bronze fosco, símbolos romanos discretos integrados à arquitetura. Um pequeno altar doméstico ocupava um dos cantos — não religioso, mas simbólico:

a águia imperial, a inscrição *Virtus et Ordo*, e o emblema da legião à qual servira.

O silêncio da casa era absoluto.

Ele se sentou por um instante.

Pensou em Karthéa-9.

Pensou em Nhal'Ruun .

Pensou no que vinha depois.

A cama era simples, mas confortável. Tecidos inteligentes ajustaram-se à sua temperatura corporal assim que se deitou. Marcus fechou os olhos.

Dormiu sem sonhar.

O chamado veio como um corte.

Um pulso sonoro breve, seco, seguido da ativação automática dos painéis da casa. Marcus abriu os olhos no mesmo instante, já desperto, o corpo reagindo antes da mente.

— ***Marcus Valerius*** — disse a voz. Reconhecível. Controlada. — ***Aqui é Aelius.***

A projeção surgiu no centro do aposento. Aelius estava trajado de forma formal demais para aquele horário. O rosto rígido denunciava urgência contida.

— Você foi convocado — continuou. — Agora.

Marcus sentou-se na cama.

— Qual a natureza do chamado? — perguntou.

Houve uma pausa mínima. Quase imperceptível.

— O Imperador deseja vê-lo — disse Aelius. — Pessoalmente.

Marcus permaneceu em silêncio.

— Isso não estava agendado — acrescentou Aelius. — E não deve ser discutido com ninguém. Nem mesmo outros oficiais.

Marcus se levantou.

— Onde?

— Setor interno do Grande Palácio Imperial — respondeu Aelius. — Transporte já está a caminho.

A projeção começou a se dissipar, mas Aelius hesitou por um instante antes de encerrar a transmissão.

— Marcus — disse, em tom mais baixo. — Vá preparado para ouvir coisas que não constam nos registros oficiais.

A imagem desapareceu.

O silêncio voltou a dominar o aposento.

Marcus ficou imóvel por alguns segundos, sentindo o peso do aviso se acomodar em sua mente. Vestiu-se com rapidez, acionando os compartimentos de armadura. Cada peça se encaixava como se sempre tivesse estado ali, esperando.

Quando deixou a casa, o céu artificial de Roma Aeterna já estava prestes a escurecer e as celebrações começavam a tomar as ruas novamente.

Ele não sabia ainda.

Mas aquele seria o momento exato em que sua vida deixaria de seguir o fluxo previsível do Império.

E, pela última vez, Marcus atravessaria Roma sem desconfiar de cada sombra.

O Senado reuniu-se quando as celebrações ecoavam pela cidade.

Do lado de fora, Roma Aeterna vibrava em festa contínua. Ao longe, sinos cerimoniais anunciaram o início das celebrações noturnas. Luzes vermelhas e douradas acenderam-se em padrões geométricos, transformando a cidade em um espetáculo contínuo. Drones cerimoniais cruzavam o céu lançando partículas douradas. Multidões lotavam as avenidas centrais, saudando legiões que já haviam retornado às casernas há dias. O nome de Nhal'Ruun era repetido como símbolo de vitória absoluta.

Do lado de dentro, o ar era frio.

O Salão Senatorial mantinha sua arquitetura ancestral apenas na aparência. Colunas de mármore branco sustentavam não mais um teto, mas uma abóbada holográfica que projetava mapas estelares, fluxos comerciais e gráficos de extração em tempo real. Cada estrela representava um mundo sob domínio romano. Algumas pulsavam mais intensamente.

Nhal'Ruun era uma delas.

— Os números superaram as projeções iniciais — disse um senador de toga negra reforçada com fios de ouro, deslizando os dedos por um painel pessoal. — Extração de Aethrakar estável. Fauna hostil neutralizada. Populações nativas… contidas.

— Contidas é uma palavra elegante — respondeu outro, sem disfarçar o sorriso. — Prefiro otimizadas.

Algumas risadas discretas percorreram o salão.

O holograma central se expandiu, exibindo imagens comparativas: Nhal'Ruun antes e depois da campanha. Regiões marcadas em vermelho tornaram-se douradas. Linhas de transporte surgiam onde antes havia território hostil.

— O interessante — continuou o primeiro senador — é como o modelo se aproxima do caso Vastara. Resistência inicial forte, recursos estratégicos raros, população nativa fragmentada…

— …e perfeitamente gerenciável após a quebra do poder nativo local — completou uma senadora, ajustando um implante ocular que projetava dados diretamente em sua retina. — Vastara rendeu por séculos. Nhal'Ruun pode render mais. Aprendemos com os erros.

— Vastara não foi um erro. — corrigiu alguém do fundo. — Foi um sucesso que exigiu… ajustes.

Silêncio breve.

Todos sabiam o que ajustes significava.

— A diferença — disse outro senador, mais velho, a voz carregada de autoridade acumulada — é que agora não precisamos enterrar mundos inteiros para explorá-los. — Fez um gesto vago com a mão. — Basta administrar expectativas. Aliados úteis. Inimigos localizados.

O holograma mudou novamente.

Agora mostrava os Lumari.

Cidades submersas brilhando em tons suaves. Indicadores verdes ao lado de seus nomes:

Cooperação, **Produção**, **Estabilidade Cultural**.

— Fascinantes criaturas. — comentou a senadora do implante ocular. — Compartilham tudo voluntariamente. Não exigem cidadania. Não questionam contratos.

— Ideais. — concordou outro. — Como Vastara deveria ter sido desde o começo.

Alguns desviaram o olhar por um instante.

— O importante — retomou o senador de toga negra — é que o modelo funciona. Nhal'Ruun prova que não precisamos de governadores carismáticos ou campanhas longas demais. Precisamos de eficiência.

Ele ampliou um gráfico final.

PROJEÇÃO DE LUCRO — 200 CICLOS IMPERIAIS

Os números eram obscenos.

— O Imperador ficará satisfeito. — disse alguém.

— O Imperador está satisfeito. — corrigiu outro. — Caso contrário, não haveria desfile.

Uma pausa calculada.

— Magnus consolidou Nhal'Ruun com precisão exemplar. — disse a senadora do implante ocular, projetando dados adicionais. — Campanha limpa. Baixo custo político. Alto retorno material.

O holograma mudou brevemente, exibindo o perfil de **Aelius Magnus**: campanhas bem-sucedidas, mundos pacificados, índices de aprovação entre as legiões.

— Um general eficiente demais para seu próprio bem. — comentou um senador mais velho. — Começa a fazer perguntas. Questiona excessos logísticos. E pior… é respeitado pelos soldados.

— Popularidade é sempre um risco. — respondeu outro, com um sorriso curto. — Roma tolera vitórias. Não tolera ídolos fora de controle.

— Ainda assim, enquanto servir, é útil. — concluiu o primeiro. — E enquanto não esquecer quem o nomeou general.

Uma breve pausa.

— E o oficial que lutou sob o comando dele? — perguntou a senadora, quase como curiosidade casual.
— Marcus Valerius.

Alguns painéis exibiram rapidamente seu perfil: condecorações, vitórias, relatórios de campo.

— Potencial interessante. — disse o senador mais velho. — Disciplina sólida. Capacidade de liderança. Poderia chegar longe.

— Se não seguir o mesmo caminho de Magnus. — acrescentou outro, em tom neutro demais para ser inocente.

— Ou se não se tornar popular demais. — murmurou alguém.

— Por ora — concluiu o primeiro senador — fez exatamente o que Roma espera. Nada além disso.

O holograma se retraiu.

A sessão foi encerrada sem votos formais, sem discursos finais. Decisões já haviam sido tomadas antes mesmo de serem verbalizadas.

Quando os senadores começaram a se dispersar, a abóbada projetou uma última imagem: Roma Aeterna vista do espaço, dourada, absoluta, cercada por rotas comerciais pulsantes.

Um mundo perfeito.

Ou quase.

Do lado de fora, os sinos cerimoniais continuavam a tocar.

E, em algum ponto da cidade, Marcus Valerius ainda acreditava que Roma precisava apenas seguir funcionando.

CAPÍTULO 3
A MISSÃO SECRETA

À medida que o transporte avançava, Roma Aeterna mudava de face. As avenidas amplas davam lugar a vias mais contidas, ladeadas por edifícios de linhas severas, menos ornamentados, mais antigos. Ali, a estética cedia espaço à função.

O coração do poder não precisava só impressionar.

Precisava controlar.

O Grande Palácio Imperial erguia-se sobre uma elevação artificial no centro administrativo da capital, uma fusão de arquitetura clássica e engenharia estelar. Colunas gigantescas sustentavam plataformas suspensas, enquanto jardins geométricos se espalhavam entre estruturas de mármore claro e metal polido. Nada era excessivo. Nada era improvisado.

Marcus desceu sozinho.

Guardas pretorianos flanqueavam a entrada, imóveis como estátuas vivas. Suas armaduras eram diferentes das legiões comuns — mais elegantes, mais antigas no desenho, mas tecnologicamente superiores. Cada detalhe transmitia uma mensagem clara:

Aqui, a força não marchava.

Ela aguardava.

Marcus apresentou a identificação. Os portões se abriram sem ruído.

O interior do palácio era amplo e silencios. Pisos refletivos, paredes adornadas com baixos-relevos narrando vitórias imperiais, cúpulas que filtravam a luz natural em tons quentes e controlados. O ar era fresco, limpo, constante. Um ambiente projetado para acalmar — ou intimidar.

Ele caminhou por corredores longos, acompanhado apenas pelo eco dos próprios passos.

Pensou em Aelius Magnus.

O general fora convocado pessoalmente pelo Imperador, sabia disso. Rumores circulavam desde o fim do desfile. Audiência privada. Reconhecimento direto. Uma honra reservada a poucos. Marcus sentiu um orgulho, reflexo quase automático. Aelius merecia. Nhal'Ruun fora apenas mais uma prova disso.

As portas da sala de audiência se abriram.

Aelius estava lá.

Postado a alguns metros do centro do salão, postura impecável, mãos cruzadas atrás das costas. Ao perceber a presença de Marcus, voltou-se levemente, apenas o suficiente para reconhecê-lo. Nenhuma palavra. Nenhum gesto desnecessário.

O Imperador aguardava à frente.

Sentado em um trono elevado por degraus largos, não como um soberano distante, mas como alguém que desejava ser visto de perto. Sua presença era diferente da que se manifestara no fórum. Menos teatral. Mais densa. O tipo de autoridade que não precisava de projeções.

— Marcus Valerius. — disse ele, a voz baixa, controlada. — Aproxime-se. General Aelius te indicou pessoalmente para esse encontro.

Marcus obedeceu, sentindo o peso invisível do espaço se fechar ao redor. Parou à distância regulamentar e inclinou a cabeça.

— É uma honra, majestade.

O Imperador sorriu levemente.

— Honra é uma palavra útil. Mas hoje prefiro eficiência.

Ele ergueu a mão, e um holograma surgiu entre eles. Não era um mapa comum. Tratava-se de uma projeção estelar complexa, múltiplos sistemas destacados, rotas marcadas em vermelho.

— O Império cresce. — continuou. — E, com ele, crescem as ameaças. Rebeliões. Dissidências. Ideias perigosas.

O olhar dele deslizou brevemente até Aelius.

— Precisamos de homens capazes de resolver problemas antes que eles se tornem grandes demais.

O holograma ampliou-se, fixando-se em um sistema distante, fora das rotas principais.

— General Aelius Magnus foi escolhido para liderar uma missão especial. — disse o Imperador. — Longe. Delicada. Crucial.

Ele voltou-se novamente para Marcus.

— E você irá como seu oficial principal.

O coração de Marcus acelerou por um instante, contido imediatamente pelo treinamento.

— Onde, majestade?

O Imperador inclinou-se levemente à frente.

— Onde Roma não pode falhar.

O silêncio que se seguiu não era vazio.

Era prenúncio.

O Imperador não explicou mais do que o necessário.

O holograma permaneceu suspenso entre eles, girando lentamente, exibindo um sistema estelar distante, isolado das rotas comerciais principais. Um ponto periférico, deliberadamente fora do foco público. Não havia dados abertos. Nenhum histórico visível. Apenas coordenadas e um nome que não significava nada para Marcus.

— Vocês partirão nas próximas horas. — disse o Imperador. — A frota já está sendo preparada.

Aelius manteve-se imóvel, mas Marcus percebeu o leve tensionar dos ombros. Não era surpresa. Era cálculo.

— O objetivo oficial — continuou o Imperador — é conter focos rebeldes antes que se espalhem. Interferências externas foram detectadas. Influência ideológica. Recursos desviados. Nada que não possa ser resolvido com rapidez.

Rapidez.

A palavra pairou no ar com peso excessivo.

— Haverá cobertura política? — perguntou Aelius, pela primeira vez desde o início da audiência.

O Imperador inclinou a cabeça, como quem considera uma pergunta óbvia demais.

— Haverá silêncio. — respondeu. — E, neste caso, silêncio é a melhor cobertura possível.

Marcus sentiu o estômago se contrair levemente.

Missões rápidas.

Missões silenciosas.

Missões longe demais para testemunhas.

— Esta operação não será discutida no Senado. — acrescentou o Imperador. — Não antes de seu término. Roma precisa de resultados, não de debates.

O olhar dele voltou-se novamente para Marcus.

— Você foi indicado por seu general por um motivo. Disciplina. Lealdade. Capacidade de agir sem hesitação.

Marcus endireitou a postura.

— Servirei conforme as ordens, majestade.

O Imperador sorriu outra vez. O mesmo sorriso breve, controlado.

— É exatamente isso que espero.

Com um gesto simples, o holograma se dissipou. A audiência havia terminado.

Nenhum juramento foi exigido.

Nenhuma bênção foi concedida.

Apenas ordens.

Do lado de fora do palácio, Roma Aeterna parecia a mesma. As celebrações ainda ecoavam à distância. Luzes, música, vozes. O Império seguia funcionando com a perfeição artificial habitual. Marcus caminhou ao lado de Aelius em silêncio por alguns instantes, descendo as escadarias monumentais que levavam de volta à cidade.

— General… — começou Marcus, hesitando.

Aelius ergueu a mão, interrompendo-o antes mesmo que a pergunta tomasse forma.

— Não aqui. — disse, em tom baixo. — Em Roma, até o mármore escuta.

Eles seguiram até um transporte fechado, sem identificação externa. O veículo partiu assim que as portas se selaram, afastando-se das áreas iluminadas e mergulhando em corredores menos utilizados da capital.

Só então Aelius falou.

— Esta missão não é sobre rebeldes. — disse. — Pelo menos, não apenas.

Marcus voltou-se para ele, atento.

— Há algo que eu precise saber, senhor?

Aelius fitou o reflexo da cidade passando velozmente pelos painéis laterais. Por um momento, parecia pesar cada palavra antes de pronunciá-la.

— Há momentos em que Roma testa seus próprios generais. — disse, por fim. — Não com força. Mas com distância.

Marcus compreendeu o que aquilo significava.

— Estão nos afastando.

— Sim. — respondeu Aelius. — E quando o fazem sem explicação clara… é porque algo está sendo reorganizado aqui, existem rumores sobre a administração do Imperador... Ele teme uma rebelião.

Marcus assentiu tentando controlar o próprio medo.

— Uma rebelião? — disse finalmente.

— Ele teme que alguém tome seu lugar. Não acontece algo assim há séculos... — respondeu. — Não sei o que pode acontecer daqui para frente Marcus, caso algo aconteça comigo você deve tentar se encontrar com o General Lucius, ele está no Sistema Viridis Profundus, no planeta Yáruk-En.

— Senhor... —

Aelius o interrompeu com um gesto de mão que Marcus já sabia ser característico do General.

O transporte desacelerou ao se aproximar do distrito militar. À frente, os hangares se erguiam como catedrais de aço e luz branca, já preparados para a partida.

— Lembre-se disso, Marcus. — continuou o general. — Não confunda honra com cegueira. Roma

recompensa a lealdade… mas teme quem se torna popular demais.

Marcus assentiu, sentindo o peso daquelas palavras se alojar lentamente.

A missão especial não era apenas uma missão.

Era um movimento.

E ele fazia parte dele.

Quando desceram do transporte, a frota já estava quase pronta. Técnicos, oficiais e soldados moviam-se com precisão silenciosa. Nenhuma cerimônia. Nenhum anúncio. Apenas preparação.

Roma não se despedia.

Ela deslocava peças.

Marcus observou os cruzadores alinhados, imponentes, prontos para partir rumo ao desconhecido.

Pensou em Nhal'Ruun.

Pensou no desfile.

Pensou no Imperador.

E, pela primeira vez desde que se tornara soldado, percebeu algo com clareza inquietante.

Nem toda ordem era dada com boas intenções. Algumas existiam apenas para manipular o tabuleiro em favor de quem tinha mais poder.

O Imperador estava sozinho.

O salão superior do palácio não era feito para audiências. Não havia trono ali, nem estandartes, nem símbolos ostensivos de poder. Apenas uma varanda ampla, aberta para o vazio, onde o mármore branco encontrava o negro absoluto do espaço.

Roma Aeterna se estendia abaixo dele.

Não como uma cidade — mas como um organismo vivo. Camadas de estruturas orbitais, anéis de tráfego luminoso, cúpulas translúcidas e torres impossivelmente altas refletiam tons dourados e vermelhos. À distância, parecia eterna. Imutável. Perfeita.

O Imperador manteve as mãos apoiadas no parapeito por um longo tempo, observando.

Pensava em Aelius Magnus.

Um general eficiente. Inteligente demais para não perceber padrões. Perigoso demais para fingir que não os via. Homens assim não se rebelavam por ambição — rebelavam-se por convicção. E convicções eram mais difíceis de esmagar do que exércitos.

Ele não suspirou.

Não demonstrou irritação.

Apenas registrou.

Depois, pensou em Marcus Valerius.

Mais jovem. Mais maleável. Ainda moldado pela ideia de dever. Um oficial que executava ordens… mas começava a notar as engrenagens por trás delas. Ainda não questionava em voz alta — o tipo mais perigoso era sempre o que observava em silêncio.

O Imperador inclinou levemente a cabeça, como se ajustasse um ângulo invisível.

— Padrões se repetem… — murmurou para ninguém.

A galáxia estava cheia de exemplos. Generais que começaram leais. Campeões que começaram úteis. Todos acreditavam que sua exceção pessoal os tornava imunes ao destino comum.

Nenhum era.

O Imperador tocou um comando discreto em seu implante neural. Não para dar uma ordem imediata. Apenas para registrar prioridades.

Aelius Magnus deveria ser tratado como uma futura ameaça concreta.

Marcus Valerius, como uma possível futura ameaça.

Era necessário intervir.

A força de Roma não vinha apenas de suas legiões, mas de sua capacidade de antecipar desvios antes que se tornassem caminhos.

Lá embaixo, Roma continuava brilhando.

Ignorante.

Confiante.

E, como sempre, absolutamente dependente de que alguém escolhesse por ela.

O Imperador afastou-se da varanda.

Quando as portas se fecharam atrás dele, o reflexo dourado da cidade permaneceu no mármore por alguns segundos — antes de desaparecer por completo.

CAPÍTULO 4
PRIMEIRAS FISSURAS

A frota deixou Roma Aeterna sem aplausos.

Não houve desfile. Não houve transmissão pública. As cruzadoras partiram em sequência controlada, abandonando as docas orbitais como lâminas sendo recolhidas a uma bainha invisível. À distância, a capital permaneceu brilhando, intocável, envolta em seu próprio espetáculo contínuo. Em poucos minutos, Roma tornou-se apenas mais uma luz entre milhares no mapa estelar.

Marcus observava da plataforma de comando secundária, mãos cruzadas atrás das costas, postura impecável. O treinamento exigia presença. A mente, no entanto, insistia em vagar.

A rota traçada no holograma não seguia os corredores comerciais usuais. Era longa. Tortuosa. Passava por sistemas pouco explorados, regiões onde a influência imperial existia mais como ameaça implícita do que como presença concreta.

— Estamos fora das rotas em menos de duas horas. — informou um oficial de navegação. — Comunicação em malha reduzida assim que cruzarmos o próximo ponto de dobra.

Aelius assentiu.

— Proceda.

A palavra ***dobra*** sempre carregava um peso especial. A tecnologia que permitia à frota cruzar distâncias interestelares era antiga, perigosa e deliberadamente restrita. Núcleos de matéria escura eram ativados em sincronia com micro-singularidades estabilizadas, rasgando o espaço em corredores temporários que só cruzadores romanos eram capazes de suportar.

Aethrakar nos cascos.

Cálculo extremo.

Nenhuma margem para erro.

Marcus sentiu a vibração profunda atravessar a estrutura da nave quando os motores principais começaram a carregar. Luzes internas ajustaram-se automaticamente. O espaço à frente do cruzador distorceu-se, curvando-se como vidro aquecido.

— Dobra em trinta segundos. — anunciou a nave.

Durante a contagem, ninguém falou.

Quando o salto ocorreu, não houve impacto, nem sensação física clara. Apenas a impressão de que o universo havia sido brevemente desligado e religado em outra posição. O mapa estelar se reorganizou, e Roma Aeterna desapareceu por completo.

O silêncio que se seguiu foi diferente.

Mais pesado.

Dias se passaram em deslocamento contínuo. A rotina a bordo manteve-se rígida: relatórios, simulações, treinamentos, revisões táticas. Tudo funcionava. Tudo estava correto. Ainda assim, Marcus começou a notar pequenas ausências.

Relatórios incompletos.

Dados históricos omitidos.

Arquivos de inteligência selados além do nível padrão da missão.

— General. — disse Marcus, em uma das sessões de análise. — Não há registros civis detalhados do sistema de destino. Nem estimativas populacionais consistentes.

Aelius observou o holograma por alguns segundos antes de responder.

— Eu notei. — disse. — E isso não é descuido.

Marcus manteve o silêncio, esperando.

— Quando Roma apaga dados — continuou o general — é porque não quer que alguém chegue com expectativas. Ou com perguntas.

A resposta não trouxe conforto.

Na quarta semana de viagem, cruzaram o último ponto de comunicação estável. As mensagens passaram a sofrer atrasos severos. Atualizações externas cessaram por completo. A frota estava, oficialmente, fora do alcance imediato de Roma Aeterna.

— Comunicação reduzida a pacotes emergenciais. — informou o operador. — Qualquer solicitação levará dias para resposta.

Aelius assentiu mais uma vez.

— Prosseguir.

Foi naquele momento que Marcus compreendeu a extensão real do afastamento.

Não era apenas distância física.

Era isolamento.

Naquela noite, enquanto observava o mapa estelar silencioso, Marcus lembrou-se das palavras do general, ditas ainda no transporte fechado, longe das paredes que escutavam.

Roma recompensa a lealdade… mas teme quem se torna indispensável.

Ele pensou no Imperador.

Pensou no Senado.

Pensou em Nhal'Ruun.

E, pela primeira vez desde que deixara a capital, sentiu que aquela missão não fora concedida.

Fora concedida aos outros.

A frota avançava agora rumo a um sistema sem nome conhecido, um ponto perdido no vazio onde Roma não podia falhar — e onde ninguém ouviria se algo desse errado.

À frente, no centro do holograma, o destino pulsava em vermelho discreto.

Um sistema distante.

Uma missão especial.

Um silêncio planejado.

E Marcus Valerius marchava diretamente para dentro dele.

O sistema surgiu no mapa como uma anomalia discreta.

Uma estrela pálida, envolta por poeira cósmica e destroços orbitais antigos, circundada por poucos planetas de massas irregulares. Nada ali indicava valor estratégico imediato. Nenhum corredor comercial. Nenhuma estação registrada. Nenhum sinal de vida civil reconhecido pelos bancos de dados imperiais.

— Confirmação visual do sistema-alvo. — anunciou o operador sensorial. — Leituras inconsistentes de energia nos planetas internos.

Aelius aproximou-se do console principal.

— Especificar.

— Fontes múltiplas. Não padronizadas. — respondeu o oficial. — Não correspondem a assinaturas rebeldes conhecidas… nem a tecnologia civil catalogada.

Marcus sentiu um arrepio sutil.

— Isso não estava nos relatórios. — disse.

— Não. — concordou Aelius. — E não é coincidência.

A frota reduziu velocidade ao adentrar a órbita externa do sistema. Sensores de longo alcance varriam o espaço com cautela, projetando sombras de dados incompletos no holograma central. Fragmentos metálicos antigos flutuavam à deriva — restos de naves destruídas há anos, talvez décadas. Nenhuma possuía identificação clara.

— Campo de batalha antigo. — murmurou Marcus.

— Ou aviso. — corrigiu o general.

Antes que pudessem aprofundar a análise, os sensores dispararam alertas simultâneos.

— Contato! — gritou o operador. — Múltiplas assinaturas surgindo do hemisfério oculto do terceiro planeta!

O holograma explodiu em atividade.

Formações de naves emergiram do vazio em vetores precisos demais para serem improvisados. Não eram cruzadores pesados. Eram embarcações de ataque rápido, blindagem escura, linhas angulares, propulsionadas por sistemas híbridos que misturavam tecnologia conhecida e algo… diferente.

— Não correspondem a nenhum modelo rebelde registrado. — disse o oficial de inteligência, a voz tensa.

— Formação em ataque. — completou outro.

Aelius não hesitou.

— Escudos máximos. Formação defensiva padrão. — ordenou. — Não avancem. Não persigam.

Marcus sentiu o impacto inicial segundos depois.

O primeiro disparo inimigo atingiu o flanco de uma das naves auxiliares, atravessando o escudo como se

tivesse sido calibrado especificamente para ele. O cruzador menor explodiu em silêncio absoluto, fragmentando-se em milhares de detritos incandescentes.

— Escudos comprometidos! — gritou alguém.

— Eles conhecem nossas frequências. — disse Marcus, percebendo o padrão quase instantaneamente.

Aelius cerrou o maxilar.

— Sim. — respondeu. — E isso significa que nunca deveríamos ter vindo.

O ataque se intensificou.

Naves inimigas manobravam com precisão assustadora, explorando brechas mínimas, antecipando movimentos romanos como se estivessem lendo o campo de batalha em tempo real. Não era uma emboscada caótica. Era uma execução planejada.

— Comunicação externa? — perguntou Aelius.

— Bloqueada! — veio a resposta imediata. — Interferência total no espectro de dobra!

Marcus sentiu o chão da ponte tremer sob seus pés quando outro cruzador foi atingido. Alarmes ecoavam. Luzes alternavam-se entre vermelho e branco. Oficiais gritavam ordens que se sobrepunham.

— General! — disse Marcus, elevando a voz pela primeira vez. — Isto não é contenção rebelde. É uma força preparada para nos destruir.

Aelius assentiu, os olhos fixos no holograma que agora exibia perdas crescentes.

— Roma nos enviou para fora do tabuleiro. — disse. — E alguém preparou o resto.

Um impacto mais violento sacudiu a nave principal. Sistemas secundários falharam. O mapa piscou, fragmentou-se, recompondo-se com atraso.

— Propulsão de dobra danificada! — anunciou o engenheiro-chefe. — Não podemos saltar!

Marcus sentiu o peso da situação se instalar de vez.

Sem comunicação.

Sem retirada.

Sem apoio.

— Recuar para órbita do planeta mais próximo. — ordenou Aelius. — Tentem quebrar a formação inimiga.

— O mais próximo parece ser aquele Planeta Arenoso, ele possui leituras inconsistentes de energia em solo — respondeu o operador.

Aelius observou o mapa por um segundo longo demais.

— Traçar curso de emergência em direção ao planeta — ordenou Aelius.

A frota tentou manobrar, mas a pressão inimiga não cedia. Um a um, os cruzadores romanos eram separados, forçados a trajetórias erráticas, empurrados para longe da formação original.

— Estamos perdendo controle do vetor! Estamos sendo empurrados para dentro do planeta — gritou alguém.

Marcus sentiu a nave inclinar-se abruptamente. A gravidade artificial oscilou. O horizonte da ponte girou por um instante aterrador.

— Perda total de Vetor! Queda iminente! — veio o aviso.

Aelius segurou o corrimão com firmeza.

— Preparem-se para queda atmosférica. — disse, a voz firme apesar do caos. — Façam com que cada segundo conte.

Marcus travou o cinto de contenção, sentindo o peso esmagador da desaceleração forçada. A última

coisa que viu no holograma foi o sistema inteiro envolto em fogo, fragmentos de naves romanas queimando no vazio como estrelas cadentes.

O erro não havia sido tático.

Havia sido político.

E agora, ele caía com eles.

Os vetores romanos se desfizeram sob pressão contínua, as naves sendo empurradas para trajetórias divergentes como peças arrancadas de um tabuleiro invisível. O cruzador de Marcus perdeu sustentação gravitacional por um instante crítico, tempo suficiente para que o casco gritasse sob o estresse da manobra forçada.

— Escudos a quarenta por cento!

— Propulsão lateral inoperante!

— Estamos sendo puxados pela massa do planeta!

Aelius manteve-se de pé.

— Concentrem energia nos sistemas de sobrevivência. — disse. — Preparem cápsulas de evacuação. Prioridade: pessoal de comando e infantaria.

Marcus sentiu o impacto da decisão antes mesmo de compreendê-la por completo.

— General… — começou.

— Não é uma retirada. — respondeu Aelius, sem olhar para ele. — É uma queda controlada.

O planeta surgiu nos visores como uma esfera de tons ocres e avermelhados, envolta por nuvens densas e tempestades elétricas constantes. **Vastara**. O nome surgiu automaticamente nos sistemas remanescentes, acompanhado por alertas incompletos, dados truncados, registros antigos demais para serem confiáveis.

— Atmosfera hostil. — informou o navegador. — Campos magnéticos irregulares. Tempestades de areia ionizada.

— Melhor do que o vazio. — respondeu Aelius.

O primeiro impacto inimigo atingiu a seção traseira do cruzador, arrancando placas de Aethrakar do casco como se fossem escamas. A nave perdeu estabilidade de vez. Alarmes se sobrepuseram em um coro caótico.

— Perda total de controle! — gritou alguém.

A gravidade artificial falhou.

Marcus sentiu o corpo ser arremessado contra o cinto, o ar escapando dos pulmões enquanto a nave girava. O mundo tornou-se luz, ruído e força esmagadora. Estruturas internas se romperam. Compartimentos inteiros colapsaram sob o próprio peso.

— Cápsulas, agora! — ordenou Aelius.

Marcus se soltou e correu.

O corredor estava inclinado em um ângulo impossível, Marcus só conseguia se manter de pé por conta dos aparelhos magnéticos em suas botas, chamas lambendo as paredes, fumaça espessa dificultando a visão. Soldados avançavam tropeçando, alguns feridos sendo arrastados por companheiros. Outros não se levantavam.

Uma explosão sacudiu a nave, jogando Marcus contra a lateral metálica. Ele sentiu algo estalar no ombro, mas ignorou a dor. Treinamento assumiu o controle.

A cápsula estava à frente, parcialmente danificada.

— Vão! — gritou um oficial, empurrando dois soldados para dentro. — Agora!

Marcus hesitou por um instante, o olhar buscando Aelius entre o caos.

O general surgiu no fim do corredor, envolto em fumaça, ajudando outro oficial a se manter de pé. Seus olhos encontraram os de Marcus por uma fração de segundo.

Tempo suficiente.

— Sobreviva. — disse Aelius.

Foi a última ordem.

A cápsula se selou com violência, os mecanismos de ejeção ativando-se antes que Marcus pudesse responder. O mundo virou de cabeça para baixo quando a cápsula foi arrancada do cruzador, arremessada para fora em um rastro de fogo.

A queda atmosférica foi um inferno contínuo.

A cápsula sacudia enquanto atravessava camadas densas de nuvens carregadas de areia e eletricidade. Descargas azuis riscavam os visores, interferindo nos sistemas. O calor crescia, a estrutura rangendo sob a fricção extrema.

Marcus perdeu a noção de tempo.

Quando o impacto final veio, foi como ser esmagado por um planeta inteiro.

A cápsula atingiu o solo de Vastara com violência suficiente para enterrar metade de sua estrutura na areia compacta. O mundo ficou em silêncio por um instante impossível.

Depois, dor.

O Senado de Roma Aeterna estava cheio. Cheio demais.

Não de vozes — essas eram poucas — mas de presença. Painéis dourados exibiam constelações estáticas, mapas do Império, estatísticas de produção e segurança. Tudo parecia normal demais para um momento que não era.

Os senadores ocupavam seus assentos em silêncio calculado. Alguns com semblantes graves, outros com a tranquilidade de quem já conhecia o desfecho antes mesmo da convocação. Guardas imperiais estavam posicionados em pontos que antes pertenciam apenas à arquitetura.

O Imperador surgiu sem anúncio.

Não houve trombetas.

Não houve proclamação ritual.

Ele simplesmente estava ali.

— Cidadãos de Roma. — disse, e sua voz ecoou não apenas no Senado, mas em bilhões de terminais espalhados pela galáxia.

A transmissão havia sido aberta.

— Hoje, pela primeira vez em décadas, uma frota de cruzadores imperiais foi atacada e destruída.

Um murmúrio percorreu o salão — contido, quase ensaiado.

Painéis se reorganizaram, exibindo imagens fragmentadas: leituras de sensores corrompidas, trajetórias interrompidas, explosões congeladas no instante final.

— Rebeldes. — continuou o Imperador. — Não piratas. Não forças isoladas. Rebeldes organizados, armados, operando em um sistema distante, fora dos corredores de segurança tradicionais.

Ele caminhou lentamente pelo centro do salão.

— Isso significa apenas uma coisa. — disse. — A guerra não é mais periférica e restrita a planetas longínquos.

Fez uma pausa precisa.

— A guerra chegou até nós.

Alguns senadores abaixaram a cabeça. Outros trocaram olhares rápidos, avaliando o novo equilíbrio que se formava naquele instante.

— O general Aelius Magnus caiu defendendo Roma. — declarou o Imperador. — Um dos maiores estrategistas de nossa era. Um homem que serviu o Império com eficiência, lealdade e sacrifício absoluto.

O nome ecoou.

Aelius Magnus.

— Em sua memória, decreto luto intergaláctico. — continuou. — Por um ciclo completo. Todas as transmissões carregarão seu nome. Todas as bandeiras serão mantidas em posição cerimonial. Roma lembrará.

Alguns senadores tocaram o peito em gesto simbólico.

Outros sorriram discretamente.

— Mas luto não basta. — a voz do Imperador endureceu. — Honrar os mortos exige ação. E Roma não pode agir enquanto estiver presa a modelos que pressupõem estabilidade.

Ele parou.

O Senado inteiro prendeu a respiração.

— O inimigo não pede permissão. — disse. — Não respeita deliberações. Não aguarda votações.

O Imperador ergueu a mão.

— Portanto, declaro o Senado suspenso por tempo indeterminado.

O impacto foi imediato.

Alguns senadores se levantaram em protesto contido — não gritos, não escândalo. Apenas indignação calculada. Outros permaneceram sentados, imóveis, como se a decisão apenas confirmasse algo que já esperavam.

— A administração do Império passará a operar sob comando unificado. — continuou. — Para garantir resposta rápida, segurança total e preservação da ordem.

Ele encarou o salão.

— Assumo, a partir deste momento, o título de Ditador Eterno de Roma Aeterna.

Silêncio absoluto.

Nenhum decreto foi lido.

Nenhuma votação registrada.

Os sistemas já estavam sendo atualizados.

— Aqueles que permanecerem leais… — disse o Imperador — …serão recompensados.

Alguns senadores trocaram olhares discretos. Nomes começaram a ser registrados. Acordos implícitos selados sem uma única palavra.

— Aqueles que resistirem… — concluiu — …serão lembrados como cúmplices do caos.

Guardas imperiais avançaram um passo.

Não foi necessário mais.

— Roma sobreviverá. — finalizou o Imperador. — Como sempre. Não porque é justa. Mas porque é forte.

A transmissão foi encerrada.

As luzes do Senado diminuíram gradualmente, deixando apenas o brilho frio dos painéis administrativos. Portas se fecharam. Sistemas de acesso foram redefinidos.

O Senado de Roma Aeterna não havia sido destruído.

Apenas tornara-se irrelevante.

E, em bilhões de mundos, cidadãos imperiais assistiram àquela proclamação acreditando ouvir uma promessa de segurança — sem perceber que haviam acabado de perder o direito de discordar.

CAPÍTULO 5
A GUERREIRA DE VASTARA

Marcus acordou com dificuldade, os sistemas médicos da armadura injetando analgésicos e estabilizadores diretamente em seu corpo. O visor do capacete estava rachado, projetando dados incompletos. A escotilha da cápsula havia sido arrancada na queda.

Ele se arrastou para fora.

O céu de Vastara era um mar de poeira dourada e vermelho profundo, atravessado por relâmpagos distantes. Dunas se estendiam até onde a vista alcançava, pontilhadas por destroços incandescentes que ainda caíam do céu como fragmentos de estrelas mortas.

Ao longe, outras cápsulas haviam caído.

Algumas intactas.

Outras, não.

Marcus tentou ativar o comunicador.

Estático.

Tentou novamente.

Nada.

Ele se ergueu com dificuldade, apoiando-se no gladius ainda preso à mão. A lâmina de energia oscilava de forma instável, emitindo um brilho fraco e irregular.

Sozinho.

Ferido.

Em um planeta que não aparecia nos mapas.

Acima dele, a última coisa que restava da frota romana queimava lentamente na atmosfera de Vastara.

Roma havia ficado muito longe.

E, pela primeira vez, Marcus Valerius estava fora do alcance dela.

O silêncio de Vastara não era natural.

Não era ausência de som, mas a soma deles. O vento carregava grãos de areia que rangiam contra a armadura, relâmpagos distantes ribombavam sob a tempestade de poeira, e, vez ou outra, algo se movia sob as dunas — grande demais para ser ignorado, lento demais para ser visto com clareza.

Marcus ativou o modo de busca da armadura.

— **Sinal de vida… fraco.** — indicou o visor, projetando um marcador irregular a algumas centenas de metros.

Ele avançou.

Cada passo exigia esforço. A gravidade era levemente mais pesada que a padrão imperial, suficiente para tornar o movimento cansativo sem ser imediatamente fatal. A areia cedia sob o peso da armadura, dificultando a marcha e forçando ajustes constantes.

O primeiro sobrevivente estava ajoelhado, apoiado em uma rocha escura parcialmente enterrada. Um legionário jovem, visor estilhaçado, o peito subindo e descendo de forma irregular.

— Ei. — disse Marcus, ajoelhando-se ao lado dele. — Olhe para mim.

O soldado ergueu o rosto, os olhos arregalados pelo choque.

— O… o general… — murmurou.

Marcus não respondeu.

Conectou rapidamente o engate médico da própria armadura ao do legionário, transferindo estabilizadores e parte da reserva de oxigênio. O visor do outro piscou, os sinais vitais se ajustando levemente.

— Consegue andar? — perguntou.

O legionário tentou se erguer. Falhou.

— Não… senhor.

Marcus assentiu.

— Então fique vivo.

Ele marcou a posição no sistema e seguiu adiante.

Outros sinais surgiram.

Alguns soldados estavam feridos demais para se mover. Outros já haviam morrido, os corpos parcialmente cobertos pela areia, armaduras rachadas, símbolos romanos apagados pela poeira vermelha. Marcus fechou os olhos por um instante diante de um deles, um centurião que reconheceu apenas pela braçadeira partida.

Não havia tempo.

O visor emitiu um novo alerta.

— **Movimento não identificado.**
— **Assinaturas múltiplas. Aproximação rápida.**

Marcus ergueu o olhar.

No horizonte, silhuetas se destacavam contra a tempestade. Veículos baixos, largos, flutuando poucos metros acima da areia, movendo-se em formação

irregular. Não eram naves de guerra. Eram plataformas de coleta, equipadas com ganchos, redes energéticas e armas improvisadas.

Sucateiros.

— Contato visual. — murmurou Marcus.

Os mercadores de Vastara não esperavam combates organizados. Esperavam destroços. Corpos. Sobreviventes isolados. Para eles, uma queda orbital não era tragédia.

Era oportunidade.

— Senhor… — chamou um soldado ferido pelo comunicador de curto alcance. — Eles estão vindo.

— Eu sei. — respondeu Marcus. — Prepare-se para correr quando eu mandar.

Os primeiros disparos vieram de longe, projéteis de energia irregular que explodiam na areia, levantando nuvens densas e cortantes. Marcus ergueu o escudo de energia.

Ele falhou por meio segundo.

Tempo suficiente para que um impacto atravessasse parcialmente o campo e atingisse sua ombreira. A armadura absorveu parte do dano, mas o choque o fez cambalear.

— **Escudo instável.** — indicou o visor. — **Matriz danificada.**

Droga.

Marcus avançou mesmo assim.

O gladius vibrou quando ele o ativou, a lâmina azul oscilando de forma irregular, como se estivesse lutando para manter a coerência energética. Ainda funcionava.

Por enquanto.

O primeiro mercador caiu com um golpe direto, o corte atravessando o torso e lançando o corpo para trás. O segundo tentou usar uma rede de contenção, mas Marcus rolou para o lado, sentindo o impacto raspar sua perna.

— Agora! — gritou para os sobreviventes.

Dois soldados tentaram correr.

Um foi atingido antes de dar cinco passos.

Marcus não parou.

Ele avançou contra o grupo restante, usando a própria areia como cobertura, aproximando-se o suficiente para que o combate deixasse de ser vantagem deles. O gladius falhou por um segundo crítico, a lâmina oscilando e se retraindo parcialmente.

Marcus quase morreu ali.

O disparo passou a centímetros de seu visor.

Ele reagiu instintivamente, usando o próprio peso do corpo para derrubar o inimigo, finalizando-o com um golpe curto e brutal quando a lâmina voltou a se estabilizar.

Respiração pesada.

Sistema médico em alerta.

Armas comprometidas.

Mais veículos surgiam no horizonte.

— Não dá. — murmurou.

Ele voltou-se para os sobreviventes restantes. Apenas três ainda se moviam. Um deles, o mesmo legionário que ajudara antes, apoiava-se em outro soldado, mancando.

— Vocês vão para as rochas. — disse Marcus. — Sigam a sombra. Não parem.

— E o senhor? — perguntou um deles.

Marcus ativou o escudo novamente. Ele piscou, instável.

— Eu vou atrasá-los.

Eles não discutiram.

Correram.

Marcus voltou-se para o inimigo, preparando-se para uma luta que sabia não poder vencer.

Então, algo mudou.

Marcus ouviu o som antes de ver a origem.

Um rangido metálico pesado, diferente do motor dos veículos de ataque. Ele virou o corpo no instante em que um dos sucateiros passou próximo, arrastando atrás de si uma plataforma de contenção. Grades energéticas pulsavam em azul esmaecido, formando uma jaula improvisada.

Dentro dela, pessoas.

Humanos.

Alienígenas.

Corpos amontoados, feridos, algemados por campos de contenção rudimentares.

Escravos.

O veículo desacelerou para ajustar o ângulo de coleta, expondo a lateral por um segundo crítico.

Marcus não pensou.

Avançou.

O escudo falhou novamente, mas ele não desacelerou. Saltou, cravou o gladius instável na junção do motor lateral e girou o punho com força total. A lâmina de energia oscilou — quase se apagou — mas foi o suficiente. O motor explodiu em uma nuvem de faíscas e areia, fazendo o veículo perder sustentação e colidir com o solo em um impacto seco.

A jaula tombou.

Campos energéticos piscaram.

Marcus correu até ela e golpeou os travamentos com a base do gladius. Um a um, os selos cederam.

O primeiro prisioneiro a sair foi um homem ferido demais para lutar.

O segundo caiu de joelhos.

O terceiro… não hesitou.

Ela saiu da jaula como um animal liberto.

Movimento sorrateiro.

Rápido.

Preciso.

A mulher puxou uma adaga curva presa ao corpo de um dos sucateiros mortos no impacto. A lâmina tinha um brilho estranho, cristalino, com inscrições que não pertenciam a nenhuma língua imperial. Ela avançou sem gritar, sem hesitar, enterrando a arma no pescoço de outro mercador que se aproximava.

O corpo caiu antes mesmo de compreender o erro.

Marcus observou por meio segundo a mais do que deveria.

— Atrás de você! — ela gritou, a voz rouca, marcada pelo respirador que a protegia das partículas ionizantes do deserto.

Marcus girou a tempo de erguer o escudo falhando. O impacto atravessou parcialmente o campo, rasgando o ar próximo ao visor, mas desviou o suficiente para não ser fatal. Ele respondeu com um golpe curto, brutal.

Por alguns segundos, eles lutaram juntos sem trocar nomes.

Ela se movia como um felino, sorrateira, rápida, usando o ambiente, a areia, os destroços. A adaga encontrava pontos frágeis com eficiência mortal. Não era desespero.

Era prática.

Outro veículo caiu quando Marcus lançou uma granada de pulso recuperada de um legionário morto. A explosão desativou os sistemas, jogando sucateiros no chão. Dois sobreviventes libertos pegaram armas improvisadas e se juntaram à luta.

Por um breve instante, pareceram vencer.

Só por um breve instante.

Novos veículos surgiram no horizonte.

Mais rápidos.

Mais armados.

Mais numerosos.

— Eles não vão parar! — alguém gritou.

A mulher puxou Marcus pelo braço, força surpreendente para alguém de porte tão esguio.

— Temos que sair! Agora!

— Meus homens— — começou Marcus.

— Se ficar, morre. — ela interrompeu. — Se morrer, não ajuda ninguém.

Um novo disparo atingiu o solo entre eles, levantando uma nuvem densa de areia ionizada. Sensores da armadura de Marcus entraram em colapso parcial. O gladius piscou violentamente.

— **Arma em estado crítico**. — indicou o visor. — **Falha iminente.**

Eles correram.

O grupo se dispersou em meio às dunas e destroços, cada um seguindo um vetor diferente. Marcus perdeu os marcadores de vida um a um. Interferência. Poeira. Caos.

Ele tropeçou.

Caiu.

Quando se ergueu, só havia ela.

— Continue se movendo. — disse, puxando-o novamente. — Se parar, eles te encontram.

— Quem é você? — perguntou Marcus, ofegante.

Ela não olhou para trás.

— Padameg. — respondeu. — E você tem sorte de ainda estar vivo depois daquela queda. Eu vi uma nave gigante em chamas cair do céu.

Explosões ecoaram ao longe. Gritos. Motores.

Eles mergulharam entre formações rochosas estreitas, desaparecendo da vista dos veículos. Marcus tentou ativar o comunicador novamente.

Nada.

Quando finalmente pararam, escondidos sob uma saliência de pedra negra, o silêncio voltou — pesado, temporário, falso.

Marcus apoiou-se na rocha, respirando com dificuldade. Os sistemas médicos da armadura trabalhavam em segundo plano, mas ele mal os percebia. O que prendia sua atenção era ela.

Padameg.

Agora que o perigo imediato havia passado, Marcus a observou com mais cuidado — e percebeu o quanto ela não se parecia com nada que Roma já lhe mostrara.

Ela não era alta. Pelo contrário. Tinha estatura mais baixa que a maioria das mulheres romanas que Marcus conhecera, mas isso apenas tornava sua presença mais concentrada, mais densa. O corpo era esguio, porém marcado por curvas que não existiam na estética disciplinada do Império: coxas fortes, quadris amplos, seios fartos contidos por tecidos claros ajustados ao corpo com função e intenção muito diferentes das vestes romanas.

Não havia rigidez nela.

Havia adaptação.

A pele, de um tom quente entre canela e cobre, contrastava com a areia clara do deserto e com o branco-creme das roupas que usava. Tecidos leves, sobrepostos, cortados para permitir movimento e sobrevivência sob o sol impiedoso de Vastara. Parte do abdômen permanecia descoberta, não por exibição, mas por necessidade térmica, e Marcus notou marcas brancas, tatuagens tribais em espiral, desenhadas com precisão ritual ao longo das costelas, costas, braços e que desapareciam sob o tecido.

Marcas que Roma jamais permitiria.

Marcas que Roma jamais entenderia.

O capuz leve repousava solto sobre os ombros agora, revelando cabelos longos de um negro profundo demais para ser comum, presos em tranças finas adornadas com pequenos enfeites metálicos e orgânicos — símbolos culturais, não adornos. O rosto era forte, traços definidos pelo deserto, mas havia algo ali que não combinava com a dureza daquele mundo: uma inocência contida, protegida, não ingênua, mas preservada à força.

Os olhos dourados encontraram os de Marcus por um instante.

Não era um dourado humano.

Não era decorativo.

Era antigo.

Ela limpou a lâmina da adaga na areia com um gesto calmo, quase cerimonial. A arma, agora manchada de sangue, tinha detalhes cristalinos no punho e inscrições que Marcus não reconhecia — algo que

claramente não havia sido feito para matar, mas que aprendera a fazê-lo.

— Está olhando demais, romano. — disse ela, a voz firme, mas sem hostilidade, um sotaque característico que Marcus nunca havia escutado.

Marcus desviou o olhar por reflexo.

Percebeu então o quanto aquilo era estranho.

Em Roma, mulheres eram presença calculada: cidadãs adornadas, matrizes políticas, símbolos de status ou disciplina moral. Padameg não se encaixava em nada disso. Não era símbolo. Não era concessão. Não era ornamento.

Era sobrevivente.

— Quem é você? — perguntou ele, com menos dureza do que pretendia.

Ela ajustou o respirador preso ao pescoço, o visor translúcido refletindo a luz avermelhada do céu.

— Padameg, já te disse. — respondeu. — Mas pode me chamar de Pada. Os que tentam dizer meu nome completo geralmente morrem antes de acertar.

Houve um breve silêncio.

— E você, romano? — continuou ela. — Caiu do céu como um deus… mas sangra como qualquer um.

Marcus hesitou.

— Marcus Valerius. Oficial Legionário de Roma.

Ela inclinou a cabeça, observando a armadura danificada, o escudo falhando, a lâmina instável.

— Então Roma também sangra. — disse. — Interessante.

Ao longe, motores ecoaram novamente, distantes, mas presentes.

Padameg puxou o capuz de volta, o tecido claro moldando-se ao corpo com naturalidade. Quando se moveu para avançar entre as rochas, Marcus notou

outra coisa: ao andar, havia algo felino nela, uma fluidez silenciosa que não existia na marcha romana. Não havia desperdício de movimento. Não havia rigidez.

Havia instinto.

— Se quiser viver, venha. — disse ela, já se afastando. — Vastara não perdoa quem fica parado.

Marcus ativou o gladius mais uma vez. A lâmina respondeu com um brilho fraco, quase doente.

Ele seguiu.

E, enquanto caminhava atrás dela pelas sombras do deserto, teve uma certeza incômoda:

Padameg não era apenas diferente de tudo que conhecia.

Ela era a prova viva de que Roma não era o centro de nada.

CAPÍTULO 6
O GRANDE COLISEU

Eles caminharam por horas.

O deserto de Vastara não se movia como os mapas imperiais indicariam. As dunas não eram apenas areia acumulada, mas camadas de resíduos minerais, fragmentos metálicos antigos e pó biológico fossilizado. O chão rangia sob os passos, e o vento carregava partículas ionizadas tão finas que pareciam atravessar filtros e selagens como se aprendessem com o tempo.

Marcus se lembrou de seus sonhos, já havia visto aquele deserto, aquelas areias escuras, lembrou como cada passo deixava uma marca que demorava a desaparecer, como se o chão respirasse lentamente por baixo.

Marcus se esforçou para suprimir o pensamento e focou em seguir junto a Padameg.

Padameg avançava à frente, escolhendo caminhos que Marcus jamais teria considerado. Onde ele via terreno aberto, ela via exposição. Onde ele via rochas inúteis, ela via abrigo. Às vezes parava sem aviso, escutava o vento, tocava o solo com a palma da mão.

— Escutam mais do que olham. — disse em certo momento, percebendo o olhar atento de Marcus. — Se aprender a ouvir Vastara, ela te deixa viver mais um dia.

Marcus não respondeu. Ajustou os parâmetros do visor, tentando mapear o terreno. Falhou. Interferência constante. Vastara parecia rejeitar ser traduzida em dados.

Depois de um tempo, começaram a descer.

Uma fenda estreita se abriu entre duas formações de pedra negra, quase invisível à distância. Padameg entrou primeiro, puxando uma alavanca oculta que fez o chão deslizar em silêncio controlado. Um corredor revelou-se sob a areia, largo o suficiente para duas pessoas caminharem lado a lado.

— Aqui. — disse ela. — A superfície é para quem quer ser visto.

O ar mudou imediatamente.

Mais fresco.

Mais úmido.

Cheirava a óleo antigo, especiarias e algo orgânico que Marcus não soube identificar.

Luzes suaves se acenderam à medida que avançavam, alimentadas por sistemas improvisados. Tubulações expostas percorriam as paredes, misturando tecnologia roubada, adaptada e reconstruída. Vozes ecoavam ao longe, em línguas que Marcus não reconhecia de imediato.

— Bem-vindo ao que sobra. — disse Padameg. — A parte de Vastara que não aparece nos anúncios do coliseu.

O corredor se abriu em um espaço amplo, subterrâneo, sustentado por colunas irregulares. Ali havia vida.

Mercadores.

Contrabandistas.

Fugitivos.

Escravos libertos — ou à espera de nova captura.

Barracas improvisadas vendiam água reciclada, peças de armadura reaproveitadas, armas modificadas, ervas medicinais do deserto. Criaturas de espécies diferentes negociavam lado a lado, todas com o mesmo olhar atento, calculista.

Ninguém confiava em ninguém.

Marcus sentiu o peso da armadura atrair olhares imediatos. Alguns hostis. Outros interessados.

— Tire a capa e use como capuz. — murmurou Padameg. — Aqui, romano armado é convite para problema.

— Sou um problema. — respondeu ele.

Ela lançou um olhar rápido, avaliando.

— Aqui embaixo, você é mercadoria.

Marcus obedeceu.

Enquanto caminhavam, ele começou a notar marcas nos corpos das pessoas ao redor. Cicatrizes circulares no pescoço. Pulsos queimados por algemas energéticas. Símbolos gravados a ferro, apagados às pressas.

— Todos eles… — começou Marcus.

— Já estiveram em jaulas. — completou Padameg. — Alguns ainda estão. Só mudaram de tamanho.

Ela parou diante de uma abertura mais estreita, guardada por duas figuras armadas. Um breve gesto. Um sinal reconhecido. Eles passaram sem palavras.

O espaço além era menor, mais silencioso. Um abrigo improvisado, protegido por camadas de sucata e rocha natural. Padameg removeu o capuz e finalmente respirou fundo.

Marcus observou enquanto ela se movia ali com familiaridade. Pegou um recipiente de água, bebeu com cuidado, ofereceu a ele sem cerimônia. Depois sentou-se no chão, apoiando as costas na parede.

— Fique. — disse. — Pelo menos até os caçadores perderem o rastro.

Marcus sentou-se a certa distância, mantendo a postura alerta. O gladius repousava ao seu lado, ainda instável. Ele tentou ativar um diagnóstico completo.

— **Núcleo de energia danificado.** — indicou o visor. — **Uso contínuo não recomendado.**

— Sua arma está morrendo. — comentou Padameg, observando o brilho fraco da lâmina.

— Vai durar. — respondeu Marcus.

Ela inclinou a cabeça, um gesto que ele começava a reconhecer como dúvida.

— Tudo aqui dura… até parar de durar. — disse. — Vastara ensina isso rápido.

Houve um breve silêncio.

— Aqueles nas jaulas. — disse Marcus, por fim. — Eram escravos.

— São. — corrigiu Padameg. — Escravidão não acaba só porque alguém corta a grade com uma espada de luz romana.

Marcus franziu o cenho.

— Roma não tem na—

Ela riu.

Não foi um riso leve.

Foi seco. Curto. Cansado.

— Roma compra. — disse. — Compra minérios. Compra corpos. Compra silêncio. Os mercadores só

fazem o transporte. O coliseu faz o espetáculo. E o planeta inteiro gira em volta disso.

Marcus sentiu algo se contrair no peito.

— Você parece odiar Roma. — constatou.

Padameg ergueu os olhos dourados para ele.

— Eu odeio jaulas. — respondeu. — Roma só constrói jaulas bonitas.

Ela se levantou, aproximando-se dele com calma, sem ameaça. Parou a poucos passos.

— Você caiu do céu, Marcus Valerius. — disse, pronunciando o nome com o mesmo sotaque marcado, musical, diferente de tudo que ele ouvira antes. — Mas ainda acha que aqueles que vem do céu mandam aqui embaixo.

Marcus sustentou o olhar.

— E você acha que Vastara manda.

— Vastara não manda. — corrigiu ela. — Vastara cobra.

Ao longe, sons ecoaram pelo túnel. Passos. Vozes. Motores abafados.

Padameg puxou o capuz novamente.

— Descanse enquanto pode, romano. — disse. — Amanhã, se ainda estiver vivo, eu te levo para ver o coliseu, talvez seja sua única chance de sair daqui.

Marcus sentiu o peso da palavra antes mesmo de entender por quê.

Coliseu.

Roma sempre chegava lá.

Mesmo a anos-luz de distância.

Eles partiram antes do nascer completo do sol.

Vastara despertava devagar, como um animal ferido que aprende a conviver com a própria dor. A luz avermelhada atravessava fendas nas rochas, refletindo

na poeira suspensa e nas estruturas improvisadas que surgiam à medida que se aproximavam do núcleo urbano. Marcus caminhava ao lado de Padameg, agora com o capuz erguido, o respirador ajustado, o corpo se movendo com a mesma segurança silenciosa da noite anterior.

— Você anda como se conhecesse cada sombra. — comentou Marcus.

— Conheço as que não matam. — respondeu ela. — As outras… a gente aprende rápido.

O coliseu ainda não era visível, mas Marcus sentia sua presença. O chão vibrava levemente, um pulso distante, ritmado, como se algo colossal respirasse sob a cidade.

— Por que eles te pegaram? — perguntou ele, quebrando o silêncio.

Padameg demorou a responder.

— Eu não estava fugindo. — disse, por fim. — Estava procurando.

Ela desviou o caminho por uma viela estreita, ladeada por lonas e estruturas metálicas presas a rochas naturais.

— Ruínas. — continuou. — Do meu povo. De antes de Vastara virar isso.

Marcus a observou com atenção.

— Achei que você fosse nativa dessa cidade.

— Sou. — respondeu ela. — Mas Vastara não nasceu como um deserto. Foi tornada.

Ela parou por um instante, tocando uma marca branca quase invisível no braço, parcialmente coberta pelo tecido.

— Havia mais cidades. Água corrente. Jardins de pedra e cristal. Minha matriarca dizia que o vento cantava diferente naquela época.

Marcus sentiu algo apertar no peito.

— E você foi atrás disso.

— Sim. — disse Padameg. — Os mercadores patrulham as zonas antigas. Eles sabem que quem procura ou sabe do passado… tem mais valor como escravo.

Ela voltou a andar.

— Me pegaram lá. — completou. — Estava tão perto...

— Por que quem sabe do passado tem mais valor como escravo? — perguntou Marcus.

— O passado de Vastara esconde grande poder, romano — disse voltando seus olhos dourados diretamente Marcus.

Marcus hesitou e tentou mudar de assunto.

— Seu sotaque. — disse Marcus, por fim. — Não é como o dos outros que já ouvi.

Ela arqueou levemente uma sobrancelha.

— Em Roma vocês moldam até a voz, não é? — respondeu. — Aqui, cada parte do deserto ensina um jeito diferente de falar.

— Parece… antigo. — comentou ele. — Como se as palavras viessem de outro tempo.

Padameg sorriu de canto.

— É antigo — disse — De quando ainda havia algo bom para se dizer daqui.

O coliseu finalmente surgiu no horizonte.

Não era apenas uma construção.

Era um organismo.

Um anel colossal de pedra negra, metal e energia pulsante, erguido no centro da cidade como um sol artificial. Torres de observação emergiam da estrutura, e passarelas aéreas convergiam para entradas

monumentais. Acima dele, plataformas flutuantes carregavam espectadores, mercadorias e prisioneiros. Haviam guardas armados por todos os cantos usando uma mescla de armaduras escuras com tecidos gastos que simulavam capas e ponchos.

Marcus parou sem perceber.

— Você me trouxe para cá. — disse, finalmente. — Não me parece seguro.

Padameg virou-se para ele.

— Não é. — respondeu. — É sua saída.

— Você já disse isso antes — disse. — Como assim saída...? Essa é a única forma de sair daqui?

— O torneio é a única forma de sair vivo de Vastara.

Marcus franziu o cenho em gesto de confusão.

Ela sustentou o olhar dele.

— Você não anda como alguém que queira ficar. — disse. — Todos que querem sair… acabam aqui.

Ela apontou para o coliseu.

— Acabam no Torneio. — continuou. — Três desafios. Sobreviver já é raro. Vencer… quase ninguém vence todos os três. Mas quem vence, escolhe.

— Escolhe o quê? — perguntou Marcus.

— Três desejos. — respondeu ela. — Liberdade. Passagem para fora do sistema. Poder. Às vezes tudo isso junto.

Marcus ficou em silêncio.

— E você acha que eu posso vencer. — disse ele.

Padameg deu de ombros.

— Acho que você vai tentar até morrer. — disse. — E isso já é o suficiente.

Houve um momento de silêncio pesado entre eles.

— Vêm. — disse. — Melhor irmos logo.

Eles chegaram a um ponto onde guardas do coliseu controlavam o fluxo de entrada. Padameg parou.

— Daqui você vai sozinho. — disse.

Marcus virou-se para ela.

— E você?

— Eu fico. — respondeu. — Vastara ainda tem assuntos comigo.

Ela hesitou por um instante — quase imperceptível.

— Se vencer o primeiro desafio… — começou.

— Eu procuro por você... — disse Marcus, sem pensar. — Querendo ou não ainda tenho uma dívida com você por ter me ajudado.

Padameg assentiu lentamente, como se não acreditasse, mas aceitasse a promessa mesmo assim.

— Então sobreviva, romano. — disse. — Pela sua Roma… ou pelo que quer que venha depois.

Ela se afastou antes que ele pudesse responder.

Marcus suspirou.

Tomou coragem e avançou em direção da entrada.

Os guardas do coliseu perceberam Marcus antes mesmo que ele dissesse qualquer palavra.

Não foi o rosto.

Não foi a postura.

Foi a armadura.

Mesmo danificada, coberta de areia e marcas de impacto, ela carregava linhas que não pertenciam a Vastara. Placas de Aethrakar, encaixes romanos, circuitos internos projetados para guerras que nenhum daqueles homens jamais havia visto.

— Espera. — disse um dos guardas, erguendo a mão.

Marcus sentiu o empurrão antes de ouvir a ordem seguinte. Foi cercado por seis deles em segundos, armas apontadas, campos de contenção ativados.

— Tire o capacete. — ordenou outro.

Marcus obedeceu.

Os olhos do guarda brilharam com algo entre interesse e ganância.

— Deve ser um dos que caíram do céu. — murmurou. — Achei que os sucateiros tinham exagerado.

As algemas energéticas se fecharam em seus pulsos com um estalo seco. O campo percorreu seus braços, travando músculos, enviando impulsos suficientes para manter o corpo obediente sem apagá-lo.

— Equipamento apreendido. — anunciou alguém.

A armadura foi desmontada ali mesmo, sem cerimônia. Placas arrancadas. Interfaces desligadas à força. O gladius foi retirado por último, com cuidado excessivo, quase como se soubessem que estava prestes a explodir. Um dos guardas testou a lâmina instável, observando o brilho fraco.

— Vai morrer. — disse. — Como você.

Marcus não respondeu.

Foi empurrado por corredores descendentes, cada vez mais estreitos, até que o som do mundo externo desapareceu. Portões se fecharam atrás dele. Outro se abriu à frente.

A cela era escura, úmida, cheia demais.

Ali dentro, homens e criaturas de diferentes espécies aguardavam. Alguns sentados. Outros deitados. Alguns rezavam. Outros apenas encaravam o vazio. O cheiro de sangue seco e suor velho impregnava o ar.

Marcus agora utilizava apenas a cota de malha que sempre levava no interior da armadura. Por cima, algumas proteções internas reforçavam pontos vitais — clavículas, costelas inferiores, a junção do pescoço com o ombro. Cintos táticos cruzavam seu torso, reaproveitados às pressas depois que os guardas, por ironia ou tédio, permitiram que os recuperasse.

Ainda assim, pela primeira vez em anos, sentia-se desprotegido.

O ar ali embaixo era espesso. Não apenas quente, mas saturado de cheiros antigos: sangue seco, ferrugem, excrementos químicos, medo. As paredes de pedra negra absorviam som e luz, tornando o espaço menor do que realmente era. Não havia janelas. Não havia céu. Apenas archotes frios e a sensação constante de estar sendo observado.

— Esse é novo — murmurou alguém, à esquerda. — Ei, seu merda — continuou outra voz. — Qual seu nome? Isso se tiver um…

Marcus sentou-se encostado à parede, deixando o peso do corpo escorregar até o chão irregular. O cansaço, contido desde Roma, finalmente o alcançava. Fitou a figura que falara: algo humanoide, mas parecia torto demais para ainda ser humano. Olhos desalinhados, mandíbula reconstruída com placas metálicas.

— Marcus Valerius — respondeu.

Fez questão de dizer cada sílaba.

— Oficial Legionário de Roma Aeterna.

O silêncio durou um segundo.

Depois veio o riso.

— Olha só — disse outro prisioneiro, batendo palmas com mãos que não combinavam entre si. — Parece que a cavalaria chegou, irmãos.

O local se encheu de sons.

Alguns Marcus reconhecia: gargalhadas humanas, escárnio, tosses secas de pulmões danificados. Outros eram ruídos que não pertenciam a nenhuma biologia que Roma tivesse catalogado publicamente — estalos, vibrações guturais, algo que soava como metal sendo arranhado por dentro.

Marcus levantou os olhos.

Não disse nada.

O olhar bastou.

O riso se dissolveu em murmúrio. O murmúrio, em silêncio.

Foi então que ele a viu.

Ocupava um dos cantos mais escuros da cela coletiva. Seu corpo massivo estava agachado, quatro braços apoiados no chão de pedra como colunas vivas. A pele espessa tinha tons terrosos, marcada por cicatrizes antigas que não pareciam fruto da arena, mas de guerras reais. Tinha uma aparência taurina, algo como um Minotauro das antigas lendas dos antepassados romanos.

Ela não riu.

Não falou.

Mas inclinou levemente a cabeça, como quem avalia uma lâmina antes de empunhá-la.

O tempo ali não tinha ritmo.

Não havia dia ou noite.

Apenas interrupções.

Uma delas veio rápido.

O portão de contenção se abriu com estrondo hidráulico. Um corpo foi arremessado para dentro como descarte. Ainda quente. O sangue escorreu pelo chão, formando um caminho irregular até os pés de Marcus.

Alguns prisioneiros se afastaram.

Outros se aproximaram.

— Próximo combate em preparação! — ecoou uma voz metálica, amplificada. — Marcus Valerius contra Kortor.

O nome soou errado.

Mal pronunciado.

Então, um prisioneiro mais velho se aproximou de Marcus. Humano. Rosto cortado por cicatrizes profundas. Um olho artificial piscava fora de sincronia.

— Primeira vez? — perguntou.

Marcus assentiu.

— Escuta então — disse o homem, sentando-se ao lado dele. — Primeira luta é sobrevivência. Se ganhar, sai da arena. Respira. Anda livre pelo coliseu. Por Vastara.

— E depois? — perguntou Marcus. — O que vem depois?

O homem sorriu sem humor.

— Depois vem a segunda prova. A caçada.

Marcus franziu o cenho.

— Caçada?

— Fugitivos — explicou. — Soltam a gente pelo perímetro urbano. Quem mata mais, vence. Quem tenta fugir de Vastara… perde a cabeça.

Antes que Marcus respondesse, passos se aproximaram. Não eram guardas. Eram outros prisioneiros. Três. Dois bípedes, um com estrutura óssea baixa e larga. O interesse em seus olhos era claro demais para ser ignorado.

— Legionário — disse um deles. — Dizem que o equipamento romano é de primeira qualidade.

Marcus começou a se mover.

Não precisou.

A alien de quatro braços se levantou.

O som de seus pés se ajustando à pedra ecoou pela cela. Ela avançou um passo, depois outro, posicionando-se entre Marcus e os outros. Dois de seus braços superiores se ergueram lentamente, músculos se contraindo sob a pele espessa. Os inferiores permaneceram baixos, prontos para agarrar.

— Ele luta na arena — disse ela, em um tom profundo, gutural, mas perfeitamente inteligível. — Não aqui.

Os prisioneiros hesitaram.

— E quem vai impedir? — rosnou um deles.

Korr'Mak mostrou os dentes.

Não era um sorriso.

— Eu.

Ninguém testou.

— Obrigado — disse. — Qual seu nome?

— Korr'Mak.

Marcus assentiu com a cabeça.

O portão se abriu novamente.

— Marcus Valerius — anunciou a voz metálica. — Hora do espetáculo.

O nome ecoou uma última vez, distorcido, antes que os guardas entrassem. Marcus se levantou. Antes de ser levado, olhou para Korr'Mak.

Ela inclinou a cabeça outra vez.

Um gesto simples.

Mas, naquele lugar, significava reconhecimento.

As armas foram jogadas em suas mãos momentos antes no túnel da arena. Um escudo de energia mal calibrado. Um gladius que vibrava de forma instável, quase ofendido por ser empunhado.

Os guardas sorriram.

Marcus respondeu com um sorriso frio.

— Não morra rápido. — disse um deles. — O público odeia isso.

Então avançou.

A arena se abriu diante dele.

Luz.

Gritos.

Calor.

O coliseu de Vastara era colossal. Camadas de arquibancadas subiam em círculos concêntricos, repletas de espectadores de todas as espécies. Acima, plataformas flutuantes projetavam imagens ampliadas do combate. O chão da arena era de pedra negra, marcado por sulcos profundos, manchas antigas de sangue.

O adversário já o aguardava.

Maior.

Mais pesado.

Armadura improvisada feita de ossos e metal reciclado. Uma lâmina serrilhada pulsava em sua mão.

O sinal soou.

Marcus avançou — e o escudo falhou imediatamente.

O impacto o jogou para trás. Ele rolou no chão, sentindo o ar escapar dos pulmões. O adversário não deu espaço. Veio como uma avalanche, golpes pesados, brutais.

Marcus bloqueou um. Dois. O terceiro atravessou a guarda, rasgando a lateral de seu abdômen, agora sem a proteção de sua armadura. Dor explodiu. O público rugiu.

Ele caiu.

Levantou.

Caiu de novo.

Cada golpe era uma sentença adiada. O gladius piscava, retraía, quase apagava. O mundo parecia estreitar-se ao redor dele.

Treinamento.

Instinto.

Raiva.

Marcus avançou no momento certou, como havia treinado diversas vezes antes.

A lâmina instável encontrou uma falha na armadura inimiga. Energia atravessou carne e osso. O adversário gritou, cambaleou, tentou responder.

Marcus não esperou.

O golpe final foi curto. Preciso. Brutal.

O corpo caiu.

Silêncio por meio segundo.

Depois, gritos ensurdecedores.

Marcus caiu de joelhos. Sangue escorria pelo chão. Sua respiração vinha em espasmos. O mundo girava.

Vivo.

Por pouco.

Foi arrastado de volta à cela horas depois. Seu ferimento agora remendado e pulsando em dor. Não sabia quanto tempo havia passado quando ouviu a voz.

— Se continuar usando armas mortas… vai morrer junto a elas.

Marcus ergueu o olhar com esforço.

Do outro lado das grades estava uma figura encurvada. Pele de tom azul escuro, olhos alongados, mãos grandes cobertas por cicatrizes antigas e queimaduras profundas. Usava ferramentas presas ao corpo como extensões naturais.

— Quem é você? — murmurou Marcus.

O alien inclinou a cabeça, avaliando o gladius danificado jogado ao chão da cela.

— Alguém que ainda lembra como as coisas deveriam funcionar. — respondeu. — E alguém que pode fazer sua lâmina cantar de novo e talvez devolver sua armadura.

Marcus fechou os olhos por um instante.

— Por quê? — perguntou.

O ferreiro sorriu.

— Porque você não luta como os outros. Ninguém havia vencido um combate tão rápido. — disse. — E porque Vastara precisa de histórias novas.

Ele se afastou lentamente.

— Sobreviva à essa noite. — completou. — Depois, venha me procurar no subterrâneo da cidade.

Marcus permaneceu imóvel, sentindo a dor pulsar em cada parte do corpo.

Vastara não dava tempo para escolhas longas.

E o coliseu não esperava por ninguém.

A noite no coliseu não existia.

A luz nunca se apagava completamente. Sempre havia um brilho difuso vindo das arquibancadas superiores, das passagens de serviço, dos corredores onde guardas iam e vinham. O tempo ali não servia para descanso — servia para desgaste.

Marcus ainda sentia o corpo latejar quando os portões da cela se abriram novamente.

Não houve anúncio.

Não houve espetáculo.

Apenas dois guardas.

— Levante. — disse um deles.

Marcus se ergueu com dificuldade. As algemas energéticas foram removidas apenas o suficiente para permitir que ele caminhasse. Marcus esperava ser levado para outra cela, ou direto para outra arena. Em

vez disso, foi empurrado para um corredor ascendente, mais amplo, ladeado por painéis metálicos gravados com símbolos do coliseu. As algemas energéticas se desfizeram completamente agora com um estalo seco.

— Está solto. — disse o guarda. — Por enquanto.

Antes que Marcus pudesse responder, algo frio pressionou a base de seu pescoço. Dor rápida. Cirúrgica.

— **Dispositivo ativo.**
— **Rastreador biológico implantado.**
— **Perímetro autorizado: Vastara — Setores Urbano e Subterrâneo.**

O guarda deu um passo atrás e entregou nas mãos de Marcus suas armas instáveis.

— A segunda prova começa ao nascer do próximo sol. — disse. — Até lá, você respira. Caga. Corre. Faz a merda que quiser. Se esconder ajuda… um pouco.

O sorriso que veio depois não era humano.

— Aproveite a cidade.

Os portões se abriram para a luz.

Marcus saiu do coliseu sentindo o mundo mudar de escala.

CAPÍTULO 7
ROUBO AO BARÃO KEL'SAR

O salão de controle de Xal'Khor era silencioso demais para um lugar feito de espetáculo.

Não havia multidões.

Não havia apostas.

Apenas camadas de telas suspensas, transmissões parciais, estatísticas de audiência e fluxos de mineração girando em padrões lentos. O trono antigravitacional flutuava alguns centímetros acima do chão, envolto por correntes ornamentais que não prendiam — apenas lembravam.

Xal'Khor observava Vastara de cima.

Um mundo seco.

Lucrativo.

O aviso chegou sem cerimônia.

LATÊNCIA EXTREMA — TRANSMISSÃO: IMPERIAL
ORIGEM: ROMA AETERNA
STATUS: GRAVAÇÃO ASSÍNCRONA

Xal'Khor inclinou-se levemente. Um de seus apêndices ativou o recebimento.

A imagem surgiu fragmentada.

Primeiro o som — distorcido, metálico, como se atravessasse quilômetros de ruído gravitacional. Depois a figura: o Imperador, estático, dourado demais, cortado por falhas de sincronização. O fundo era reconhecível mesmo assim.

O salão superior do palácio.

— …a operação foi… — a voz falhou — …um sucesso.

A imagem congelou por um instante, depois retomou.

— As cruzadoras foram neutralizadas. — continuou o Imperador. — Aelius Magnus está confirmado como eliminado.

Xal'Khor permaneceu imóvel.

— Qualquer sobrevivente deve ser tratado como risco elevado. — disse a gravação. — Eliminação imediata. Sem exceções.

Os olhos do Imperador pareceram focar diretamente na lente.

— Prioridade máxima: Marcus Valerius.

O nome veio com leve atraso, quase fora de sincronia.

— Não pode… — interferência — …sobreviver.

A gravação falhou novamente. Linhas de ruído atravessaram a imagem. Por alguns segundos, apenas o som distante de estática.

— Vastara… — a voz voltou, mais fria — …não pode gerar instabilidade adicional.

A transmissão terminou abruptamente.

Silêncio.

Xal'Khor não reagiu de imediato.

Os múltiplos olhos se moveram de forma independente, percorrendo dados que surgiam ao redor:

fluxos de apostas, projeções de audiência, taxas de mortalidade do coliseu, picos recentes de engajamento.

Um nome aparecia repetidamente.

Marcus Valerius.

— Eliminação imediata… — murmurou Xal'Khor, como se provasse as palavras.

Um som úmido, quase um riso, escapou de sua garganta.

— Sempre tão… direto.

Ele girou levemente no trono, encarando uma projeção do coliseu. As arquibancadas vazias ainda carregavam resquícios de energia, como um eco de gritos que não haviam terminado de morrer.

— Matar um ativo desses… — disse para ninguém — …é um desperdício que apenas alguém cercado de mármore poderia sugerir.

Xal'Khor ativou outra projeção.

Dados históricos surgiram.

Campeões antigos.

Generais caídos.

Um nome destacou-se entre eles.

Um romano enviado a Vastara décadas antes.

Havia tentado dominar a província de Germania e exterminar outros povos.

Um problema político sério demais para ser executado em público.

Poderia trazer rumores sobre insubordinação dentro do Império, dentro de Roma Aeterna. Algo inaceitável.

Transformado em prisioneiro.

Depois em lucro.

— Mortos não entretêm. — continuou Xal'Khor, com um tom quase didático. — Mortos não rendem apostas. Mortos não atraem olhares.

Ele inclinou-se para frente.

— Vivos… — seus olhos brilharam — …vivos valem bem mais para mim.

Um dos apêndices digitou comandos no ar.

STATUS DO PRISIONEIRO: VIVO
LOCALIZAÇÃO: CIDADE ALTA
CLASSIFICAÇÃO: EVENTO DE ALTO VALOR

— O Imperador quer um cadáver. — disse Xal'Khor. — Ele terá um cadáver, mas primeiro eu quero um espetáculo.

Ele se acomodou novamente no trono.

— Que ele lute. — concluiu. — Que sangre. Que sobreviva. Que o sistema inteiro aprenda o nome dele antes que perca e caía em batalha.

Os olhos se fecharam por um instante.

— Romanos sempre renderam bem dentro do meu coliseu.

E, nas profundezas de Vastara, enquanto Marcus Valerius ainda não compreendia o tamanho do jogo em que havia sido lançado, o coliseu se preparava.

Não para executar um homem.

Não antes de transformá-lo em algo muito mais valioso.

A cidade alta de Vastara agora se estendia diante dele como um organismo vivo. Plataformas suspensas, passarelas arqueadas, mercados verticais iluminados por painéis flutuantes. Naves comerciais cruzavam o céu baixo, projetando sombras longas sobre ruas de pedra e metal reciclado. Havia música em alguns pontos, gritos em outros, risadas nervosas misturadas ao som distante do coliseu — que nunca se calava de verdade.

Ele deu alguns passos.

E sentiu.

Não era o rastreador.

Não era medo.

Era a certeza incômoda de que não estava sozinho.

Marcus caminhou entre multidões de todas as espécies. Mercadores o observavam rapidamente. Guardas particulares fingiam não vê-lo. Alguns olhares eram curiosos. Outros… avaliavam.

Ele virou uma rua estreita.

A sensação aumentou.

Algo o acompanhava, mantendo distância exata. Nem perto demais para atacar. Nem longe demais para perder.

Marcus levou a mão ao gladius instável, agora preso de forma precária à cintura.

Nada.

Continuou andando.

Desceu por uma escadaria lateral que levava a níveis mais baixos da cidade. As estruturas tornaram-se mais antigas, mais improvisadas. A luz diminuía. O ar ficava pesado, saturado por fumaça, óleos e algo mineral que lembrava ferrugem viva.

A cidade alta ficava para trás.

O subterrâneo começava.

Marcus perdeu a noção de direção rapidamente. Túneis se ramificavam em ângulos impossíveis. Placas antigas misturavam idiomas mortos e símbolos locais. Sons vinham de lugares que não deveriam existir.

Ele parou.

O silêncio ali era diferente.

— Você anda como se estivesse esperando uma emboscada. — disse uma voz atrás dele.

Marcus girou em um movimento só, gladius erguido.

Padameg estava encostada em uma coluna de pedra escura, metade do corpo escondida pela sombra. O capuz baixo, o respirador refletindo a pouca luz, os olhos dourados atentos.

— Você. — disse Marcus.

— Eu. — respondeu ela. — Achei que perceberia antes.

— Estava me seguindo.

— Estava garantindo que você não morresse antes da hora. — disse, simples.

Marcus baixou a lâmina lentamente.

— Por quê?

Padameg se aproximou alguns passos.

— Porque o coliseu solta quem sobrevive… mas outros participantes costumam eliminar a concorrência antes da prova. — respondeu. — E porque você não sabe para onde está indo.

Ela apontou para um túnel lateral quase invisível.

— A forja fica por ali.

— Forja?

— Sael'Thir, tinha certeza que ele ia se interessar por essa sua espada de luz. — disse ela. — Ele é o último que ainda lembra como as coisas eram feitas antes de tudo virar esse espetáculo quebrado.

Marcus hesitou apenas um instante antes de segui-la.

O túnel se abriu em uma câmara ampla, reforçada por placas antigas de metal escuro. O ar era quente, denso, carregado de energia. No centro, uma forja viva pulsava em luz âmbar, alimentada por núcleos improvisados e condutores orgânicos.

Uma figura estava curvada sobre uma mesa de trabalho.

Alta. Esguia. Pele de tom azul profundo, marcada por padrões naturais que lembravam veios de pedra. Quatro olhos, dois focados no trabalho, dois erguidos lentamente quando percebeu a presença deles.

— Então é você. — disse Sael'Thir, a voz grave, quase serena. — O romano que não morreu.

Marcus sentiu algo estranho.

Não hostilidade.

Não submissão.

Avaliação.

— Suas armas parecem estar morrendo. — continuou Sael'Thir, apontando para o gladius. — E sua armadura… já morreu. Você só ainda não percebeu.

— Você pode consertá-las? — perguntou Marcus.

Sael'Thir aproximou-se, tocando a lâmina com cuidado absoluto.

— Consertar, não. — respondeu. — Refazer, talvez.

Ele ergueu o olhar.

— Mas para isso, você vai precisar de um núcleo estável. Um de verdade. Não essas sobras que alimentam o coliseu.

Padameg cruzou os braços.

— Nós sabemos onde tem um.

Sael'Thir inclinou levemente a cabeça.

— Um barão. — disse. — Rico. Seguro. Convicto de que nada pode tocá-lo.

Padameg aproximou-se de Marcus.

— Você quer sair daqui. — disse. — Eu quero entrar nas ruínas. O barão tem mapas antigos. Relíquias. Acesso a rotas bloqueadas.

Ela sustentou o olhar dele.

— Podemos nos ajudar.

— A prova começa no próximo nascer do sol — respondeu com hesitação tocando o rastreador frio em sua nuca.

— Isso vai demorar, os dias são longos aqui, romano — comentou Padameg.

— E esse maldito rastreador? — perguntou.

— A única coisa que eles se importam é com que você não saia do perímetro — respondeu sorrindo.

Marcus respirou fundo.

— Então vamos roubar esse barão de merda.

Sael'Thir sorriu — não com os lábios, mas com os olhos.

— Vastara gosta quando histórias novas começam assim.

A forja iluminou-se com mais intensidade enquanto o ferreiro voltava ao trabalho.

Do lado de fora, a cidade se preparava para a caçada. E Marcus Valerius, agora marcado, rastreado e caçado, dava seu primeiro passo real fora da órbita de Roma.

O esconderijo de Padameg não era apenas um abrigo.

Era um fragmento de mundo preservado.

O túnel estreito se abriu para um espaço maior, irregular, escavado diretamente na rocha negra do subterrâneo. As paredes não eram lisas — exibiam marcas de ferramentas antigas, camadas de ocupação, símbolos sobrepostos ao longo de gerações. Pequenos emissores de luz suave estavam posicionados de forma estratégica, criando sombras longas e um clima quase íntimo, distante da brutalidade da cidade acima.

Marcus percebeu que o local possuía muitos detalhes para alguém a moradia de alguém que "apenas sobrevivia".

Havia mapas antigos presos à parede, feitos em tecido e placas finas de metal escurecido, rotas desenhadas à mão, algumas claramente mais velhas do que o coliseu. Fragmentos de cerâmica alienígena repousavam em nichos improvisados. Um conjunto de lâminas ritualísticas estava alinhado com cuidado excessivo para simples armas. E, no fundo do espaço, parcialmente coberto por panos claros, um painel entalhado em pedra trazia o mesmo padrão espiral das tatuagens de Padameg.

Não era decoração.

Era arquivo.

— Você não mora aqui por acaso. — disse Marcus, quebrando o silêncio.

Padameg pousou o equipamento que carregava e o observou por um instante antes de responder.

— Vastara não permite acaso. — disse.

Ela retirou o capuz, soltando parte dos cabelos presos. O ambiente pareceu mudar levemente com isso, como se o esconderijo reconhecesse a própria dona.

— Pode sentar. — disse. — Aqui ninguém te observa… além de mim.

Marcus sentou-se com cuidado em uma almofada confortável disposta no chão, apoiando as costas na pedra. O corpo reclamou, mas já não gritava como antes. Padameg aproximou-se, analisando os danos visíveis, o corte mal fechado, o brilho fraco do gladius.

— Você devia estar morto. — comentou, sem crueldade.

— Já ouvi isso hoje... Padameg — respondeu ele.

Ela soltou um breve sorriso.

— Padameg é nome de cerimônia. — disse, após um instante. — Aqui, pode me chamar de Pada.

Marcus assentiu.

— Então… obrigado, Pada.

Ela pareceu aceitar o nome como quem aceita um pacto pequeno, mas real.

— Você parece realmente terrível — disse — Tenho algo que pode ajudar.

Foi só então que ela retirou de um compartimento um objeto cilíndrico, elegante, feito de metal opalescente e vidro translúcido, conectado a cápsulas pequenas cheias de um líquido viscoso azul intenso.

— Não faz fumaça, não vai atrair ninguém. — disse, percebendo o olhar dele. — É só poeira brilhante.

Ela ativou o dispositivo. Um brilho percorreu o cilindro, e uma névoa azulada começou a se espalhar lentamente pelo ar, cintilando como poeira de estrelas. Não irritava os olhos. Não queimava os pulmões. Pelo contrário — havia algo calmante ali, como se o próprio ambiente desacelerasse.

— O que é isso? — perguntou Marcus.

— Arguilé de Vastara. — respondeu. — São ervas medicinais, as ervas quase acabaram há gerações. Isso é… o que sobrou do que éramos.

Ela levou o bocal aos lábios, inalou com cuidado e soltou a névoa em um fluxo lento quase imóvel. O brilho refletiu nos olhos dourados, tornando-os ainda mais irreais.

Marcus hesitou antes de aceitar quando ela estendeu o arguilé.

Inalou.

A sensação foi diferente de tudo que conhecia. Não havia torpor, nem euforia. Apenas clareza. Uma quietude estranha, como se pensamentos que sempre gritavam passassem a falar mais baixo.

— Isso não existe em Roma. — disse ele.

— Muitas coisas não existem em Roma.

Padameg sorriu de leve.

— Antes disso...de tudo isso acontecer… — disse Pada, se aproximando dele. — Eu não perguntei.

Marcus ergueu o olhar.

— O quê?

— O que você fez antes de cair aqui. — disse ela. — Além de sobreviver.

Ele demorou a responder.

Inspirou a névoa novamente e a exalou com força inundando o local com tons de azuis impossíveis.

— Nhal'Ruun. — disse. — Um planeta roxo, florestas negras, criaturas que Roma chamou de bárbaras antes de aprender como explorá-las.

Pada ouviu em silêncio.

Marcus falou da marcha perfeita. Da precisão orbital. Da vitória calculada. Falou dos Hrokar, dos Lumari, dos Urskael caídos. Não se vangloriou. Apenas relatou.

— Depois disso… Roma. — continuou. — Desfiles. Glória. E uma missão especial.

A névoa azul dançava entre eles.

— Um sistema distante. Informações incompletas. Rebeldes que sabiam demais sobre nós. — ele fechou os olhos por um instante. — Foi uma armadilha.

— Para você? — perguntou Pada.

— Para o meu general. — respondeu. — Aelius Magnus.

O nome saiu com peso.

— Ele me ensinou a pensar antes de agir. — disse Marcus. — O suficiente para saber quando algo estava errado… mas não rápido o bastante para impedir que acontecesse.

Padameg inclinou a cabeça.

— Minha matriarca dizia que os melhores líderes são os primeiros a incomodar os tronos.

Marcus a encarou.

— Ela te ensinou a resistir.

— Ela me ensinou a lembrar. — corrigiu Pada. — Vastara já foi diferente. Não esse deserto. Não esse coliseu. Eles querem apagar a história desse mundo.

Ela tocou o painel espiral atrás deles.

— Havia água corrente que parecia verter para os céus. Jardins de cristal. Cidades que cresciam com o vento, não contra ele. A matriarca dizia que nosso povo não dominava o planeta… conversava com ele.

— A água... corria para cima? — perguntou.

— Sim — respondeu. — Rios azuis surgiam do chão, fluindo pra cima, formando arcos que se transformavam em névoa luminosa antes de tocar o céu.

Ouvir aquilo só enchia ainda mais a cabeça de Marcus de dúvidas. Como ele poderia sonhar com um

planeta que nunca havia visitado. Que nunca imaginou que pudesse existir.

Sufocar aqueles pensamentos se tornava cada vez mais difícil.

Buscou voltar sua atenção novamente para Pada.

A voz dela suavizou.

— Quando tudo caiu, ela me fez prometer que não esqueceria. Mesmo que eu fosse a última.

O silêncio se estendeu.

A névoa azul se acumulava entre eles, cintilando. Marcus percebeu o quão perto estavam quando Padameg ergueu o olhar ao mesmo tempo que ele. Os rostos separados por pouco mais que um sopro. A respiração dela era calma. A dele, não.

Por um instante, tudo pareceu possível.

Então Padameg tossiu levemente, afastando-se.

— Essa coisa mexe com a cabeça. — disse, apontando para o arguilé. — Não confie nela.

Marcus sorriu, curto, contido.

— Em Roma, chamaríamos isso de influência química indevida.

— Em Vastara, chamamos de noite sobrevivida. — respondeu ela.

O clima mudou sem desaparecer.

A ferida de Marcus doía cada vez menos.

E ele se sentia cada vez mais preparado para sua próxima missão.

Padameg levantou-se e abriu um compartimento na parede.

Dentro, não havia tecnologia refinada. Havia cabos reaproveitados, cargas de pulso montadas à mão, mantos de camuflagem térmica costurados com tecido local, uma roupa tática que era uma mescla de tecido

leve e armadura improvisada e pequenos dispositivos feitos de peças incompatíveis entre si.

— Nada disso é bonito. — disse ela. — Mas funciona.

Marcus observou com atenção.

— Em Roma, chamariam isso de gambiarra criminosa.

— Em Vastara, chamamos de sobrevivência. — respondeu Pada, sorrindo.

Ela se afastou do compartimento e da sala onde Marcus estava, se despiu e começou a vestir o equipamento com movimentos precisos, quase automáticos. A roupa do deserto deu lugar a um traje tático colado ao corpo, escuro, feito de um material flexível que absorvia a luz. Placas de armadura alienígena encaixavam-se sobre o busto, coxas e canelas, integradas à roupa como se tivessem sido pensadas juntas — não bonitas, mas eficientes.

O respirador permaneceu, agora ajustado a um sistema interno mais silencioso. Os cintos táticos cruzavam sua cintura e coxas com bolsos mínimos, posicionados para não atrapalhar o movimento. Quando o manto de camuflagem caiu sobre seus ombros, o tecido pareceu hesitar no ar antes de assumir tons instáveis, borrando suas linhas.

Padameg então voltou completamente pronta e equipada, carregando um manto de camuflagem.

Marcus demorou um segundo a mais do que pretendia para desviar o olhar.

Padameg percebeu.

— Você acha que eu faço missões perigosas usando a roupa do deserto? — disse, em tom leve, quase provocador.

Marcus pigarreou.

— Faz sentido.

Padameg sorriu e entregou o manto a Marcus.

Ele próprio ajustou o equipamento improvisado. A armadura romana ficara para trás; agora vestia uma cota de malha escura reforçada com placas metálicas nos antebraços e canelas, presas por bandagens tecnológicas. Cintos utilitários cruzavam o peito e a cintura, sustentando munição, ferramentas, o gladius e a base do escudo de energia.

O manto de camuflagem agora repousava pesado sobre seus ombros, projetando sombras que não coincidiam exatamente com seu corpo.

Padameg projetou um mapa holográfico simples no centro do esconderijo. Vastara surgiu em camadas: cidade alta, setores intermediários, subterrâneo profundo. Um ponto pulsava em dourado.

— Barão Kel'Sar. — disse. — Vive aqui. Núcleo estável protegido por seguranças privados e sistemas que não respondem ao coliseu.

Marcus se aproximou, analisando.

— Entrada frontal?

Padameg balançou a cabeça.

— Suicídio.

— Rotas de serviço?

— Bloqueadas. Mas as ruínas passam por baixo. — ela apontou para linhas quase apagadas no mapa. — São antigas demais para os sensores atuais.

Marcus ajustou o gladius no cinto.

— Então roubamos um barão… antes de uma caçada onde todos querem me matar.

Padameg sorriu, agora sem tristeza.

— Bem-vindo a Vastara, Marcus Valerius.

Acima deles, o coliseu pulsava, vivo.

E abaixo, entre pedra, memória e névoa azul, dois mundos começavam a se misturar.

Eles partiram quando Vastara parecia mais desperta — e, ao mesmo tempo, mais distraída, ao cair da noite.

O céu avermelhado cedia lentamente a tons de púrpura profundo, e as luzes artificiais da cidade alta se intensificavam, criando uma ilusão de segurança. Era nesse horário que o barão gostava de se exibir — jantares, negociações, apostas transmitidas em tempo real para camarotes do coliseu.

A mansão do barão Kel'Sar erguia-se sobre uma plataforma elevada na cidade alta, sustentada por pilares metálicos cravados na rocha. Não era um palácio no sentido romano. Era ostentação funcional: linhas agressivas, superfícies negras polidas, iluminação dourada calculada para ser vista de longe. Guardas privados patrulhavam passarelas externas, enquanto drones de vigilância cruzavam o ar em trajetórias imprevisíveis.

— Ele se sente intocável à noite. — murmurou Padameg. — Acha que a escuridão protege ele.

Eles entraram na mansão de Kel'Sar quando Vastara começou a escurecer mais ainda.

Os mantos de camuflagem ativaram-se quando cruzaram a última passarela. O tecido orgânico reagiu ao ambiente, projetando para trás uma distorção visual que imitava o espaço à frente deles. Não invisibilidade. Reflexo imperfeito. Quem olhasse rápido não veria nada. Quem olhasse com atenção… desconfiaria.

Marcus sentiu o desconforto imediato.

O mundo parecia atrasado ao redor do corpo, como se ele estivesse sempre meio passo fora da realidade.

— Isso não é natural. — murmurou.

— Você se acostuma. — respondeu Padameg.

Eles avançaram por corredores internos silenciosos demais. As paredes eram lisas, escuras, adornadas com símbolos de riqueza: metais raros, tecidos vivos, organismos decorativos presos em campos de contenção, pulsando lentamente como corações ornamentais.

Padameg foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Eu nunca te perguntei para onde iria depois de conseguir sair daqui. — sussurrou. — Imagino que de volta para Roma de alguma forma.

— Você quer mesmo falar disso aqui e agora? — sussurrou de volta.

— Não gosta de conversar enquanto trabalha — debochou. — Como é disciplinado.

— Argh... certo — respondeu. — Sim, eu vou voltar para Roma, mas primeiro tenho que me encontrar com um General de confiança, no Sistema Viridis Profundus.

— Nunca ouvi falar — respondeu — Melhor nos concentrarmos na missão.

— Foi você que come—

— Ssh... — interrompeu Padameg.

— Consegue escutar? — continuou.

O primeiro som veio de baixo.

Vozes abafadas.

Padameg parou abruptamente, puxando Marcus para uma abertura lateral quase invisível. O corredor dava acesso a um compartimento inferior — não técnico, não residencial.

Prisional.

Grades energéticas alinhavam-se em fileiras. Dentro delas, corpos.

Escravos.

Dezenas. Humanos. Alienígenas. Alguns feridos. Outros apenas exaustos demais para reagir.

Marcus sentiu o estômago se contrair.

— Ele mantém os que sabe que não pode vender. — sussurrou Padameg. — Ou os que sabem demais.

Ela se aproximou das grades.

— Vocês… — disse, baixo. — Alguém aqui conhece as ruínas antigas? Os mapas?

Um silêncio pesado se espalhou.

Então uma figura se aproximou da grade mais ao fundo. Pele acinzentada, olhos opacos, corpo frágil demais para o trabalho pesado.

— Eu. — disse. — Minha família cuidava dos mapas para o barão antes de... acabarmos aqui.

Padameg se aproximou.

— Leve-me até onde ele os guarda. — disse. — E ninguém fica aqui quando partirmos.

Marcus não discutiu.

Ele abriu as grades com uma carga de pulso curta. Os campos falharam em sequência, liberando os prisioneiros. Alguns fugiram imediatamente. Outros ficaram, observando-os com algo entre esperança e medo.

A escrava os guiou por corredores ocultos, passagens usadas apenas para transporte interno de "bens". Subiram três níveis, atravessaram uma galeria adornada com relíquias roubadas — muitas delas quebradas, incompletas, descontextualizadas.

— Aqui. — disse ela.

O cofre não era trancado.

Era exibido.

Mapas antigos flutuavam em campos translúcidos, rotas marcadas em símbolos pré-imperiais. Relíquias de

pedra, cristal e metal orgânico repousavam como troféus.

Padameg aproximou-se com cuidado quase reverente.

— Ainda funcionam. — murmurou.

Ela armazenou os mapas, recolheu as peças mais importantes, os olhos brilhando não por ganância, mas por reencontro.

Foi então que o som ecoou.

Palmas lentas.

— Sempre achei que alguém viria buscá-los. — disse a voz.

Kel'Sar surgiu de uma plataforma elevada.

O barão não parecia um ser vivo no sentido comum. Seu corpo era ovóide, sustentado por uma base mecânica ornamentada. A pele lisa e pálida pulsava levemente, como se mal conseguisse conter o próprio volume. Múltiplos olhos pequenos se abriam e fechavam em padrões irregulares.

No centro do corpo, pendurado por correntes de metal precioso, estava o núcleo.

Brilhando.

Estável.

— Vocês são… interessantes. — disse Kel'Sar. — Você deve ser o romano. Caiu do céu e ainda insiste em se rastejar.

O som veio antes da visão.

Um arrastar pesado, orgânico, acompanhado por um ruído úmido, como carne se movendo contra metal.

Padameg parou no meio do passo.

— Não se mexa. — sussurrou.

Algo emergiu da sombra atrás do Barão.

A criatura era alta, muito mais alta que Marcus, corpo coberto por músculos densos e placas ósseas

irregulares, como se tivesse sido montada a partir de diferentes predadores. Os membros traseiros lembravam os de um lobo colossal, tensos, preparados para o salto. Os braços eram longos, terminando em garras curvas e negras.

Mas era a cabeça que prendia o olhar.

Não havia focinho.

A face se abria em uma algo que parecia uma flor orgânica de carne arroxeada, pétalas grossas retraídas ao redor de uma abertura pulsante. Quando a criatura se moveu, a "flor" se abriu em camadas, revelando centenas — talvez milhares — de dentes finos, translúcidos, vibrando como cerdas vivas.

O som que produziu não foi um rosnado.

Foi um gemido de dor.

— Meu Vigia. — disse Kel'Sar, satisfeito. — Ele não gosta quando alguém toca nas minhas coisas.

O primeiro movimento foi da criatura.

Ela avançou em um salto impossível, cruzando o espaço em um borrão. Marcus ergueu o escudo por reflexo — o impacto foi brutal, lançando-o contra a parede com força suficiente para trincar a pedra negra. O escudo de energia piscou, quase falhando.

Padameg já estava em movimento.

Ela deslizou por baixo do ataque seguinte, rolando entre as pernas da criatura, a adaga traçando um corte preciso na articulação traseira. Não profundo. Calculado. Fazendo-o dobrar um dos joelhos. A criatura gritou — um som agudo, infantil e monstruoso ao mesmo tempo.

— Agora! — gritou ela.

Marcus avançou no mesmo instante.

O gladius reagiu à proximidade do núcleo, reacendendo com violência. Ele não tentou elegância. Golpeou com força total, a lâmina de energia abrindo um

sulco fumegante no torso da criatura. O cheiro de carne queimada se espalhou pelo ambiente junto com uma explosão de sangue negro.

Guardas privados surgiram e abriram fogo.

Padameg se moveu entre eles como sombra viva. Corria pelas paredes, usava colunas como cobertura, surgia onde não deveria existir. A adaga encontrava gargantas, juntas, pontos de conexão de armaduras. Um guarda caiu antes mesmo de compreender que estava morto.

Marcus era o oposto.

Ele avançava.

Absorvia impactos.

Quebrava linhas.

Quando um guarda tentava mirar Padameg, Marcus surgia, escudo à frente, esmagando-o contra o chão. Quando cercavam Marcus, Padameg aparecia por trás, desmontando o cerco com cortes rápidos e silenciosos.

A criatura então atacou novamente.

Padameg lançou uma carga de pulso direto na abertura da "flor". A explosão não matou — mas desorientou. As pétalas se fechavam e abriam em espasmos descontrolados. Marcus aproveitou.

Saltou.

Cravou o gladius profundamente na abertura exposta do "rosto" da criatura e puxou com força bruta. A lâmina oscilou, quase se apagou, mas atravessou. O corpo caiu com um impacto pesado, convulsionando uma última vez antes de ficar imóvel.

Silêncio.

Por meio segundo.

Kel'Sar começou a recuar, a base mecânica rangendo sob o próprio peso. Seus olhos se arregalaram — não em raiva, não em desafio.

Em surpresa.

— Vocês… — murmurou. — Isso não… isso não era—

Padameg já estava em movimento.

Ela correu pela lateral da plataforma, saltou, agarrou-se às correntes que sustentavam o pingente e girou o corpo com força total rasgando o "tórax" da criatura com sua adaga com facilidade. O núcleo se desprendeu em um clarão dourado.

Kel'Sar emitiu um som estranho.

Não um grito.

Um gemido curto, infantil, quase confuso — como alguém que não compreende por que algo precioso foi tirado.

Marcus não hesitou.

O golpe final foi direto.

O gladius atravessou o centro do corpo ovóide, desligando sistemas, vida e poder em um único gesto. Kel'Sar caiu, pesado, inerte, os olhos se apagando um a um, enquanto uma gosma verde que parecia ser o sangue da criatura, banhava seu corpo já sem vida.

O núcleo pulsava nas mãos de Padameg.

— Vamos! — gritou.

Antes de correr lançou o objeto para Marcus

Marcus o pegou em pleno ar e o escondeu de forma segura.

E tudo o que veio depois aconteceu rápido demais para ser pensado.

Alarmes ecoaram. Luzes vermelhas invadiram os corredores. Eles correram, saltaram níveis, atravessaram passagens antigas enquanto o manto de

camuflagem falhava sob holofotes atentos — reflexos atrasados, sombras erradas.

Quando finalmente alcançaram o subterrâneo, a noite já se rompia em tons pálidos.

Ambos pararam em frente a uma bifurcação.

— Pada, eu preciso te falar algo — começou.

— Tem que ser agora? — perguntou ofegante.

— Não gosta de conversar enq—

— Fala logo — interrompeu.

— Quando você disse sobre a água... Eu já vi aquilo — começou. — Nos meus sonhos, eu vi a areia, a água, cristais... Eu precisava te falar, não sei se nós nos encontraremos de novo.

Pada olhou para ele com seus olhos dourados brilhantes.

— Talvez nossos caminhos não tenham se cruzado apenas por coincidência, romano — respondeu.

Padameg respirando fundo.

— Depois da caçada. — disse. — Me encontre onde nós escondemos pela primeira vez no deserto.

Marcus assentiu.

— Eu vou estar lá.

Ela tocou o braço dele por um instante — rápido demais para ser despedida, longo demais para ser acaso.

Então se foi.

Marcus correu sem parar.

Chegou à forja de Sael'Thir antes do primeiro brilho do sol surgir no horizonte artificial de Vastara.

O núcleo ainda pulsava em suas mãos.

Funcionava.

CAPÍTULO 8
A CAÇADA COMEÇA

A forja vibrava baixo, como um coração cansado.

Sael'Thir não olhava para Marcus enquanto trabalhava. Ajustava a Gladius com precisão quase ritualística, passando os dedos longos pelas junções da empunhadura como quem reconhece falhas invisíveis.

— Você segura sua arma como quem confia sua vida a ela. — disse, sem erguer a cabeça.

— Fui treinado para isso. — respondeu Marcus.

— Não. — corrigiu Sael'Thir. — Treinamento ensina técnica. Confiança vem de outra coisa, de alguém que já tirou e salvou muitas vidas com uma arma.

Marcus franziu o cenho.

Sael'Thir ativou brevemente o campo da lâmina, observou a estabilidade, e então a desligou.

— Antes de Vastara cair, meu povo não forjava só armas. — disse. — Nós construíamos cidades. Pontes. Sistemas de água. Cristais de fluxo.

Ele apontou para o teto irregular da forja, onde estruturas antigas ainda eram visíveis sob camadas de metal romano reaproveitado.

— Construímos os alicerces que Roma usou como base para destruir o planeta. — continuou. — Quando Roma chegou, disseram que construirmos armas era útil. Depois disseram que era necessário. Depois disseram que era obrigatório.

Ele finalmente olhou para Marcus.

— Sabe a diferença entre um construtor e um escravo?

Marcus hesitou.

— Um escolhe o que constrói. — respondeu, por fim.

Sael'Thir assentiu, como se esperasse exatamente aquilo.

— Vastara não caiu de uma vez. — disse. — Ela foi sendo drenada… até que percebemos que estávamos sustentando algo que nos esmagava.

— Então, um dia, quando o planeta já estava seco — continuou. — Roma se foi e deixou apenas marcas e um ditador no comando do mundo.

Marcus desviou o olhar para baixo, sentindo um misto de culpa e raiva.

— Eu não sabia... na verdade não entendia — disse. — Sentia que tudo que fazia era para o bem maior, para o bem de Roma Aeterna.

— Você desconfiava, todos que pensam desconfiam — respondeu. — Mas depois que caiu do céu, caiu aqui em Vastara, você começou a entender em que seu Imperador transformou o império de Roma.

Marcus assentiu.

Sael'Thir entregou a arma e o escudo a Marcus.

— Seus equipamentos estão prontos. — disse. — Só lembre disso quando as usar: toda ordem parece limpa… quando você não vê quem está por baixo dela.

A caçada começaria em breve.

Mas, antes disso, Roma perderia uma lâmina.
E Vastara ganharia outra.

A cidade inteira parou.

Não houve sirenes.

Não houve alerta de evacuação.

As telas simplesmente se acenderam.

Hologramas emergiram de torres, fachadas, plataformas aéreas, mercados suspensos e passarelas subterrâneas. O céu de Vastara foi rasgado por projeções colossais, repetidas em camadas sobrepostas, como se o próprio planeta estivesse prestes a assistir a si mesmo morrer — ou divertir-se com isso.

O rosto que surgiu não era humano.

Xal'Khor, o Magnânimo, ocupou o espaço.

Sua forma era imensa, sustentada por uma estrutura antigravitacional ornamentada como um trono móvel. O corpo alienígena lembrava uma fusão de molusco e réptil antigo, envolto por tecidos dourados vivos que pulsavam lentamente. O rosto era largo, com múltiplos olhos dispostos em semicírculo, cada um focando uma parte diferente da cidade. A boca, larga e úmida, curvava-se em algo que simulava benevolência.

— **Habitantes de Vastara.** — sua voz ecoou em todas as frequências, grave e envolvente. — **Escravos, mercadores, guerreiros… e sobreviventes.**

O coliseu respondeu com um rugido distante.

— **Hoje celebramos a Segunda Prova do Grande Torneio.** — continuou. — **A Caçada.**

Imagens se sobrepuseram à projeção: combatentes sendo soltos pelas ruas, perseguições, mortes captadas de ângulos espetaculares. Estatísticas surgiam ao lado — contadores de abates, probabilidades, apostas em tempo real.

— **Durante as próximas horas**, os vencedores da Primeira Prova serão libertados na cidade. — disse Xal'Khor. — **Quem matar mais… vence.**

Um murmúrio percorreu Vastara.

— **Quem sobreviver até o fim do tempo**, — ele ergueu um dos apêndices dourados — **vive.**

— **Mas deverá retornar à Primeira Prova… e começar de novo.**

O sorriso se ampliou retorcido.

— **Sou misericordioso.**

— **O vencedor poderá escolher:**

— **Avançar para a Terceira Prova…**

— **Ou retornar ao ciclo eterno de glória e entretenimento.**

A palavra eterna foi repetida em eco.

— **Poucos ousam a Terceira Prova.** — concluiu.

— **E eu os compreendo.**

As telas mudaram.

Um nome surgiu em dourado pesado:

FERRUM REX

Imagens dele em combate se sucederam rapidamente. Um homem gigantesco, envolto em uma armadura brutal de metal bronze e vermelho sangue, marcada por troféus arrancados de inimigos. Um machado energético preso às costas. O corpo coberto de cicatrizes exibidas com orgulho.

— **Nosso campeão.** — proclamou Xal'Khor. — **A prova viva de que Vastara recompensa aqueles que aceitam seu lugar.**

Ferrum Rex ergueu os braços em sua arena privada, saudado por gritos.

— **A Caçada começa… agora.**

As telas se apagaram.

E Vastara explodiu em movimento.

Marcus sentiu o rastreador vibrar na nuca.

O contador apareceu no visor recém-recalibrado.

TEMPO RESTANTE: 06:00:00
ABATES: 0

Ele puxou o manto.

O capuz-poncho ativou-se, projetando à frente o que estava atrás dele. O efeito era perturbador. Não invisibilidade — ilusão. O mundo parecia dobrar-se ao redor do corpo.

Marcus moveu-se pelas ruas estreitas da cidade intermediária.

Primeira morte.

Um mercenário distraído.

Segunda.

Terceira.

Funcionava.

Até não funcionar mais.

— Ei… — murmurou alguém.

Um alien de olhos compostos parou, franzindo o que quer que fosse equivalente a uma testa.

A sombra estava errada.

Marcus sentiu o instante exato em que o truque falhou.

Ele arrancou o manto do corpo e o lançou com força total em direção ao rosto do alien. O tecido refletiu a luz, cegando-o por um segundo precioso.

Foi o suficiente.

A Gladius surgiu em sua mão — não azul.

Dourada.

A lâmina crepitava com energia instável, viva, quase elétrica, vibrando em ramificações irregulares como um relâmpago contido. O punho agora exibia uma estética alienígena, bronze escurecido, inscrições que não eram romanas nem vastarianas. O escudo se

projetou à frente com o mesmo brilho quente, campos de energia mais densos, mais agressivos.

Marcus cravou a lâmina.

O alien caiu antes de gritar.

O visor atualizou.

ABATES: 4

O rugido da multidão ecoou distante.

Marcus recolheu rapidamente o manto, agora rasgado, e voltou a avançar.

O visor piscava com dados incompletos, interferências constantes vindas das torres do coliseu. Vastara inteira parecia um tabuleiro vivo, cada rua um corredor de morte, cada sombra um possível caçador.

Ele avançou por um setor mais baixo da cidade, onde passarelas metálicas se entrecruzavam entre edifícios colados uns aos outros. Vapor escapava de dutos mal vedados, criando cortinas naturais. O manto pendia agora inutilizado sobre o ombro, rasgado em vários pontos.

Algo se moveu acima.

Marcus ergueu o escudo no instante em que um corpo despencou da passarela superior.

O impacto foi brutal.

O alien era alto e magro, pele azul-escura marcada por placas naturais, três olhos dispostos em linha vertical. Usava lâminas duplas presas aos antebraços, girando os pulsos com velocidade impossível. O primeiro golpe raspou o escudo, o segundo atravessou a lateral do campo de energia e atingiu a ombreira da armadura improvisada de Marcus, arrancando faíscas douradas.

Marcus girou, bloqueou, respondeu com um golpe horizontal.

A Gladius não apenas cortou.

Ela rasgou.

A energia dourada explodiu para fora da lâmina no impacto, atravessando carne e placa orgânica como se o ar tivesse se tornado sólido por um instante. O alien caiu em dois pedaços distintos, o corpo ainda convulsionando por meio segundo antes de parar.

ABATES: 5

Marcus mal teve tempo de recuperar a postura.

Um segundo inimigo surgiu do vapor, mais baixo, mais pesado. Uma criatura reptiliana, mandíbula larga, braços curtos e grossos empunhando um martelo de impacto alimentado por núcleo instável. O golpe veio direto, sem técnica, apenas força.

Marcus recebeu o impacto de frente.

O escudo absorveu parte, mas o resto atravessou, lançando-o contra uma parede. A dor explodiu no braço esquerdo. Avisos médicos pipocaram no visor.

O reptiliano avançou para finalizar.

Marcus cravou o escudo no chão e ativou-o em sobrecarga.

O campo explodiu para frente em um arco de energia dourada, empurrando o inimigo para trás. Antes que ele se recuperasse, Marcus avançou com um golpe ascendente, abrindo o tórax da criatura de baixo para cima.

O martelo caiu com um baque surdo.

ABATES: 6

Respiração pesada.

O contador seguia correndo.

Marcus seguia correndo sem rumo em busca de mais adversários.

Foi então que Marcus ouviu passos humanos.

Não havia peso exagerado.

Não havia descuido.

O homem surgiu entre duas colunas estruturais, sem armadura pesada, apenas tecido reforçado e implantes visíveis nos braços e no pescoço. Olhos atentos. Mãos vazias.

— Não sou seu inimigo. — disse ele.

Marcus não abaixou a arma.

— Todo mundo aqui é. — respondeu.

O homem sorriu, tenso.

— O verdadeiro inimigo é o perímetro — disse ainda sorrindo. — Você nem sequer checou seu mapa...

O rastreador na nuca do humano começou a apitar.

Um som agudo. Insistente.

O visor de Marcus alertou:

ALERTA DE LIMITE DE PERÍMETRO

Marcus arregalou os olhos.

— Merda… — murmurou.

O homem avançou.

De trás de seu corpo puxou uma carga de pulso e a ativou.

Marcus sentiu a pressão em seu peito e viu suas armas falharem.

Sem armas.

Foi luta corpo a corpo.

Punhos contra armadura. Joelhos. Cotovelos. O humano era rápido, desesperado, tentando empurrar Marcus para fora da zona segura. Marcus sentiu o chão

vibrar sob os pés enquanto os dois se chocavam contra o limite invisível do perímetro autorizado.

O apito ficou ensurdecedor.

Marcus usou o peso do corpo, girou e lançou o homem com força total para trás.

O humano caiu fora da zona.

Por um segundo inteiro, houve silêncio.

Então o rastreador explodiu.

A cabeça do homem se desfez em uma nuvem vermelha e metálica, fragmentos orgânicos espalhando-se pela rua. O corpo caiu sem som.

Marcus ficou imóvel por um instante.

Entendeu.

Não era uma caçada.

Era uma carnificina.

ABATES: 7

Marcus continuava a se mover, agora para o centro da cidade alta.

A cidade parecia mais barulhenta agora.

Mais violenta.

E então ele ouviu o grito.

— PARA TRÁS!

Marcus virou-se a tempo de ver o homem do olho mecânico, o mesmo que o havia ajudado antes, sendo arremessado contra uma parede distante. O implante faiscou, falhando.

Ferrum Rex, o campeão invicto, surgiu logo atrás.

Maior do que as projeções sugeriam. A armadura parecia parte do corpo, fundida à carne em alguns pontos. O machado energético estava agora em mãos, vibrando com um campo vermelho instável.

— Você melhorou desde a última vez. — disse Rex, sem tirar os olhos do humano ferido.

— Não precisava ser assim. — respondeu o homem do olho mecânico, cuspindo sangue. — Você podia se juntar a nós. Você sempre vence e sempre volta para o começo. Por que não terminar com tudo isso?

Ferrum Rex riu.

— Porque isso não é o bastante. Eu preciso de sangue e glória.

Ele avançou.

A luta foi mais longa e brutal do que o esperado.

Marcus não conseguia se aproximar.

O humano era experiente, usava o ambiente, desviava, atacava pontos fracos da armadura. Chegou a cravar uma lâmina curta entre duas placas, arrancando um urro de dor de Rex.

Mas não foi suficiente.

Ferrum Rex o agarrou pelo pescoço.

— Você ainda acredita que existe saída. — disse, aproximando o rosto. — Eu sou a prova de que não existe.

Ele esmagou.

O crânio cedeu com um estalo seco.

O contador de Rex subiu novamente, visível nos hologramas distantes.

ABATES — FERRUM REX: 14

Só então Marcus avançou.

O choque entre os dois foi como uma colisão de veículos.

Gladius contra machado. Escudo contra força bruta. A rua se transformou em um campo de destruição. Golpes arrancavam pedaços de metal,

faíscas iluminavam os rostos, o chão rachava sob o impacto.

— Você podia acabar com isso! — gritou Marcus, bloqueando um golpe que quase arrancou seu braço. — Conseguiria vencer os três desafios e acabar com isso.

— E virar o quê? — rugiu Rex. — Um símbolo vazio?

O machado acertou o escudo em cheio, jogando Marcus para trás.

— Aqui eu sou alguém! — continuou Rex. — Aqui eu existo!

Marcus tentou avançar novamente, mas errou o tempo.

O golpe de Rex o lançou contra uma parede, o visor piscando em vermelho.

ABATES — FERRUM REX: 14

A diferença era absurda.

Marcus tentou se erguer.

Não conseguiu.

Foi então que o chão tremeu.

Algo enorme caiu entre eles.

— Saia. — disse a voz profunda.

Korr'Mak.

A Thal'keen surgiu como uma muralha viva, quatro braços empunhando machados improvisados, chifres marcados por cicatrizes antigas, parecia algo como um minotauro das lendas antigas de Roma, usava uma armadura de couro sintética preta e grossas pulseiras de um metal dourado apertavam seus músculos nos braços.

Marcus se surpreendeu com a figura colossal tomando sua frente.

— Merda... Por que está fazendo isso? — disse.

— Sael'Thir confia em você. — disse ela, sem tirar os olhos de Rex. — E eu confio nele. Quando a hora chegar ele vai te mostrar a verdade.

Ela avançou e atacou.

A luta entre os dois foi titânica.

Marcus recuou, ofegante, enquanto o contador seguia correndo. Ele não tinha tempo para orgulho. Nem para honra.

Tinha tempo para matar.

E matou.

Aliens. Humanos. Criaturas que não tiveram tempo nem para formar qualquer palavra.

A Gladius dourada cortava o ar como um relâmpago instável. O escudo avançava como uma parede viva. Cada combate era um risco. Cada vitória, um passo.

Últimos minutos.

Marcus correu.

Saltou.

Golpeou.

Sobreviveu.

Quando o tempo zerou, o nome dele estava no topo.

O visor piscava.

ABATES — MARCUS VALERIUS : 15
ABATES — FERRUM REX: 14

Por um instante, Vastara ficou em silêncio.

Então as telas se acenderam.

Xal'Khor, o Magnânimo, sorriu.

— Nosso novo campeão, Marcus Valerius. — disse. **— Venha, me encontrar.**

E, pela primeira vez desde que caíra naquele mundo, Marcus sentiu que não estava apenas sobrevivendo.

CAPÍTULO 9
AS RUÍNAS DE VASTARA

O rastreador não vibrou desta vez. Ele gritou.

Marcus levou a mão instintivamente à nuca, sentindo o dispositivo pulsar uma última vez antes de ser desativado à força. Um campo de contenção envolveu seu corpo, muito suave para ser um ataque, firme demais para permitir reação. O mundo ao redor perdeu definição por um instante.

Quando a sensação passou, ele estava em outro lugar.

O salão de Xal'Khor não era uma sala.

Era um palco.

Estruturas curvas se erguiam ao redor, feitas de um metal dourado vivo que parecia respirar lentamente. O chão era translúcido, revelando abaixo dele uma vastidão escura pontilhada por luzes — celas, arenas menores, corredores onde corpos se moviam como formigas presas em vidro. O ar era pesado, saturado de perfumes químicos e algo orgânico, muito doce para ser confortável.

Xal'Khor, o Magnânimo, flutuava diante dele.

De perto, a criatura era ainda mais perturbadora. A pele úmida refletia a luz ambiente em tons dourados e esverdeados. Os múltiplos olhos se moviam de forma independente, alguns fixos em Marcus, outros vagando pelo salão, outros claramente focados em transmissões externas. Correntes ornamentais ligavam seu corpo ao trono antigravitacional, não como prisão, mas como extensão simbólica de poder.

— Impressionante. — disse Xal'Khor, com uma voz que parecia sair de vários lugares ao mesmo tempo. — Um romano vencedor da segunda prova do torneio, se me lembro bem você é o primeiro a passar da primeira prova.

Mentiu Xal'Khor.

— Existiram outros? — perguntou surpreso.

— Muitos outros — disse. — Você realmente ainda não entende o que é Roma Aeterna...

Um apêndice se estendeu, e imagens surgiram ao redor deles.

Planetas mortos.

Cidades em ruínas.

Campos de mineração orbitais.

Mundos transformados em depósitos industriais.

— Vastara não é exceção. — continuou ele. — É o modelo a ser seguido.

A imagem mudou para legiões romanas marchando, flâmulas vermelhas erguidas, discursos de prosperidade e ordem.

— Roma chama isso de expansão. — disse Xal'Khor. — Eu chamo de destruição organizada.

Marcus sentiu o estômago se contrair.

— Este mundo — prosseguiu o magnânimo — é onde tudo aquilo que Roma não quer que exista mais… seja despejado. Criminosos. Dissidentes. Culturas

inconvenientes. Guerreiros que não se ajoelham. Todos acabam aqui. — Um som que poderia ser riso ecoou. — E aqui… eles entretêm.

As imagens mostraram o coliseu, a caçada, a multidão.

— Eu sei quem você é Marcus Valerius, eu sei quem seu General Aelius Magnus foi um dia — disse em tom ameaçador. — Você não deveria ter sobrevivido.

Marcus sentiu uma pressão no peito.

Acreditou que ali seria o mais longe que chegaria.

— Mas você venceu a segunda prova. — disse Xal'Khor mudando de tom. — Pode ficar. Glória eterna. Ouro. Mulheres. Sangue diário. Seu nome será repetido até que o universo esqueça o que você era antes.

Ele se inclinou levemente.

— Ou pode tentar a Terceira Prova. — disse. — Mas eu não recomendo que faça isso.

Marcus ergueu o olhar.

— Eu vou continuar. — disse.

Os olhos de Xal'Khor brilharam.

— Poucos foram os que conseguiram vencer a terceira prova e terem seus desejos realizados — disse mais uma vez fazendo um barulho que parecia ser sua risada. — A grande maioria caiu na arena apenas sonhando com isso.

— O que os campeões pediram? — perguntou.

— O de sempre. — respondeu. — Poder, dinheiro e mulheres. Alguns pediram uma carona segura para casa.

— E você a ofereceu? — pergunto Marcus aflito.

— Claro que sim. — respondeu. — É assim que funciona no Torneio de Vastara, quem vence pede e Vastara responde.

Mentiu Xal'Khor, novamente.

O coração de Marcus acelerou.

Ele realmente acreditou ter uma chance real de sair dali, se reunir com o General Lucius e encarar de frente quem traiu Aelius, o Imperador.

— Bem, se você quer continuar, excelente. — respondeu. — Você tem duas noites. Aproveite. A maioria não sobrevive nem à espera.

Os guardas devolveram Marcus à cidade como se tivessem o cuspindo de volta para a superfície.

Só então o campo se dissipou e o rastreador se desprendeu da pele de Marcus com um click seco e doloroso.

A noite em Vastara era diferente do dia apenas na cor da violência.

As luzes artificiais se intensificavam, mercados noturnos surgiam, apostas mudavam de mãos, histórias eram recontadas em cada esquina. Marcus caminhava entre tudo aquilo como um fantasma recém-liberto se escondendo sob seu manto agora rasgado, ainda sentindo o eco das palavras de Xal'Khor.

Ele precisava encontrá-la.

Mas Vastara não tinha mapas confiáveis.

Foi quando ouviu a voz.

— Campeões sempre andam como se o chão fosse lhes engolir.

Marcus virou-se instintivamente, mão na arma.

O homem que o encarava usava mantos largos, tecidos em camadas que misturavam poeira do deserto e padrões antigos. O rosto era humano, mas marcado por símbolos quase apagados sob a pele. Os olhos carregavam algo que Marcus reconheceu de imediato: havia passado demais naquele olhar para caber naquele mundo.

— Rashid. — disse o homem, inclinando levemente a cabeça. — Mercador. Ou o que sobrou disso.

A nave de comércio pairava logo atrás, antiga, larga, carregada de compartimentos improvisados.

— Preciso sair da cidade. — disse Marcus.

Rashid sorriu, amargo.

— Todos que ainda lembram quem são… precisam.

Durante a viagem, Vastara se abriu sob eles como uma ferida vista de cima. Ruas tornavam-se poeira. Torres davam lugar a dunas metálicas. Rashid falou de um povo antigo, de cidades erguidas em harmonia com o deserto, de como Roma chegara prometendo ordem e deixara apenas comércio escravo e ruína.

— Eu era alguém. — disse ele, sem rancor, apenas constatação. — Agora vendo sobras.

O veículo deslizava sobre a areia como se não confiasse totalmente nela.

Rashid pilotava com uma mão só, a outra apoiada no painel instável, rindo de algo no visor.

— Se esse troço cair, não foi culpa minha. — disse. — Foi culpa da gravidade do planeta.

— Isso não inspira confiança. — respondeu Marcus.

— Confiança é um luxo romano. — Rashid deu de ombros. — Aqui a gente trabalha com o que temos na mão.

Silêncio por alguns segundos.

O deserto se estendia infinito, pontilhado por restos de torres antigas meio soterradas.

— Vastara sempre foi rota. — disse Rashid, casualmente. — Antes de Roma. Antes até dos Patriarcas.

Marcus olhou para ele.

— Rota de quê?

— De todo tipo de comércio. — respondeu. — Água. Cristais. Informação. Pessoas.

Ele apontou para o horizonte.

— Meu avô negociava aqui. Não com créditos. Com promessas. Um clã ajudava outro a atravessar o deserto, outro oferecia abrigo, outro garantia passagem segura.

— E funcionava? — perguntou Marcus.

Rashid riu.

— Funcionava porque ninguém ficava com tudo só pra si. — disse. — Quando Roma chegou, adorou isso. Padronizou. Registrou. Transformou troca em contrato.

Fez uma pausa.

— E contrato em dívida.

O veículo passou por um marco romano fincado na areia.

— Vastara não era pobre. — continuou Rashid. — Era viva. Talvez um pouco improvisava. Roma odeia improviso. Dá trabalho demais controlar.

Ele olhou rapidamente para Marcus.

— Você parece alguém que acredita em planejamento. — disse. — Só toma cuidado. Os mundos mais perigosos são os que parecem organizados demais.

Quando pousaram, Rashid entregou a Marcus um veículo estranho: metal antigo entre a cor bronze e rosa, linhas curvas, sem rodas, os punhos do guidom eram circulares e exalavam uma breve luz dourada. Flutuava a poucos centímetros da areia.

— Eu não posso seguir a partir daqui — disse. — Os sucateiros não são muito amistosos comigo, sabe... concorrência.

— Eles não são muitos amistosos com ninguém — constatou.

O homem sorriu.

— Ela não serve para dois passageiros. Mas aguenta. — disse. — Siga reto sem parar, as estrelas irão te guiar.

— Agradeça Sael'Thir por mim — disse sorrindo com o canto da boca.

— Finalmente começou a entender — disse o homem prestando uma leve reverência.

Marcus seguiu o trajeto em silêncio.

A beleza da noite do deserto em Vastara era arrebatadora. Só havia visto um céu tão estrelado e banhado por diversas constelações e galáxias, em seus sonhos.

Agora sabia não eram sonhos, mas sim visões.

Quanto mais se aprofunda no desenho, mas tinha certeza que era ali que devia estar.

O veículo zunia baixo e balançava de vez em quando por conta do terreno acidentado. As partículas ionizadas na areia faziam seus cabelos arrepiarem e seu manto de camuflagem projetar pequenos raios elétricos por toda sua extensão.

Após alguns momentos de viagem pôde perceber destroços enterrados parcialmente pela areia e soube que estava perto. Ao longe pode ver um cruzador romano monstruoso quase todo enterrado na areia e luzes a sua volta, sabia que os sucateiros ainda estavam trabalhando nele.

Por um momento a última imagem de General Aelius passou por sua mente.

Ele afastou o sentimento e mudou de rota, agora em direção as formações rochosas onde havia se escondido junto a Pada pela primeira vez.

Padameg aguardava exatamente onde haviam se escondido. Estava novamente usando suas roupas características de povo do deserto e não mais a armadura tática que tanto havia impressionado Marcus.

A abertura entre rochas parecia igual… até não ser. Havia símbolos brilhantes que Marcus não havia visto da primeira vez, quase invisíveis. Marcas deixadas para quem soubesse olhar.

— Você demorou. — disse ela.

— Quase morri algumas vezes hoje. — respondeu ele sem desmontar do veículo.

Ela sorriu.

— Eu sei, eu assisti — disse. — Que bom que você venceu.

Olhou diretamente nos olhos de Marcus.

Marcus não hesitou dessa vez e sorriu de volta.

— É melhor nós irmos — disse ela. — Temos que seguir mais fundo no deserto, até a grande fissura.

— Bem... Pada, nós temos um problema. — disse apontando para o veículo. — Não tem espaço para dois.

— Eu acho que você escolheu esse veículo exatamente por isso — disse Pada. — Se queria ficar tão perto de mim só precisava pedir.

Ela sorriu e se aproximou.

A moto flutuante protestou quando Padameg se sentou de lado, apoiada no colo de Marcus, segurando-se como podia. Marcus podia sentir o calor corporal de Pada enquanto ela se esparramava sobre ele.

Mas o que mais surpreendeu o romano foi o cheiro doce que invadia seu olfato, o perfume de Padameg era quase hipnotizante.

O momento foi rápido demais para que sentissem constrangimento — o deserto não permitia tais luxos.

Eles avançaram. E avançaram. E avançaram mais um pouco nas profundezas do deserto.

Antes onde Marcus via beleza, agora via opressão. O deserto seguia sem fim no horizonte como se as estrelas estivessem o engolindo. O silêncio da viagem era quebrado apenas por Pada, que de tempos em tempos falava para Marcus mudar a rota enquanto se guiava pelas estrelas que refletiam em seus olhos dourados.

As partículas ionizantes no ar fizeram o cheiro do perfume de Padameg ficar cada vez mais forte, Marcus lutava contra um impulso, contra um sentimento que nunca havia sentido.

Quando o solo finalmente se abriu diante deles, não foi com violência, mas com reverência. A fissura descia em espiral, pedras antigas formando um portal. Padameg desceu primeiro do veículo. Marcus a seguiu.

Seguiram descendo pela fenda, o terreno ficava cada vez mais acidentado.

Marcus podia ver ao longe um brilho azulado.

Ao se aproximarem do que parecia um portal de pedra gigante Marcus finalmente pôde ver o que era aquele brilho azul.

Diversos desenhos tribais estavam desenhados por toda a parede da fenda e brilhavam em um azul que parecia mágico, não natural. Os desenhos pareciam contar uma história, uma civilização imponente, um pecado cometido, uma traição, a queda dessa civilização e o nascimento de outra.

Padameg se aproximou do grande portal de pedra.

Tateou por alguns segundos e finalmente encontrou uma abertura.

Ela desembainhou a adaga.

O cristal da empunhadura reagiu e brilhou.

Ela encaixou a lâmina dentro da abertura e a girou.

As portas de pedra responderam com um som profundo, ancestral.

— Agora — disse ela, olhando para Marcus — você vai entender.

As portas não se abriram de uma vez. Elas cederam lentamente, como se o próprio mundo precisasse aceitar que alguém havia retornado.

Um som profundo ecoou pela fenda, reverberando nas paredes de pedra e cristal. Não era o ruído de mecanismos antigos, mas algo mais próximo de um suspiro — longo, contido por eras. Quando a abertura foi grande o suficiente, um vento suave escapou do interior, carregado de umidade, aromas vivos e uma energia que Marcus sentiu atravessar a armadura, a pele, os ossos.

O mundo antigo respirava.

Eles cruzaram o limiar.

O espaço além das portas não era uma caverna.

Era um vale subterrâneo colossal.

A luz azulada vinha de todos os lugares e de lugar nenhum ao mesmo tempo. Rios de água luminosa serpenteavam pelo chão, fluindo com uma suavidade impossível, como se a gravidade ali fosse apenas uma sugestão. A água não refletia a luz — ela emitia. Corria em veios, cascatas invertidas e lagos suspensos, conectados por pontes naturais de cristal translúcido.

Acima deles, colunas cristalinas se erguiam por quilômetros, atravessando a escuridão até desaparecerem no teto invisível. Algumas vertiam a mesma água azul em quedas silenciosas, como se o próprio céu subterrâneo chorasse luz.

Plantas alienígenas cresciam por toda parte.

Não eram agressivas, nem selvagens. Eram curativas. Folhagens largas de tons prateados e azul-esverdeados reagiam à presença deles com leves ondulações. Flores cristalinas se abriam lentamente à medida que Padameg avançava, liberando a mesma névoa cintilante que Marcus reconheceu do arguilé —

poeira luminosa suspensa no ar, brilhando como fragmentos de estrelas.

— Isso… — Marcus começou, a voz baixa, quase com medo de quebrar algo — …isso não deveria existir.

Padameg caminhava à frente dele, devagar, como alguém atravessando um templo vivo.

— Existiu primeiro. — respondeu. — Vastara era assim antes de ser ferida.

Eles passaram por paredes cobertas de pinturas tribais vivas. Não tinta. Energia cristalizada. As imagens se moviam lentamente, contando uma história sem palavras: cidades erguidas sobre água e cristal, pessoas reunidas em círculos, figuras femininas no centro — as Grandes Matriarcas — conectadas a um cristal central que pulsava em harmonia com o planeta.

Depois… ruptura.

Uma figura se destacava nas imagens seguintes. Um líder de traços semelhantes aos de Padameg, mas com símbolos distorcidos, cores apagadas. Ele estendia a mão a figuras encapuzadas, metálicas, vermelhas.

Roma.

— Ele se chamava Xal'Koruun, o Grande Patriarca. — disse Padameg, parando diante de uma dessas imagens. — O primeiro traidor. Ele vendeu Vastara em troca de poder e sobrevivência. Entregou o coração do mundo aos romanos.

Marcus sentiu um frio percorrer a espinha.

— Xal'Khor… — murmurou.

Padameg assentiu.

— O Magnânimo é seu descendente. Ou o que restou depois de décadas de modificações genéticas — disse. — Não por acaso governa este mundo. O sangue da traição se perpetua… assim como o da resistência.

Eles chegaram ao centro do vale.

Ali, erguia-se o Cristal da Grande Matriarca.

Era gigantesco. Um monólito azul profundo, atravessado por veios de luz branca e prateada, pulsando em um ritmo lento e constante — como um coração antigo. Inscrições cobriam sua superfície, escritas em uma língua que Marcus não compreendia, mas sentia. Cada símbolo parecia carregar peso, memória, promessa.

Havia uma abertura na base.

Exatamente do tamanho da adaga de Padameg.

Ela parou diante dele.

Por um momento, não falou.

Os ombros tremiam levemente. Não de medo. De algo mais antigo.

— Minha matriarca morreu antes de me trazer aqui. — disse, por fim. — Fomos emboscadas. Alguém nos traiu… de novo. Ela sabia que não sobreviveria. Me fez prometer que continuaria... até me tornar a nova Grande Matriarca.

Ela virou-se para Marcus.

— Sael'Thir, Korr'Mak, Rashid… todos descendem de famílias que juraram proteger as Matriarcas. Gerações esperando alguém chegar até aqui de novo.

— E agora chegou, você chegou. — disse Marcus.

— Não, nós chegamos. — respondeu ela. — O ritual exige união. Corpo. Espírito. Vontade. A Grande Matriarca existe unida ao Grande Patriarca.

O silêncio se estendeu entre eles, preenchido apenas pelo som distante da água azul fluindo contra a gravidade.

Marcus respirou fundo.

— Antes de cair aqui… — disse, sem tirar os olhos do cristal — eu sonhava com este lugar.

Padameg não se virou de imediato.

— Não eram visões claras. — continuou. — Não tinham forma, nem rosto. Mas quando vi isso… — ele gesticulou vagamente ao redor — …eu reconheci.

Ela permaneceu imóvel por alguns segundos, absorvendo as palavras. A névoa cintilante reagiu de forma quase imperceptível, ondulando mais densa ao redor do cristal.

— Vastara não chama com palavras. — disse ela, por fim. — Ela reage.

Aproximou-se do monólito, pousando a mão sobre sua superfície fria e pulsante.

— Eu sempre acreditei que bastaria lembrar. — continuou, a voz mais baixa. — Que a força da Grande Matriarca fosse suficiente para acordar o mundo.

Ela fechou os olhos por um instante.

— Achei que Vastara pudesse renascer sem aquilo que a destruiu.

Padameg virou-se para Marcus.

— Um Patriarca traiu este mundo. — disse. — Vendeu seu coração. E eu acreditei que isso significava que ele não era mais necessário.

Não havia culpa teatral em sua voz. Apenas constatação.

— Mas talvez Vastara não queira apenas ser acordada. — continuou. — Talvez queira ser… revivida.

O cristal pulsou mais forte por um breve instante.

— Um romano abriu essa ferida. — disse ela. — Talvez um romano precise fecha-la.

Marcus sentiu o peso dessas palavras se acomodar dentro dele. Não como destino. Como responsabilidade.

— Eu não sei se isso é um chamado. — Padameg acrescentou. — E posso estar errada. Se estiver… o ritual falha. E Vastara continua dormindo.

Ela o encarou diretamente.

— Mas se estiver certa… — disse — Vastara responde.

O silêncio voltou a se fechar ao redor deles.

Padameg respirou fundo e então começou a se despir das camadas externas de tecido, não com urgência, mas com reverência. Cada peça era colocada no chão como uma oferenda. Marcus fez o mesmo, sentindo que não se despir ali seria profano.

Pada aproximou-se.

O toque entre eles não foi impulso.

Foi reconhecimento.

Quando finalmente se uniram, não houve pressa, nem desejo bruto. Foi um encontro silencioso, quase cerimonial, como duas histórias que finalmente se tocavam. Marcus sentiu algo se abrir dentro de si — não fraqueza, mas expansão. Como se o universo tivesse espaço para mais do que Roma lhe ensinara a enxergar.

Quando Pada ergueu o rosto novamente, algo havia mudado.

Os olhos dourados começaram a clarear.

Não de forma abrupta, mas como luas surgindo sob névoa. O dourado cedeu lugar a um branco luminoso, suave, profundo. Os cabelos escuros foram sendo tomados por um brilho prateado-lunar, como se a luz do cristal estivesse se infiltrando em cada fio.

Ela entrou em transe.

— Quando nossas almas se alinham… — disse ela, a voz ecoando diferente, múltipla — …o mundo responde.

Marcus sentiu a mudança antes de compreender.

Não foi dor imediata, nem êxtase. Foi deslocamento. Como se algo dentro dele estivesse sendo reposicionado, não arrancado, mas lembrado. Uma pressão profunda percorreu seu corpo, lenta e

inexorável, indo e voltando entre ele e Padameg, como um fluxo que ainda aprendia seu próprio ritmo.

Então veio o calor.

Não superficial. Não externo.

Algo ardeu sob sua pele, começando baixo, nas costelas, como uma brasa que despertava depois de eras adormecida. Marcus arqueou levemente o corpo ao sentir a queima se espalhar, instintivamente cravando os dedos nas costas de Padameg. Ela respondeu ao toque, firme, presente, como se ancorasse aquilo que estava sendo aberto.

Ele olhou para baixo.

A marca surgia lentamente, linhas tribais se formando sob a pele, não gravadas por lâmina ou tinta, mas empurradas de dentro para fora, como se o próprio corpo estivesse aprendendo um símbolo que sempre deveria ter conhecido. A luz acompanhava o traçado por um instante antes de se apagar, deixando o desenho fixo.

O calor subiu.

Espalhou-se pelo tórax, pela garganta, fazendo o ar parecer denso demais para respirar. Quando alcançou sua cabeça, algo cedeu.

Não houve grito.

Houve expansão.

A mente de Marcus se abriu como um campo vasto demais para conter uma única vida. Ele viu gerações se sobrepondo, não como imagens claras, mas como impressões — ciclos de nascimento e queda, Vastara florescendo e sendo drenada, o mesmo ritual repetido em eras distintas, sempre com pequenas variações, sempre com o mesmo erro no fim.

Viu um Imperador que nunca conhecera.

Viu-se ajoelhado diante dele.

Viu-se sendo o próprio traidor.

Viu a adaga sendo entregue.

E então, tudo colapsou.

Não em escuridão violenta, mas em silêncio absoluto.

Quando retornou, o calor permanecia — agora estável. Não queimava mais. Sustentava.

Uma força antiga emanava dos dois, não como poder bruto, mas como presença acumulada, a soma de escolhas feitas e desfeitas ao longo de eras. Padameg o observava com olhos que já não refletiam apenas luz, mas memória. Havia surpresa ali. E algo mais profundo.

Reconhecimento.

Vastara lembrava.

E, naquele instante, Marcus soube — sem palavras, sem promessa — que algo havia sido aceito. Não concedido. Não imposto.

Aceito.

— Seus cabelos...seus olhos — disse. — Finalmente nós estamos unidos de novo. Grande Patriarca e Grande Matriarca, Vastara vive!

O cristal respondeu.

A luz explodiu em ondas suaves.

A água azul começou a subir pelos canais, os cristais vibraram, as pinturas se reconfiguraram. Vastara lembrava.

Padameg ergueu a adaga, agora brilhando intensamente, e a encaixou no cristal.

— Quando eu ativar… — disse, ainda em transe — …o mundo antigo começará a emergir. Mas Xal'Khor precisa cair primeiro. Se Roma souber antes da hora… tudo será perdido.

Marcus segurou a mão dela.

— Então derrubamos Xal'Khor. — disse. — E depois… Roma.

E, nas profundezas de Vastara, algo que havia sido enterrado por milênios começou, lentamente, a despertar.

O mundo antigo estava voltando.

A luz não explodiu outra vez.

Ela colapsou.

Tudo o que havia se expandido — rios, cristais, inscrições, névoa — foi sugado de volta para o centro do vale como se o próprio mundo estivesse recolhendo o fôlego. A energia azulada se contraiu em ondas silenciosas, atravessando Marcus e Padameg, como se estivesse entrando neles com uma força que não feria, mas pesava.

O calor se extinguiu de súbito.

Os cabelos prateados de Padameg escureceram lentamente, fio por fio, até retornarem ao negro profundo de antes. O branco lunar de seus olhos recuou, dando lugar novamente ao dourado antigo. O mesmo aconteceu com Marcus — a pressão em sua mente cessou, sua visão estabilizou, os olhos lunares retomaram a cor castanha, os cabelos prateados voltaram ao tom palha escuro, as marcas em sua pele sumiram lentamente como se estivessem adormecendo.

O mundo antigo silenciou.

Padameg cambaleou.

Marcus a segurou por instinto, mas o cansaço venceu antes que pudesse firmar o corpo. Ela caiu sobre ele, os dois indo ao chão juntos, respirando com dificuldade, suados, os corpos ainda vibrando com resquícios daquilo que haviam despertado.

Por alguns segundos, nenhum dos dois falou.

A névoa azul ainda pairava no ar, agora mais fraca, como brasas que se recusavam a apagar completamente.

— Você… — Padameg murmurou, a voz rouca — …entende agora o que está em jogo?

Marcus passou a mão pelos cabelos dela, sentindo o peso real, humano, quente.

— Entendo. — respondeu. — Entendo que Vastara não é só um planeta. É um legado. Uma ferida. E… um futuro.

Ela ergueu o rosto com esforço, apoiando-se no peito dele.

— Mas nunca imaginei… — Marcus continuou, um meio sorriso cansado surgindo — …que a mulher que eu amava fosse uma herdeira de um clã antigo e um tipo de semideusa. Nem que ela me tornaria algo parecido com um semideus também por causa disso.

Padameg arqueou levemente a sobrancelha, ainda ofegante.

— Era isso que você achava que eu era? — perguntou, com um sorriso torto, quase divertido.

— Não. — respondeu ele. — Eu achava que você era muito boa para ser real.

Ela riu baixo.

E então o beijo veio.

Não cerimonial.

Não ritualístico.

Apenas real.

Quando se separaram, Padameg já se erguia, recuperando a postura com uma rapidez que Marcus começava a reconhecer como própria dela. Vestiu-se em silêncio, recolhendo cada camada de tecido com cuidado. Antes de sair, aproximou-se do cristal mais uma vez.

Retirou a adaga.

O monólito respondeu com um brilho breve — como um reconhecimento — antes de se apagar lentamente.

As inscrições perderam a luz.

Os rios desaceleraram.

A névoa começou a se dissipar.

Quando atravessaram o limiar novamente, as portas de pedra se fecharam atrás deles com um som profundo e definitivo. A fissura se selou como se jamais tivesse existido.

Vastara dormia novamente.

Mas não esquecia.

CAPÍTULO 10
REUNIÃO SUBTERRÂNEA

A cidade os recebeu como sempre: cruel, viva, indiferente.

No subterrâneo, a forja de Sael'Thir estava diferente. Mais movimentada. Korr'Mak ocupava parte do espaço como uma sentinela viva, braços cruzados, enquanto Rashid conversava em voz baixa com outros gladiadores e contrabandistas. Havia tensão no ar — não medo, mas expectativa.

Sael'Thir foi o primeiro a falar quando Marcus entrou.

— Então… — disse, observando-o com atenção — …o mundo respondeu.

Padameg assentiu.

— Xal'Khor precisa cair. — disse ela. — Antes que Roma perceba o que Vastara ainda pode se tornar.

— Ele vai cair. — respondeu Marcus. — Mas não agora. Ainda não.

Sael'Thir sorriu, pela primeira vez sem ironia.

— Por isso mesmo eu preparei isto.

Ele se afastou, revelando o que estava coberto por panos escuros.

A armadura.

Não era mais apenas romana.

Placas redesenhadas com linhas alienígenas sutis, veios dourados integrados ao metal prateado, campos de energia mais densos e responsivos. Não ostentosa — funcional. Viva. Uma extensão real do corpo de Marcus.

Ao lado dela, repousava uma lança de energia. O núcleo dourado pulsava no centro, semelhante ao da Gladius, mas projetando um campo mais longo, instável, poderoso.

E, encostado à parede, um fuzil laser pesado, com cano reforçado e o mesmo padrão de brilho dourado e bronze escuro. Uma arma feita para derrubar monstros — não homens.

— Você vai precisar de tudo isso. — disse Sael'Thir. — A Terceira Prova não é feita para ser vencida.

Korr'Mak bateu um dos punhos contra o peito.

— Um Urskael. — disse. — Sozinho.

O silêncio caiu pesado.

Marcus fechou os olhos por um instante.

— Nenhum soldado romano jamais chegou perto de fazer isso. — disse, por fim.

— Por isso mesmo essa vai ser a última prova — respondeu Rashid. — Nunca haviam usado um Urskael.

Ao fundo, Ferrum Rex observava em silêncio, o rosto marcado, pensativo. Pela primeira vez, não havia glória em sua expressão. Apenas dúvida.

A semente havia sido plantada.

A rebelião começava ali — não com gritos, mas com escolhas.

Mais tarde, Marcus encontrou Korr'Mak sentada, ajustando faixas no antebraço.

— Você me salvou lá atrás. — disse ele. — Contra Ferrum Rex.

Ela ergueu o olhar lentamente.

— Salvamento pressupõe dívida. — respondeu. — Eu apenas escolhi um lado.

— Ainda assim. — Marcus inclinou a cabeça. — Obrigado.

Korr'Mak observou-o por alguns segundos.

— Você luta bem. — disse. — Mas luta como quem acha que vencer resolve tudo.

Marcus não respondeu.

Ela se levantou. De perto, era ainda mais imponente.

— Meu povo não era guerreiro. — continuou. — Éramos observadores. Guardávamos histórias. Decidíamos quando não lutar.

— O que mudou? — perguntou Marcus.

Korr'Mak tocou uma cicatriz antiga no pescoço.

— Vastara mudou. — disse. — Quando o mundo começou a se tornar arena, quem não aprendesse a lutar… desaparecia.

Ela encarou a arena vazia.

— Força sem propósito é ruído. — disse. — Roma entende força. Mas não entende silêncio.

Fez uma pausa curta.

— Você ouviu algo lá dentro, não ouviu? — perguntou.

Marcus sentiu um arrepio estranho.

— Talvez. — respondeu.

Korr'Mak assentiu.

— Vastara sempre fala primeiro com quem sabe escutar. — disse. — O problema… é o que acontece depois que você escuta.

Ferrum Rex esperou até que os outros se dispersassem um pouco.

Quando Marcus terminou de ajustar a nova armadura, sentiu a presença antes de ouvir a voz. Era sempre assim com Rex. Ele não se anunciava — ocupava espaço.

— Você luta diferente agora. — disse Ferrum, apoiado contra uma coluna de metal escuro. — Não só com armas melhores. Com propósito.

Marcus virou-se lentamente.

— E você agora fala diferente. — respondeu. — Como alguém que já venceu tudo… e descobriu que ainda não está livre.

Ferrum soltou um riso curto, seco.

— Eu não nasci campeão. — começou, a voz mais baixa do que Marcus esperava. — Nasci lixo.

Marcus permaneceu em silêncio.

— Um mundo periférico. Colônia de extração. Meu pai morreu soterrado numa mina quando eu tinha sete ciclos. Minha mãe vendeu o que restava de si para manter a gente respirando. Quando Roma terminou de sugar aquele planeta, jogou o que sobrou aqui.

Ele apontou vagamente para cima, para Vastara.

— Eu tinha doze quando pisei nesse deserto. Não tinha nome. Só um número. Aprendi rápido que aqui você não escolhe como vai morrer… ou quanto tempo vai sangrar antes disso.

Ferrum fechou os punhos.

— Lutei por comida. Por água. Por espaço no chão. Quando me jogaram na arena pela primeira vez, eu matei sem pensar. Não por glória. Por medo. — Ele respirou fundo. — E então percebi algo pior: o público gostava.

Marcus sentiu um aperto no peito.

— Cada vitória me dava algo que eu nunca tive. — continuou Ferrum. — Um nome. Um título. Um lugar. Pela primeira vez… eu era alguém.

Ele encarou Marcus diretamente.

— Mas sempre soube que estava errado. — disse. — Que aquilo só funcionava porque ninguém acreditava que esse sistema podia acabar. Até você chegar.

— Eu não fiz nada sozinho. — respondeu Marcus.

Ferrum sorriu de lado.

— Não. — concordou. — Você sobreviveu sem se tornar isso aqui. — Ele bateu com força no próprio peito. — E quando vi você escolher continuar… não por glória… mas para derrubar tudo isso…

O sorriso desapareceu.

— Eu entendi. — disse. — Eu já estava livre. Só não sabia ainda.

Houve um silêncio pesado entre os dois.

— Quando chegar a hora — concluiu Ferrum — eu vou lutar ao seu lado. Não como campeão. Como alguém que quer que isso acabe.

Marcus estendeu o braço.

Ferrum apertou.

Não foi um gesto de amizade.

Foi um pacto.

E, acima deles, no trono flutuante do coliseu, Xal'Khor sorria… sem saber que seu tempo estava se esgotando.

A reunião real aconteceu horas depois, ainda nas profundezas do subterrâneo.

A forja de Sael'Thir havia sido esvaziada de curiosos. Apenas os essenciais permaneciam. A luz âmbar refletia em rostos tensos.

Padameg estava de pé, próxima à parede onde antigos símbolos do clã haviam sido reativados. Korr'Mak permanecia imóvel como uma estátua de guerra. Rashid ajustava um pequeno dispositivo de comunicação sobre uma mesa improvisada. Ferrum Rex ocupava um canto, braços cruzados, atento.

Marcus ficou no centro.

— Se falharmos agora — disse Sael'Thir — Vastara não terá segunda chance.

— Não falharemos. — respondeu Korr'Mak. — Mas ainda não concordamos de como fazer isso.

— Um ataque direto ao coliseu como você quer fazer é suicídio. — disse Rashid. — Xal'Khor controla transmissões, guardas, sistemas orbitais.

— Ele controla o espetáculo. — corrigiu Padameg. — Ele até pode tentar, mas não controla o mundo inteiro.

Sael'Thir inclinou a cabeça.

— O torneio é a chave. — disse Marcus. — Sempre foi.

Todos voltaram o olhar para ele.

— Enquanto o coliseu existir, Xal'Khor é intocável. — continuou. — Enquanto o público acreditar no torneio… ele está seguro.

Ferrum soltou um grunhido.

— Então você vence a última prova. — disse. — Chega ao centro do palco.

— Sim. — respondeu Marcus.

Padameg cruzou os braços.

— E o que você vai pedir?

Marcus não respondeu de imediato.

— O terceiro desejo é o mais importante. — disse Rashid lentamente. — Os outros podem ser qualquer coisa.

— Por isso mesmo. — respondeu Marcus.

Houve troca de olhares. Nenhuma palavra foi dita sobre o conteúdo do desejo.

— O terceiro desejo será o sinal. — disse Sael'Thir, finalmente. — Quando acontecer… nós saberemos.

Korr'Mak bateu um dos cascos contra o chão.

— Os gladiadores estão prontos. — disse. — Muitos odeiam Xal'Khor. Só precisavam de alguém para liderar.

Ferrum ergueu o olhar.

— Eles me seguirão. — disse. — Quando eu atacar… o coliseu vai sangrar por dentro.

Rashid deslizou o pequeno dispositivo pelo mapa holográfico.

— Vou posicionar o retransmissor no deserto. — disse. — Longo alcance. Direto. Quando o sinal vier…

Padameg assentiu lentamente.

— Eu estarei pronta. — disse. — Embaixo do planeta.

Nenhum deles explicou o que isso significava.

Não precisavam.

Marcus respirou fundo.

— Então está decidido. — disse. — Eu venço a última prova e derrubamos Xal'Khor.

O silêncio que se seguiu não foi de medo.

Foi de compromisso.

Acima deles, Vastara continuava a girar em torno do coliseu, alheia à conspiração que crescia em suas entranhas.

E, em breve, quando o último pedido fosse feito… o mundo inteiro ouviria.

A despedida não aconteceu em um lugar solene.

Não houve templo.

Não houve testemunhas.

Apenas uma passagem esquecida do subterrâneo, onde o ruído distante do coliseu chegava como um eco abafado — um coração batendo para a morte.

Padameg parou primeiro.

Marcus percebeu antes mesmo que ela se virasse.

— Então é isso. — disse ela, com suavidade demais para aquele mundo. — A última vez antes do impossível.

Marcus assentiu lentamente.

— Pada...nunca planejei ficar. — disse. — Nunca planejei nada do que veio depois da queda.

Padameg sorriu de lado.

— Nem eu. — respondeu. — E mesmo assim… aqui estamos.

Por um momento, ficaram em silêncio, apenas respirando o mesmo ar pesado, lembrando-se de tudo que havia acontecido rápido demais para parecer real: a queda, a fuga, o coliseu, a caçada, as ruínas, o ritual.

— Se eu não tivesse sido capturada… — começou ela.

— Eu teria morrido na areia. — respondeu Marcus, sem hesitar.

Ela ergueu a mão e tocou o peito dele, sobre a nova armadura.

— Não. — disse. — Você teria sobrevivido. Sempre sobrevive. Mas não teríamos despertado Vastara.

Marcus segurou a mão dela.

— Você acha mesmo que isso foi destino?

Padameg inclinou a testa até encostar a dele, os narizes quase se tocando.

— Não gosto da palavra destino. — murmurou. — Prefiro chamado. Mas esse chamado… parece ter sido aguardado por muito tempo.

Eles se abraçaram.

Não com urgência.

Com reconhecimento.

Testas encostadas. Respirações alinhadas. Como se por um instante o universo tivesse reduzido seu tamanho apenas para caber ali.

— Se tudo der errado… — Padameg começou.

— Não vai. — Marcus interrompeu, mas sem arrogância.

Ela sorriu.

— Mesmo assim. — insistiu. — Saiba que caminhar ao seu lado… foi viver mais do que todas as gerações antes de mim conseguiram.

Marcus fechou os olhos por um segundo.

— Se eu cair… — disse — não deixe Vastara dormir de novo.

— Não deixarei. — respondeu ela. — E se você vencer…

Ela se afastou apenas o suficiente para olhá-lo nos olhos.

— Então nosso mundo vai mudar.

O beijo veio então.

Sem pressa.

Sem promessa.

Apenas verdadeiro.

Quando se separaram, nenhum dos dois olhou para trás.

Padameg seguiu para as profundezas do deserto, para as profundezas das ruínas sagradas.

Marcus para enfrentar a morte naquela arena profana.

Ambos sabiam:

não caminhavam sozinhos — caminhavam por algo maior.

CAPÍTULO 11
O URSKAEL

A sala de preparação para a Prova Final parecia um cubo de pedra e metal, silencioso e opressor.

Marcus estava sozinho.

A armadura repousava sobre ele como uma segunda pele. Ele começou a preparação com gestos lentos, quase ritualísticos.

Primeiro, a lança.

A haste foi posicionada nas costas. O magnetismo respondeu de imediato, puxando o metal com um clique grave, firme. A lança assentou-se verticalmente, alinhada à coluna.

Depois, o fuzil.

Marcus cruzou a arma pesada por cima da haste da lança. O campo magnético ajustou-se automaticamente, formando um X perfeito nas costas. Estável. Pronto.

Ele flexionou os ombros.

Nada se moveu.

Nada vibrou.

Bom.

Em seguida, o escudo.

A base metálica foi posicionada próxima ao antebraço esquerdo. O magnetismo puxou e a travou com precisão romana. Marcus ativou o campo.

A luz dourada se projetou com um estalo energético.

Ele intensificou o campo.

Depois reduziu.

Depois expandiu em arco.

Funcionava.

Desativou.

Por fim, a Gladius.

Marcus segurou firme a empunhadura e a guarda metálica, o magnetismo vindo do implante em sua mão travou a empunhadura de forma precisa, pôde sentir a energia pulsar sob os dedos. Ativou.

A lâmina dourada surgiu com um crepitar elétrico violento, instável, viva.

Desativou.

Ativou de novo.

Perfeita.

Tocou na lateral de seu capacete, ativando o visor:

SINAIS VITAIS: ESTÁVEIS
NÚCLEO DE ENERGIA: ESTÁVEL
AMEAÇAS NO RADAR: 0

Funcionando perfeitamente.

Foi então que a sala mudou.

A pressão no ar precedeu a presença.

Xal'Khor entrou escoltado por guardas em número excessivo, como se temesse algo que não admitiria em voz alta. Flutuava, adornado, satisfeito.

— Marcus Valerius. — disse, saboreando o nome. — Meu campeão inesperado.

Marcus não se curvou.

— Vim desejar boa sorte. — continuou Xal'Khor. — Afinal, a Prova Final foi… desenhada especialmente para você.

Um dos olhos focou diretamente nele.

— Se sobreviver… — disse com falsa cordialidade — nós veremos de novo na arena do coliseu.

Marcus ergueu o olhar.

— Para ouvir meus desejos.

O sorriso de Xal'Khor se alargou.

— Exatamente.

Sem mais palavras, virou-se e saiu, como alguém absolutamente certo do desfecho.

Os portões começaram a se abrir.

A luz invadiu a sala.

— MARCUS VALERIUS! — ecoou a voz do coliseu.

Ele avançou com as armas em prontidão.

A arena estava lotada.

Camadas e mais camadas de espectadores gritavam, vibravam, apostavam. Hologramas de papel picado prateado caíam do céu artificial como uma chuva virtual de celebração. O nome dele se repetia em centenas de idiomas desconhecidos.

Marcus parou no centro da arena.

Sentiu o chão sob os pés.

Sentiu o silêncio momentâneo que antecede algo terrível.

O Urskael ainda não havia sido solto.

E toda Vastara prendia a respiração.

O silêncio durou apenas um segundo a mais do que o normal.

Foi o suficiente para que Marcus percebesse:

aquilo não era suspense.

Era respeito involuntário.

O chão da arena tremeu.

Não um tremor contínuo, mas um impacto profundo, isolado, como se algo colossal tivesse acabado de se mover atrás das muralhas. As arquibancadas vibraram em resposta, hologramas tremularam no ar, e a chuva prateada virtual que ainda caía começou a se desfazer em partículas erráticas.

Marcus não se moveu.

Manteve-se no centro da arena, pés firmes, postura aberta, respirando com controle absoluto. O visor registrava múltiplas leituras estranhas — variações gravitacionais, interferência magnética, picos energéticos incompatíveis com qualquer criatura viva catalogada.

Então o portão oposto explodiu.

Não se abriu.

Não deslizou.

Foi *arrancado*.

Placas de Aethrakar e aço imperial foram lançadas para dentro da arena como brinquedos quebrados. Um deles passou girando a poucos metros de Marcus, enterrando-se no chão com um estrondo seco.

O rugido veio em seguida.

Não era um som contínuo, mas uma sequência de pulsações graves, orgânicas, quase mecânicas, como se pulmões gigantescos estivessem sendo forçados a respirar ar que não lhes pertencia.

O Urskael avançou.

Era maior do que qualquer coisa que Marcus já havia enfrentado — maior até do que os Urskael de guerra de Nhal'Ruun. O corpo maciço era sustentado por quatro membros grossos, musculatura densa como rocha viva. As placas ósseas naturais haviam sido revestidas com Aethrakar, fundidas diretamente ao

esqueleto da criatura, formando uma carapaça negra e brilhante que refletia as luzes do coliseu como vidro polido.

Correntes metálicas ainda pendiam de algumas partes do corpo, restos de contenções arrancadas à força.

A cabeça era um pesadelo funcional.

Mandíbulas largas, dentes irregulares e serrilhados, olhos fundos e injetados, e — no centro do crânio — um implante neural exposto, pulsando em vermelho e dourado, conectado por cabos grossos que desapareciam sob a carapaça.

O Urskael não hesitou.

Não avaliou.

Não rugiu para intimidar.

Avançou.

O impacto do primeiro passo rachou o chão da arena.

Marcus reagiu por instinto.

O fuzil pesado deslizou de suas costas para as mãos em um movimento fluido. Ele mirou no implante, calculou a trajetória, compensou a interferência magnética e disparou.

O feixe dourado atingiu em cheio.

E se dissipou.

A energia se espalhou pela carapaça de Aethrakar como água sobre vidro, escorrendo em faíscas inúteis. O Urskael sequer desacelerou.

— Merda… — murmurou Marcus.

Disparo após disparo.

Todos absorvidos.

Todos neutralizados.

O Urskael fechou a distância em segundos.

Marcus abandonou o fuzil antes do impacto.

Rolou para o lado no instante em que uma pata colossal desceu onde ele estivera, esmagando o chão e lançando estilhaços em todas as direções. O vento do golpe passou como uma parede invisível, arrancando o ar de seus pulmões.

Ele se ergueu já ativando o escudo.

O campo dourado se projetou à frente com força máxima.

O Urskael colidiu contra ele.

Marcus foi lançado para trás como se tivesse sido atropelado por um veículo blindado. O escudo aguentou — por um segundo — antes de sobrecarregar e colapsar parcialmente. Marcus deslizou pelo chão da arena por vários metros, deixando um sulco profundo até parar contra uma coluna estrutural.

Avisos pipocaram no visor.

INTEGRIDADE DO ESCUDO: 62%
SOBRECARGA DETECTADA

O público rugiu.

Não em choque.

Em êxtase.

Marcus se forçou a ficar de pé antes que o Urskael avançasse novamente. A Gladius já estava ativa em sua mão, a lâmina dourada crepitando com energia instável, viva, quase irritada.

Ele avançou.

O primeiro golpe encontrou a carapaça.

E ricocheteou.

Faíscas douradas explodiram, mas a lâmina não penetrou. O Urskael respondeu com um movimento lateral violento, acertando Marcus com o ombro.

O impacto atravessou a armadura.

Marcus sentiu costelas protestarem, o mundo girar, o chão desaparecer por um instante. Caiu rolando, levantou-se de novo antes que a criatura pudesse esmagá-lo.

O Urskael virou-se lentamente.

Agora havia algo nos olhos da fera.

Não inteligência.

Reconhecimento.

Marcus sentiu o peso disso.

— Então é assim… — murmurou, respirando pesado. — Prisioneiro contra prisioneiro.

O implante no crânio do Urskael pulsou mais forte.

Xal'Khor observava.

Do alto de seu trono flutuante, o Magnânimo inclinou-se levemente, um dos apêndices ativando controles invisíveis. O implante respondeu com uma descarga visível, e o Urskael rugiu novamente — desta vez em dor.

E então atacou com tudo.

A sequência foi um massacre.

Marcus bloqueava, desviava, recuava. O escudo absorvia golpes que fariam um tanque desmoronar, mas a cada impacto o campo enfraquecia. A Gladius encontrava brechas mínimas, arrancando fragmentos de Aethrakar, mas nunca o suficiente.

O Urskael era força pura.

Não técnica.

Não estratégia.

Força.

Um golpe acertou o escudo de cima para baixo.

O campo se quebrou.

Marcus foi lançado ao chão, sentindo o impacto atravessar sua coluna. Antes que pudesse se erguer, uma garra desceu.

Ele ergueu o braço por reflexo.

Tarde demais.

As garras atravessaram o capacete.

O mundo explodiu em vermelho.

Dor branca, absoluta, rasgando sua face. O capacete se partiu em dois, voando para lados opostos da arena. Marcus caiu de costas, sentindo o sangue quente escorrer pelo rosto.

Três cortes diagonais ardiam como fogo líquido.

Por um milagre esta, matematicamente impossível, seus olhos estavam intactos.

O Urskael recuou um passo.

A multidão silenciou.

Marcus tentou se erguer.

Caiu de joelhos.

O visor falhava, metade dos sistemas desligados. O gosto metálico do sangue inundava sua boca. O mundo parecia distante, abafado, como se estivesse sendo observado debaixo d'água.

Xal'Khor riu.

Um som úmido, satisfeito, amplificado por todo o coliseu.

— Ainda está vivo… — disse a voz ecoando. — Interessante.

Marcus apoiou a Gladius no chão e forçou-se a ficar de pé.

Não por Roma.

Não pela glória.

Mas porque se caísse ali, Vastara dormiria de novo.

O Urskael avançou.

E Marcus, sangrando, sozinho no centro da arena, percebeu com clareza brutal:

Aquela luta não era para ser vencida.

E mesmo assim…ele ainda não havia desistido.

O Urskael avançou.

Não correndo.

Marchando.

Cada passo fazia a arena vibrar como se o planeta estivesse sendo golpeado de dentro para fora. Marcus sentiu o impacto pelos joelhos, pela coluna, pelo crânio exposto e ferido. O sangue escorria quente, turvando parcialmente sua visão, pingando na areia escura da arena.

Ele respirou fundo.

O mundo desacelerou.

Não por controle.

Por distanciamento.

O rugido da multidão tornou-se um eco distante. O Urskael parecia se mover dentro de um líquido espesso. E então… as imagens vieram.

Não memórias dele.

Memórias antigas.

Ele viu Vastara como nunca havia visto antes — não o vale subterrâneo desperto, mas o momento da queda. Torres de cristal ruindo. Água azul sendo drenada dos leitos vivos. Pessoas ajoelhadas não em submissão, mas em traição.

E no centro de tudo o traidor, o Patriarca.

Não Xal'Khor.

O primeiro.

A figura estendia a mão para emissários romanos. Promessas eram feitas. Sobrevivência. Continuidade. Poder. O cristal central pulsava em agonia enquanto o mundo era vendido como mercadoria.

Marcus sentiu nojo.

Sentiu ódio.

E então a palavra surgiu.
Não como som.
Como sentença.

Ruun'Vael.

Herdeiro quebrado.
Aspecto incompleto.
Vontade fragmentada.
Marcus abriu a boca.
— Ruun'Vael.

A palavra ecoou não no coliseu, mas dentro dele.

A energia dourada explodiu ao redor de seu corpo de forma instável, irregular. Não um campo protetor — um vazamento. Mechas de seus cabelos clarearam abruptamente, sem padrão. Os olhos tornaram-se parcialmente brancos, como se algo tentasse emergir… e falhasse.

O Urskael atingiu o chão diante dele.

Marcus se moveu.

Não mais rápido.

Mais presente.

O magnetismo em suas costas respondeu ao comando instintivo. A lança vibrou à distância e foi arrancada de suas costas, voando até sua mão com violência controlada. A lâmina energética se reacendeu, longa, irregular, crepitando como um raio instável.

Marcus atacou.

O golpe não foi elegante.

Foi direto.

A lança atravessou uma junta da carapaça de Aethrakar, arrancando um urro real do Urskael. A

criatura cambaleou um passo pela primeira vez desde que entrara na arena.

A multidão explodiu.

Marcus girou o corpo, puxou a lança de volta e golpeou outra vez, desta vez mirando sob o peito da fera. Energia dourada explodiu para fora do ferimento, misturada a sangue escuro e vapor quente.

O Urskael recuou.

Não por medo.

Por estímulo excessivo.

Marcus avançou.

A luta mudou de tom.

Agora havia troca.

Golpe. Defesa. Contra-ataque.

O Urskael acertou Marcus com a lateral do corpo, jogando-o longe, mas Marcus rolou, manteve a lança firme e voltou a atacar antes que a criatura pudesse se reposicionar. Cada impacto arrancava fragmentos de Aethrakar, cada abertura custava energia demais.

O Ruun'Vael ardia por dentro.

Não sustentava.

Consumia.

Marcus sentia o corpo reclamar, os músculos se rasgarem microscopicamente a cada movimento. As visões do Patriarca voltavam em flashes rápidos — traição, poder, decadência — sempre incompletas, sempre distorcidas.

Do alto, Xal'Khor percebeu.

O Magnânimo inclinou-se no trono flutuante. Seus apêndices se moveram com precisão quase entediada. Um comando foi emitido.

O implante no crânio do Urskael brilhou.

Vermelho.

Depois carmesim.

Depois algo além.

A criatura rugiu.

Não como antes.

Agora havia dor… e obediência.

O Urskael entrou em frenesi.

O próximo ataque foi devastador.

Marcus ergueu a lança para bloquear — erro. A garra colossal atingiu a haste energética em cheio. A sobrecarga percorreu o eixo da arma em uma fração de segundo.

A lança explodiu em fragmentos de luz.

Marcus foi lançado para trás, rolando, sentindo o impacto atravessar o peito e as costas. Alertas médicos surgiram e desapareceram rápido demais para serem lidos.

Quando parou, estava de joelhos.

A lança não respondeu ao magnetismo.

Desativada.

Inutilizada.

O Urskael avançava novamente.

Marcus puxou o escudo por reflexo.

O campo dourado se projetou — fraco, instável. Um golpe direto o atingiu. O escudo não colapsou… mas gritou. A energia se fragmentou em arcos irregulares antes de se apagar quase por completo.

INTEGRIDADE DO ESCUDO: 11%
FALHA IMINENTE

Restava apenas a Gladius.

Marcus se ergueu, cambaleante, sangue escorrendo pelo rosto, os olhos parcialmente brancos queimando sob a dor. O Ruun'Vael pulsava, falho, quebrado, mas ainda ali.

O Urskael rugiu mais uma vez e avançou.

E Marcus avançou também.

Agora não havia mais equilíbrio.

A luta havia se tornado sobrevivência pura.

E, em algum lugar além da dor, além da arena, além da traição do Patriarca…algo mais antigo começava a se mover.

O impacto veio como um cataclismo.

Marcus ergueu o escudo instintivamente quando o Urskael desceu com o corpo inteiro sobre ele. O campo dourado reagiu por reflexo, expandindo-se em um arco irregular — e então cedeu.

Não explodiu.

Não brilhou.

Simplesmente morreu.

A energia se dissipou em partículas instáveis, como cinzas douradas sendo levadas pelo ar. A base metálica permaneceu presa ao braço de Marcus, inútil, pesada, morta.

O golpe o lançou contra o chão com violência absoluta.

O mundo girou.

Marcus sentiu algo estalar no interior do corpo — não sabia dizer o quê. Costelas, talvez. Ou apenas o limite final do que ainda podia suportar. A areia escura da arena colou-se ao sangue em seu rosto, formando uma crosta quente e pegajosa.

O Urskael não lhe deu tempo.

A garra desceu novamente.

Marcus rolou por centímetros. O impacto abriu uma cratera onde sua cabeça estivera. Fragmentos de pedra e metal voaram para todos os lados. Ele se ergueu cambaleante, ativando a Gladius com o último resquício de precisão que ainda lhe restava.

A lâmina dourada surgiu — falha, mas viva.

— Vamos… — murmurou, cuspindo sangue. — Anda.

O Urskael avançou com tudo.

Marcus mergulhou por baixo do ataque, deslizando entre as pernas da criatura. A Gladius riscou a parte interna de uma das articulações traseiras, abrindo carne sob o Aethrakar. A fera rugiu, girando o corpo com violência descontrolada.

Uma cauda maciça o atingiu em cheio.

Marcus foi lançado pelo ar, girando uma vez antes de cair de costas. O impacto arrancou o ar de seus pulmões. O visor piscou e morreu definitivamente.

Agora era apenas ele.

Sem dados.

Sem alertas.

Sem filtros.

A multidão era um borrão indistinto. O coliseu, um círculo opressor de pedra, metal e expectativa sanguinária.

O Urskael avançava outra vez.

Marcus se forçou a ficar de pé, apoiando-se por um instante na Gladius cravada no chão. O Ruun'Vael ainda pulsava — fraco, instável — como uma chama prestes a se apagar.

As visões voltaram.

Mas não eram mais só do Patriarca.

Ele viu outras Matriarcas.

Outros Patriarcas.

Viu guerreiros que não usavam armaduras, mas luz. Viu Vastara florescer e morrer, florescer e morrer, ciclos interrompidos sempre pelo mesmo erro:

Controle.

Viu o Urskael não como monstro…mas como ferramenta.

Criado para guerra.

Escravizado para espetáculo.

E então viu Padameg.

Não ali.

Não agora.

Mas embaixo do mundo, ajoelhada diante do cristal, esperando um sinal que talvez nunca viesse.

Marcus sentiu algo se alinhar dentro dele.

Não poder.

Não raiva.

Responsabilidade.

O Urskael saltou.

Marcus não desviou.

Ele avançou também.

A colisão foi brutal.

Garra contra lâmina.

Carne contra energia.

A Gladius penetrou profundamente no ombro da criatura, arrancando um urro que fez as arquibancadas tremerem. O Urskael respondeu com a cabeça, atingindo Marcus em cheio no tórax. Os dois foram ao chão juntos.

Marcus rolou para o lado no último segundo.

As mandíbulas se fecharam onde seu pescoço estivera.

Ele se ergueu com dificuldade, sentindo as pernas falharem. Cada respiração queimava. O Ruun'Vael oscilava perigosamente — luz dourada falhando, desaparecendo e retornando em pulsos irregulares.

— Não… — murmurou, quase para si mesmo. — Ainda não.

O Urskael avançou mais uma vez.

E, naquele instante, Marcus compreendeu algo essencial:

O Ruun'Vael não era um estado de vitória.

Era um aviso.

Um reflexo incompleto do que Vastara podia conceder… quando alguém ainda carregava fragmentos demais de quem foi.

Ele precisava aceitar.

Não Roma.

Não o Patriarca.

Nem mesmo o medo de morrer ali.

Precisava aceitar o todo.

O Urskael ergueu-se para o golpe final.

Marcus fechou os olhos.

Caiu de joelhos.

Não por fraqueza.

Por aceitação.

E, pela primeira vez desde a queda em Vastara, não lutou contra a visão que vinha.

Ele a recebeu.

O mundo não desacelerou desta vez.

Ele se aprofundou.

O coliseu desapareceu.

A dor ainda existia — pulsante, real — mas deixou de ser o centro de tudo. O sangue continuava escorrendo por seu rosto, quente, pesado, marcando as cicatrizes recém-abertas. Ainda assim, algo nele se organizava com uma calma impossível.

As visões não vieram em fragmentos.

Vieram inteiras.

Ele viu Vastara antes de ter realmente um nome. Viu oceanos suspensos no ar como véus vivos. Viu cidades de cristal respirando junto com o planeta. Viu o primeiro pacto entre Matriarcas e Patriarcas — não de

domínio, mas de guarda. Não de controle, mas de escuta.

Viu a Grande Matriarca original erguer a adaga não como arma, mas como chave.

E então… viu o erro.

Não o Patriarca traidor em si.

Mas o medo que o moldou.

O medo de desaparecer.

O medo de não sobreviver ao fim de um ciclo.

Marcus entendeu.

Vastara não exigia força.

Exigia proteção plena.

A palavra surgiu novamente.

Desta vez, completa.

Não como sentença.

Como nome verdadeiro.

Thar'Runn'Vael.

Aspecto inteiro.

Vontade alinhada.

Guardião desperto.

Marcus abriu os olhos.

Eles estavam brancos.

Não opacos.

Não vazios.

Lúcidos.

Uma luz dourada suave se espalhou ao redor de seu corpo, estável, contínua, como se o planeta estivesse respirando junto com ele. As mechas brancas em seus cabelos se expandiram até tomá-los por completo. O sangue em seu rosto evaporou em vapor dourado — as feridas fecharam parcialmente, mas as cicatrizes permaneceram, profundas, definitivas.

Marcas de lembrança.

O Urskael hesitou em desferir o golpe final.

Não por medo.

Por confusão.

O implante em seu crânio pulsou violentamente, emitindo sinais de sobrecarga. Xal'Khor, do alto, reagiu com irritação evidente, ativando protocolos de emergência. A criatura rugiu — não de fúria… mas de dor absoluta.

O Urskael entrou em berserker total.

Atacou como um terremoto vivo.

Marcus não recuou.

Ele andou ao encontro do golpe.

O primeiro impacto foi devastador. Garra contra escudo, reativado, brilhando de forma estável. A força teria esmagado qualquer outro ser vivo. Marcus deslizou pelo chão, os pés abrindo sulcos na areia, mas não caiu.

Ele se moveu.

Não mais rápido.

Mais inevitável.

A Gladius respondeu.

A lâmina dourada estabilizou-se, o crepitar caótico se organizando em um campo firme, quase silencioso. Marcus golpeou uma vez — cortando profundamente o flanco da criatura. Golpeou outra — atravessando parte da carapaça reforçada.

O Urskael recuou, cambaleante.

Rugiu.

Atacou novamente.

Marcus bloqueou com o escudo, a energia dourada absorvendo o impacto antes que os ossos fossem esmagados. Girou o corpo, cravou a Gladius na perna dianteira da fera e puxou com violência controlada.

O Urskael caiu de lado.

Levantou-se com esforço.

Agora sangrava.

Agora sentia.

Marcus correu.

Saltou.

Não como homem.

Mas como uma extensão do mundo sob seus pés.

No ar, sentiu Vastara puxá-lo de volta — como se a gravidade aumentasse, diretamente para o ponto exato onde precisava estar. A energia dourada o envolveu, guiando o movimento.

Ele desceu como um cometa.

A Gladius atravessou o crânio do Urskael de cima a baixo.

Não houve explosão.

Não houve espetáculo exagerado.

Houve um som seco.

Final.

Marcus caiu apoiado com um joelho ao chão junto a cabeça da fera, cravando a lâmina no chão, mantendo o crânio do Urskael presa sob ela. A criatura estremeceu uma última vez… e então ficou imóvel.

Silêncio.

Absoluto.

O coliseu inteiro ficou mudo.

Marcus respirou fundo.

Puxou sua Gladius do crânio da fera.

Caminhou até o centro da arena.

Abriu os braços.

E gritou, a voz ecoando sem amplificação alguma:

— **ERA ESSE O ESPETÁCULO QUE VOCÊS QUERIAM?!**

Por um instante, nada aconteceu.

Então Vastara explodiu.

Gritos.

Clamor.

Euforia.

Fogos de artifício holográficos rasgaram o céu do coliseu em cores que Roma jamais catalogara. Tons impossíveis, vivos demais para serem realmente artificiais. O nome de Marcus Valerius ecoou em centenas de línguas desconhecidas.

Enquanto isso, a luz dourada ao seu redor começou a se dissipar lentamente.

Os cabelos voltaram ao tom palha escuro.

Os olhos, ao castanho profundo.

As cicatrizes permaneceram.

Marcus ficou ali, de pé, ofegante, humano novamente.

Mas Vastara jamais o veria como antes.

CAPÍTULO 12
O TERCEIRO DESEJO

O coliseu ainda vibrava quando os portões internos se fecharam novamente.

Não com violência.

Com cerimônia.

Campos de contenção dourados ergueram-se ao redor da arena, separando Marcus da multidão em êxtase. Guardas de Xal'Khor avançaram com cautela — não por respeito, mas por medo disfarçado de protocolo. Marcus desativou suas armas quando os guardas se aproximaram mais ainda, suas armas foram recolhidas com rapidez excessiva.

Marcus não resistiu.

Não precisava.

O trono flutuante desceu lentamente até pairar sobre a arena. O som dos motores antigravitacionais era suave demais para algo tão monstruoso. Xal'Khor, o Magnânimo, observava o cadáver do Urskael com um misto de irritação e curiosidade clínica.

— Fascinante… — murmurou, ampliado para toda Vastara. — Realmente fascinante.

O silêncio se espalhou novamente.

— Confesso que não imaginei que você chegaria tão longe, Marcus Valerius. — continuou Xal'Khor. — Mas o Torneio existe para isso: surpreender até seus próprios mestres.

Os múltiplos olhos da criatura se moveram, focando Marcus.

— Três desejos. — disse. — Como manda a tradição. Como manda a lei. Desejos de um campeão são… ordens.

Um gesto sutil.

— Seu primeiro desejo.

Marcus ergueu o rosto ainda manchado de sangue seco.

— Quero uma nave funcional. — disse, a voz firme. — Totalmente armada, registrada fora do sistema de Vastara. E passagem segura para qualquer lugar da galáxia que eu escolher.

Um murmúrio percorreu o coliseu.

Xal'Khor inclinou levemente a cabeça.

— Prudente. — respondeu. — Muito prudente.

Um dos olhos piscou, projetando imagens holográficas acima da arena: um hangar orbital, uma nave de combate elegante, agressiva, claramente romana.

— Já estava assegurada. — disse Xal'Khor com um sorriso viscoso. — Apenas por precaução. Campeões costumam… querer ir embora algumas vezes.

Marcus sentiu algo se contorcer em seu estômago.

O modelo.

Ele conhecia aquelas linhas.

Mas não disse nada.

— Desejo concedido. — concluiu Xal'Khor. — Seu segundo desejo.

O Magnânimo pareceu se inclinar para frente, teatral.

— Estou curioso. — disse. — Um homem como você… idealista, sentimental. Aposto que pedirá a libertação dos gladiadores. O fim da mineração. Ou talvez… — um sorriso cruel se formou — …que sua amada nativa seja poupada.

A palavra *nativa* veio carregada de desprezo.

— Talvez queira levá-la com você. — continuou. — Um troféu exótico para lembrar deste mundo patético.

O silêncio foi cortante.

Marcus deu um passo à frente.

— Nada disso. — disse.

Xal'Khor pareceu genuinamente desapontado.

— Não? — perguntou. — Que desperdício de desejo.

Marcus ergueu o olhar com uma expressão irônica.

— Tudo isso será assegurado no terceiro desejo, mas primeiro vamos pensar no meu segundo desejo… — disse — Desejo que este momento seja transmitido sem filtros, sem cortes e sem atrasos para todo o sistema de Vastara.

Os olhos de Xal'Khor se estreitaram.

Por um instante.

Apenas um.

— Já está... de certa forma ao menos. — respondeu lentamente. — Ativem a transmissão completa.

Marcus assentiu.

— Ótimo.

Um sorriso quase imperceptível surgiu em seu rosto.

Xal'Khor riu.

— Esperto. — disse. — Muito esperto. Dois desejos concedidos.

O trono flutuante subiu alguns centímetros.

— E agora… — a voz ecoou, solene — …seu terceiro e último desejo.

Marcus respirou fundo.

Olhou ao redor.

Para o coliseu.

Para as arquibancadas.

Para as torres de vigilância.

Para Vastara inteira assistindo.

E então falou.

— Meu terceiro desejo… — disse — …é a morte de Xal'Khor, o Magnânimo. E o fim do seu regime.

O silêncio foi absoluto.

Então Xal'Khor gargalhou.

Não um riso breve.

Um riso longo, profundo, úmido, ecoando por todas as frequências.

— Ah… — disse, enxugando uma secreção viscosa do rosto. — Você é hilariante.

Ele se aproximou, descendo até quase ficar face a face com Marcus.

— Você não entende, romano. — continuou. — Minha linhagem governa este mundo há gerações. Antes de você cair do céu, antes de sua Roma sequer saber que Vastara existia.

Os olhos se arregalaram em triunfo.

— Minha morte não é possível. — declarou. — Você está desarmado e sozinho.

Marcus sorriu.

Foi quando o coliseu inteiro ouviu o clique metálico.

O magnetismo do implante na mão de Marcus respondeu.

A Gladius saiu da posse de um dos guardas e cruzou o ar como um relâmpago dourado.

Não houve tempo para reação.

Não houve grito.

Marcus agarrou a empunhadura no ar e, em um único movimento contínuo, decapitou Xal'Khor.

A cabeça do Magnânimo rolou pelo chão da arena, os olhos ainda piscando em confusão.

O corpo caiu segundos depois.

Silêncio.

Marcus ergueu a lâmina ensanguentada.

— Vastara não é sua propriedade. — disse, para toda a transmissão. — Nunca foi. AGORA!

E então tudo explodiu.

As primeiras explosões vieram de dentro do coliseu.

Gladiadores atacaram guardas.

Guardas se voltaram uns contra os outros.

Ferrum Rex surgiu como uma avalanche viva, esmagando linhas de contenção, liderando o levante.

Na cidade alta, torres de vigilância caíram.

Rashid ativou o retransmissor no deserto. O sinal cruzou o planeta, o deserto, a fenda que marcava a entrada para as ruínas.

No subterrâneo da cidade, Sael'Thir conduzia evacuações enquanto antigos sistemas despertavam.

Korr'Mak avançava como uma deusa da guerra, libertando prisioneiros setor por setor.

E, nas profundezas…

Padameg recebeu o sinal.

Caiu de joelhos diante do cristal.

Os olhos tornaram-se brancos.

Os cabelos, lunares.

Ela ergueu a adaga.

A colocou na fenda do cristal como uma chave e a girou.

E Vastara respondeu.

Cristais gigantes romperam o solo.

Água azul rasgou o deserto.

Plantas antigas atravessaram o metal romano.

A antiga Vastara voltava à superfície.

O mundo que Roma tentou enterrar… respirava novamente.

O coliseu não caiu de uma vez.

Primeiro veio o silêncio.

Não o silêncio da morte iminente, nem o da expectativa antes do golpe final — mas um silêncio novo, desconcertante, como se Vastara inteira estivesse reaprendendo a ouvir a si mesma sem a voz de Xal'Khor ditando o ritmo.

As arquibancadas ainda estavam cheias. As estruturas ainda tremiam com o eco distante das explosões. Mas algo havia mudado de forma irreversível.

Os guardas que restaram largavam armas no chão.

Alguns ajoelhavam.

Outros apenas permaneciam imóveis, olhando para o corpo decapitado de seu senhor como se, ao encará-lo por tempo suficiente, pudessem desfazer o que haviam acabado de testemunhar.

Ferrum Rex atravessou o centro da arena coberto de sangue — o dele e o de outros. Não havia triunfo em seu rosto. Apenas alívio pesado, quase doloroso. Atrás dele, gladiadores de dezenas de espécies avançavam, não mais como lutadores, mas como sobreviventes que haviam encontrado algo próximo de propósito.

— Acabou. — alguém murmurou.

Ninguém respondeu.

Porque ninguém ainda sabia o que vinha depois.

A cidade mudou antes mesmo que a poeira assentasse.

Onde antes havia torres de vigilância, surgiam agora rachaduras de luz azul, abrindo-se no solo como veias recém-expostas. Cristais emergiam lentamente, empurrando metal romano para os lados como se fosse algo frágil, provisório — como se sempre tivesse sido.

Água azulada começou a correr por antigos canais soterrados, atravessando ruas, contornando edifícios, refletindo o céu artificial em tons que Vastara não via havia gerações. O ar ficou mais úmido. Mais leve. Mais vivo.

Plantas brotaram.

Não de forma agressiva, mas inevitável.

Raízes cristalinas rasgavam concreto. Folhagens prateadas surgiam entre placas de Aethrakar. Flores translúcidas se abriam lentamente, liberando a mesma névoa cintilante do arguilé — agora espalhada pelo mundo inteiro como um suspiro coletivo.

As pessoas paravam para tocar a água.

Para tocar a terra.

Algumas choravam sem saber exatamente por quê.

Marcus deixou a arena apoiado em Ferrum Rex e Korr'Mak.

Cada passo doía.

As costelas reclamavam a cada respiração mais profunda. O rosto ardia onde as cicatrizes ainda fechavam lentamente, deixando marcas definitivas. A glória não o havia tornado invulnerável. Apenas… necessário.

Foi quando ele os viu.

Sael'Thir estava à frente do antigo portão interno do coliseu, as mãos ainda sujas de óleo e energia residual. Rashid vinha logo atrás, os mantos sujos de areia e sangue, mas os olhos carregando o peso de alguém que finalmente via sua história se mover novamente.

— Você conseguiu. — disse Sael'Thir, a voz baixa, reverente. — O mundo respondeu.

Marcus tentou sorrir.

— Não sozinho. — respondeu. — Nunca foi sozinho.

— Nós precisamos ir, o espaço-porto é o lugar mais seguro no momento — disse Rashid. — E nosso herói tem outros caminhos para percorrer.

— Não sou herói. — retrucou. — Mas não posso ir antes de saber se Pada está bem.

— Ela está bem — disse Sael'Thir. — Ela já entrou em contato, vamos espera-la no espaço-porto. Rashid está certo, ainda podem haver inimigos escondidos.

— Certo, então vamos — respondeu.

Marcus fez um gesto com a mão para Ferrum e Korr'Mak.

Os dois o soltaram.

Marcus se sustentou cambaleante.

Ainda sentia as dores da batalha.

Mas ainda assim seguiu em frente.

O espaço-porto já estava voltando a se organizar quando chegaram.

Naves danificadas sendo consertadas. Bandeiras improvisadas sendo levantadas. Pessoas trabalhando juntas sem ordens gritadas do alto.

Marcus viu ao longe a nave que Xal'Khor o havia assegurado.

E agora não restavam mais dúvidas. Era do mesmo tipo das naves que interceptaram e derrubaram o cruzador em que ele e General Aelius Magnus estavam.

Andou mais uns passos para dentro do local.

Foi então que sentiu o ar mudar.

Marcus sentiu antes de ver.

Padameg surgiu entre as estruturas quebradas, os tecidos claros agora contrastando com a vegetação azulada que começava a se espalhar ao redor. Os olhos dourados estavam exaustos — mas vivos, intensos, cheios de algo que parecia esperança contida por gerações.

Por um instante, nenhum dos dois se moveu.

Depois, Padameg correu.

O abraço veio com demasiada força.

Marcus gemeu involuntariamente quando ela o apertou contra si, a dor atravessando o peito como um lembrete cruel de que ainda era feito de carne.

— Desculpa… — ela disse, recuando imediatamente, assustada.

Marcus riu, apesar da dor.

— Se você não me abraçasse assim… eu ficaria ofendido.

Ela sorriu — um sorriso quebrado, emocionado — e tocou com cuidado o rosto dele, os dedos seguindo as cicatrizes.

— Vastara não te curou por completo. — murmurou. — Deixou marcas.

— Para eu lembrar. — respondeu. — Para eu não virar algo que não sou.

Padameg assentiu lentamente.

— Então você precisa ver. — disse. — Antes de ir. Precisa ver Vastara… por inteiro.

Rashid pigarreou atrás deles.

— Acho que posso ajudar com isso. — disse, apontando para o fundo do espaço-porto.

A nave era antiga e elegante.

Parecia uma arraia metálica, larga e suave, com o corpo principal prateado e reflexos azulados correndo pelas bordas. Três caudas longas se estendiam para trás como fios vivos, cada uma terminando em um ponto de luz pulsante. A cabine era aberta na parte superior, protegida apenas por um campo de energia translúcido.

— Tecnologia antiga, quase perdida. — explicou Rashid enquanto subiam. — De quando Vastara ainda conversava com o céu.

Marcus assentiu enquanto ajudava Padameg a subir a bordo.

Marcus e Padameg decolaram lentamente.

O vento passou pelo rosto de Marcus, misturado ao cheiro da água viva, cristal e algo que lembrava ozônio suave. A cidade ficou para trás à medida que a nave subia — e então Vastara se revelou.

Não como ruína.

Mas como renascimento.

Vales azuis surgiam onde antes havia deserto morto. Rios serpenteavam por entre formações cristalinas que refletiam o céu em cores impossíveis. Estruturas antigas emergiam do solo, não como prédios, mas como extensões naturais da paisagem — curvas, vivas, respirando junto com o planeta.

Marcus ficou em silêncio por um longo tempo.

Padameg sentou-se ao lado dele, encostando o ombro no dele.

— Nosso encontro nunca foi acidente. — disse ela, por fim. — Você caiu aqui porque Vastara precisava de alguém que pudesse ajudar a liberta-la.

Marcus olhou para ela.

— E eu encontrei você porque… — hesitou.

— Porque ninguém desperta um mundo sozinho. — completou Padameg.

A Vastara despertada se estendia abaixo deles como um organismo vivo: canais de luz serpenteando entre estruturas antigas, regiões onde o deserto começava a ceder espaço a algo que lembrava memória mais do que matéria. Não era um mundo curado. Era um mundo lembrando quem havia sido.

Padameg estendeu a mão.

Marcus entrelaçou os dedos aos dela sem hesitar.

— Eu sei que você precisa ir. — disse ela, a voz calma, sem traço de tristeza. — O que começou aqui… não termina aqui.

Marcus manteve o olhar no horizonte por um instante antes de responder.

— Eu voltarei. — disse. — Não como juramento vazio. Agora… Vastara faz parte de mim.

Ela assentiu levemente.

— Não pode ser vazio. — respondeu. — Por isso eu preciso te contar algo.

Padameg puxou a mão dele, guiando-a até seu ventre. O gesto foi simples, quase tímido — e por isso mesmo tão emocional.

Marcus voltou-se para ela, o fôlego suspenso, como se o ar tivesse esquecido de existir.

— Quando entrei em transe… quando o cristal respondeu… — disse Padameg, escolhendo as palavras com cuidado. — Eu vi além do momento. Não como profecia. Como… um tipo de lembrança do que ainda não aconteceu.

O vento passou entre eles, fazendo os tecidos de seus mantos ondularem.

— Eu vi o futuro. — continuou. — Vi Vastara viva de novo. E vi… nosso filho. Vi ele crescer aqui. Caminhar entre essas ruínas como quem pertence a elas.

Marcus não respondeu de imediato.

O peso daquilo não era medo. Nem dúvida. Era grande demais para caber em palavras.

As lágrimas vieram sem pedido de permissão. Ele a puxou para junto de si, envolvendo-a num abraço que carregava tudo o que ainda não sabia dizer.

— Ei… — murmurou Padameg, com um leve sorriso na voz. — Mais devagar. Agora é você que está me machucando.

Ele riu sem som, ainda preso ao abraço.

Ela apoiou a testa no ombro dele.

— Onde quer que você esteja… — disse. — Nós estaremos no mesmo lugar. Como se fôssemos um só.

Marcus fechou os olhos.

Abaixo deles, Vastara continuava a despertar. E, pela primeira vez em eras, o futuro não parecia um erro a ser corrigido — mas algo que valia a pena ser protegido.

Quando pousaram, o espaço-porto de Vastara continuava agitado.

Não com o caos de antes, mas com um movimento novo — reconstrução improvisada, vozes cruzadas, equipamentos reaproveitados, pessoas que não sabiam exatamente o que estavam fazendo… apenas que precisavam fazer alguma coisa. Vastara não estava em paz. Estava acordada.

Eles desceram da nave juntos.

Não por necessidade.

Por escolha.

Os dedos permaneceram entrelaçados enquanto atravessavam a plataforma irregular, como se soltar as mãos cedo demais fosse admitir algo que nenhum dos dois estava pronto para nomear.

Sael'Thir aguardava próximo a um suporte improvisado, feito de peças de máquinas antigas e cristal reaproveitado. Sobre ele repousavam as armas de Marcus.

— Fiz o que pude. — disse, sem cerimônia. — Não está perfeito.

Marcus pegou a lança primeiro. O metal resoldado ainda carregava marcas visíveis do processo, veios escuros de Aethrakar misturados a cristais de Vastara. Quando ativou o campo energético, a lâmina respondeu com um brilho instável — selvagem, quase impaciente.

— Está viva. — disse Marcus, com um leve assentir de cabeça. — Isso basta.

Sael'Thir inclinou o corpo num gesto curto, respeitoso. Não como um ferreiro. Como alguém que havia cumprido um dever antigo.

Marcus então se voltou para Korr'Mak.

Não houve palavras.

Apenas um gesto silencioso de respeito mútuo — um reconhecimento entre dois que haviam sobrevivido ao coliseu sem permitir que ele os definisse.

De Rashid, recebeu um abraço inesperadamente firme.

— Se você morrer, vai atrapalhar meus planos futuros. — murmurou o mercador, com um meio sorriso cansado. — Então tente não fazer isso.

— Vou me esforçar. — respondeu Marcus.

Ferrum Rex foi o último.

O aperto de mão foi pesado, definitivo. Dois guerreiros que não precisavam provar mais nada um ao outro.

E então… Padameg.

Por um instante, nenhum dos dois se moveu.

O espaço-porto, os sons, as vozes — tudo pareceu se afastar. Como se Vastara concedesse aquele momento apenas a eles.

Ela ergueu as mãos, tocando o rosto de Marcus com cuidado, como se estivesse gravando aquela imagem na memória.

Não disse nada.

O beijo veio lento, profundo — não como despedida, mas como promessa que não precisava ser dita em voz alta.

Quando se afastaram, Padameg manteve a mão sobre o peito dele por mais um segundo.

— Vá. — disse por fim. — Faça o que precisa ser feito.

Marcus assentiu.

Virou-se antes que o momento exigisse algo que não poderia dar.

As portas da nave se abriram com um silvo baixo, quase orgânico. Ao entrar, Marcus sentiu algo familiar de imediato.

O interior não era luxuoso.

Era funcional.

Painéis angulados, inscrições técnicas em latim imperial, símbolos de legião gravados em metal escurecido. Controles que ele conhecia desde o treinamento — versões adaptadas, híbridas, mas ainda reconhecíveis. Roma estava ali. Não como poder. Como memória.

Ele sentou-se na cadeira de comando.

Os sistemas responderam ao toque de suas mãos como se o reconhecessem.

Os motores começaram a aquecer, vibrando sob o casco.

Antes de iniciar a decolagem, Marcus olhou para fora.

Padameg permanecia ali, imóvel, os olhos dourados fixos na nave. O vento do espaço-porto agitava seus cabelos e o manto, mas ela não se movia.

Eles se olharam uma última vez.

Não houve aceno.

Não houve gesto.

Nada precisava ser acrescentado àquilo que já existia.

Marcus acionou os propulsores.

A nave se elevou lentamente, rompendo a atmosfera de Vastara com suavidade inesperada. À medida que o planeta diminuía sob ele, não sentiu perda.

Sentiu direção.

No painel central, os mapas estelares se reorganizaram. Marcus ajustou manualmente o curso, ignorando sugestões automáticas.

Yáruk-En.

O destino brilhou em verde firme.

Onde um general que ainda lembrava o que Roma deveria ser… o aguardava.

E, atrás dele, um mundo antigo respirava novamente — sabendo que, quando precisasse, ele retornaria

CAPÍTULO 13
ECOS NO VAZIO

O espaço não fazia perguntas.

Era isso que mais incomodava Marcus.

A nave avançava em silêncio absoluto, deixando para trás o brilho vivo de Vastara. O planeta diminuía aos poucos no visor principal, suas faixas de nuvens recém-despertas misturando-se às cicatrizes antigas da desertificação. Onde antes havia morte contida, agora havia movimento. Onde antes havia espera, agora havia promessa.

Marcus manteve os olhos ali por mais tempo do que precisava.

Não por nostalgia.

Por responsabilidade.

Vastara não era mais apenas um mundo que ele havia atravessado. Era um mundo que agora carregava algo dele — e que havia deixado algo dentro dele em troca. O calor antigo ainda ecoava sob a pele, discreto, constante, como um segundo pulso. Não o Aspecto em si — aquele repousava —, mas a lembrança de que ele existia.

E de que não podia ser usado levianamente.

Ele afastou-se do visor e caminhou pelo interior da nave. O corredor estreito era funcional, romano até o último detalhe: superfícies metálicas limpas, iluminação fria, símbolos de orientação gravados com precisão geométrica. Tudo ali havia sido feito para obedecer, não para refletir.

Marcus conhecia aquele tipo de nave desde a adolescência.

Mas aquela não era mais uma nave comum.

As leituras no painel central oscilavam levemente. Não falha — adaptação. Sael'Thir havia avisado. A fusão entre tecnologia romana e materiais de Vastara não obedecia a padrões rígidos. Funcionava… porque queria funcionar.

Marcus pousou a mão sobre o console principal.

— Aguenta mais um salto — murmurou, sem saber exatamente se falava com a nave ou consigo mesmo.

O curso já estava traçado.

Sistema Viridis Profundus.
Planeta Yáruk-En.

Um nome que carregava fama suficiente para atravessar fronteiras. Uma guerra que não acabava. Um general que ainda lutava como se Roma fosse algo além de uma máquina de extração.

Lucius.

Aelius falara dele poucas vezes — sempre em tom baixo, sempre com cuidado. Como se até mencionar seu nome fosse um risco calculado.

"Ele ainda acredita."

"E isso o torna perigoso."

Marcus apoiou-se no encosto do assento de comando, deixando o peso do corpo ceder por um

instante. Não estava cansado no sentido físico. O corpo respondia bem, melhor do que jamais respondera antes. O cansaço era outro.

Era o peso de escolhas que não podiam mais ser adiadas.

Marcus fechou os olhos por um instante.

Viu Aelius.

Não como general.

Mas como homem.

A postura firme. A voz controlada. O olhar que nunca se afastava do campo — mesmo quando não havia campo algum à frente.

"Roma não cai de uma vez, Marcus."

"Ela se desfaz nos detalhes que escolhemos ignorar."

Ele abriu os olhos.

Não havia mais espaço para ignorar nada.

Os sistemas de salto começaram a se alinhar. Um aviso discreto surgiu no painel — letras romanas clássicas, frias, impessoais.

PREPARAÇÃO PARA DESLOCAMENTO DE LONGO ALCANCE
ESTABILIDADE: VARIÁVEL

Marcus ajustou os cintos e respirou fundo.

O espaço à frente da nave parecia o mesmo de sempre — negro, infinito, indiferente. Mas ele sabia. Sempre soubera. O salto não era apenas distância dobrada. Era uma ruptura. Um momento em que tudo o que existia aceitava, por um instante, deixar de ser contínuo.

— Última chance de voltar — disse para si mesmo, sem convicção.

Não havia resposta.

Não havia arrependimento.

Quando Vastara finalmente saiu do campo de visão, Marcus não sentiu perda.

Sentiu direção.

Ele ativou o salto.

E o vazio respondeu.

O salto não aconteceu de imediato.

Houve um intervalo curto demais para ser medido, longo demais para ser ignorado.

A nave entrou no limiar de transição, e o espaço deixou de ser espaço. As estrelas esticaram-se em linhas finas, depois se desfizeram em fragmentos de luz que não se moviam para frente nem para trás. Tudo ficou suspenso, como se o universo tivesse prendido a respiração.

Marcus sentiu primeiro no peito.

Uma pressão suave, profunda, diferente da força bruta das manobras romanas. Não era dor. Era… reconhecimento. Como se algo antigo dentro dele soubesse onde estava — mesmo quando os sensores não sabiam.

O painel principal piscou.

Leituras incoerentes. Distância inexistente. Tempo estimado: **indeterminado**.

Marcus manteve as mãos firmes nos controles.

Foi então que o silêncio mudou.

Não com som. Com presença.

Aquela sensação que ele conhecia bem demais. O calor discreto sob a pele, expandindo-se em ondas lentas, quase respeitosas. O Aspecto não tentava

emergir — não ainda. Mas observava. Sentia a dobra do espaço como quem reconhece uma ferida antiga.

Por um instante, Marcus teve a impressão de ver Vastara novamente.

Não em imagens claras. Apenas fragmentos: cristal, água subindo, luz que respirava. Depois, algo diferente. Florestas densas. Umidade pesada. Vida pulsando em camadas sobrepostas.

Yáruk-En.

— Então é aqui… — murmurou.

A nave tremeu levemente.

O sistema de salto emitiu um alerta breve, quase tímido, como se pedisse desculpas.

DESVIO DETECTADO.
INTERFERÊNCIA EXTERNA.

Marcus franziu o cenho.

Aquilo não deveria ser possível.

O espaço entre sistemas era neutro. Vazio. Seguro.

Ou deveria ser.

O calor sob sua pele intensificou-se por um segundo — não como aviso, mas como preparação. O Aspecto não reagia à nave.

Reagia ao que vinha depois.

E então, o universo rompeu.

A realidade se abriu como vidro sob impacto.

A nave foi cuspida de volta ao espaço real com violência brutal. Alarmes explodiram em cascata, luzes vermelhas invadindo o interior do cockpit. Marcus foi lançado contra os cintos, o impacto arrancando o ar de seus pulmões enquanto os estabilizadores gritavam em protesto mecânico.

O visor principal acendeu-se de uma vez.

E revelou o caos.

Cruzadores romanos preenchiam o espaço à frente, enormes, majestosos — e sob ataque. Feixes de energia riscavam o vazio em todas as direções. Explosões silenciosas iluminavam cascos despedaçados, fragmentos de naves girando lentamente como destroços de um império em combustão.

— Merda… — Marcus murmurou.

Era uma batalha total.

Naves de ataque inimigas avançavam em formações irregulares, rápidas, agressivas. Não eram modelos que Marcus reconhecia dos registros imperiais padrão. Design orgânico misturado a tecnologia híbrida. Blindagens que absorviam impactos antes de se romperem. Armamento pesado demais para uma força considerada "local".

Isso não era uma rebelião.

Era uma guerra mantida nas sombras.

Um cruzador romano explodiu à esquerda, partido ao meio por uma sequência coordenada de disparos. O casco se abriu como uma ferida exposta, lançando destroços e corpos ao vazio. Nenhum pedido de socorro chegou a ser transmitido.

Marcus ativou os sistemas de combate por reflexo.

A nave respondeu.

As armas híbridas despertaram com um rugido grave, energia fluindo de forma irregular, quase viva. Os sistemas romanos tentaram impor ordem. Os sistemas de Vastara… adaptaram-se.

— Certo. — disse Marcus, os olhos fixos no campo de batalha. — Vamos ver se vocês sabem lutar contra algo que não estava no plano.

Ele puxou os controles com força, mergulhando a nave no caos.

Feixes de energia passaram a centímetros do casco. Um caça inimigo surgiu à direita, rápido demais. Marcus girou, disparou, sentiu a nave responder com um atraso mínimo — suficiente para ajustar o ângulo. O disparo acertou em cheio. A nave inimiga se desfez em fragmentos incandescentes.

Outro cruzador romano passou por cima dele, as torres disparando sem cessar.

— Aqui é uma unidade não identificada entrando no combate. — transmitiu Marcus em canal aberto, a voz firme apesar do impacto contínuo. — Identificação romana. Repetindo: identificação romana.

Houve um segundo de silêncio.

Depois, uma resposta tensa, carregada de incredulidade.

— Unidade não identificada… você caiu no meio do inferno. Se pode lutar, lute. Se não, saia do caminho.

Marcus sorriu sem humor.

— Sempre acabo caindo no meio do inferno.

Ele avançou.

E, pela primeira vez desde Vastara, não estava fugindo do caos.

Estava entrando nele.

Marcus mergulhou a nave entre dois cruzadores romanos no exato instante em que uma salva inimiga atingia suas blindagens. Os escudos dos gigantes imperiais ondularam em tons azulados, rangendo sob o impacto contínuo. Um deles perdeu uma das torres laterais, a estrutura explodindo em silêncio, fragmentos girando lentamente antes de serem engolidos pelo fogo residual.

O campo de batalha não tinha frente definida.

Era um emaranhado tridimensional de vetores, acelerações brutais e decisões tomadas em frações de segundo. As naves inimigas não formavam linhas — atacavam como cardumes predatórios, dispersando-se após cada investida, reaparecendo em ângulos improváveis.

Marcus girou o painel tático para modo manual.

— Automação desligada. — murmurou.

Os sistemas romanos protestaram com alertas suaves. Ele os ignorou.

A nave respondeu melhor assim.

Um grupo de caças inimigos avançou pelo flanco direito de um cruzador danificado, explorando uma brecha nos escudos. Marcus calculou a trajetória em instinto puro, cortou os motores por meio segundo — tempo suficiente para desaparecer dos sensores ativos — e reapareceu abaixo da formação inimiga.

Disparou.

A energia dourada-azulada das armas híbridas cortou o vazio em arcos precisos. Duas naves inimigas foram partidas antes mesmo de reagirem. A terceira tentou escapar, mas Marcus ajustou o ângulo, sentindo o leve atraso do sistema — e compensando.

Explosão direta.

— Cruzador Valens, aqui é uma unidade independente. — transmitiu novamente. — Flanco direito limpo. Reforcem escudos agora.

Desta vez, a resposta veio rápida.

— …recebido. — A voz soava tensa, mas focada. — Quem diabos é você?

Marcus não respondeu.

Não havia tempo.

O espaço à frente se iluminou com uma nova ameaça.

Uma nave inimiga maior, pesada, emergiu da sombra de um destroço. Blindagem espessa, armamento frontal concentrado — um aríete de guerra. Ela alinhou-se diretamente com um cruzador romano que mal mantinha os escudos ativos.

— Não. — Marcus sussurrou.

Ele empurrou os motores além do limite recomendado. O casco da nave gemeu, vibrações atravessando a estrutura. O Aspecto reagiu de forma quase imperceptível — não emergindo, mas estabilizando. Como se o corpo de Marcus estivesse ancorando a máquina.

Ele cruzou a trajetória da nave inimiga no último segundo.

Disparou com força total.

A colisão de energias iluminou o campo de batalha como um sol improvisado. O escudo da nave inimiga cedeu, a blindagem rachando em padrões irregulares antes de se desfazer em placas incandescentes. A nave perdeu o eixo, girando descontrolada, até colidir com os próprios reforços que avançavam por trás.

A formação inimiga hesitou.

Marcus sentiu isso.

Não medo. Avaliação.

Eles estavam calculando o custo.

— Todas as unidades romanas, avancem agora. — transmitiu uma nova voz no canal aberto. Mais grave. Mais controlada. — Pressão total. Não deixem espaço para reorganização.

O tom não era de pânico.

Era comando.

Os cruzadores responderam.

Feixes de energia cruzaram o vazio em formação coordenada. As naves inimigas começaram a recuar,

abandonando posições estratégicas, cobrindo a retirada com disparos dispersos. Não era derrota total — era retirada calculada.

— Eles estão recuando. — disse alguém no canal. — Repetindo: estão recuando!

Marcus reduziu a aceleração, os olhos varrendo o espaço em busca de armadilhas finais. Nenhuma perseguição foi ordenada. Inteligente. Perseguir naquele caos seria suicídio.

A batalha terminou não com silêncio, mas com exaustão.

Destroços flutuavam por toda parte. Escudos ainda crepitavam. Cruzadores danificados mantinham posição defensiva enquanto equipes internas avaliavam perdas.

Marcus respirou fundo.

Foi então que os sensores acusaram múltiplos travamentos de alvo sobre sua nave.

— Unidade independente, desligue os sistemas ofensivos imediatamente. — ordenou a voz grave. — Você será escoltado para averiguação.

Marcus não discutiu.

Desativou as armas. Reduziu potência. Abriu os canais passivos.

Três naves romanas aproximaram-se, posicionando-se com precisão cirúrgica. Campos de contenção envolveram sua nave, puxando-a com firmeza controlada.

O interior do cockpit silenciou.

Quando a nave foi guiada para o hangar do cruzador mais próximo, Marcus sentiu o peso da transição. Não era prisão — ainda. Mas também não era liberdade.

A comporta se fechou atrás dele com um som profundo, definitivo.

Luzes internas se acenderam.

Soldados romanos aguardavam do lado de fora, armas erguidas, formação impecável. Armaduras marcadas por combate recente. Olhares atentos, avaliando cada detalhe da nave híbrida, das inscrições estranhas, da energia que ainda parecia pulsar sob o casco.

Marcus desligou os sistemas restantes.

Abriu a escotilha.

E desceu.

O eco metálico de suas botas ressoou pelo hangar.

Não como o de um prisioneiro.

Mas como o de alguém que havia chegado onde não deveria — e sobrevivido.

O hangar não relaxou quando Marcus pisou no chão.

Se algo mudou, foi apenas o grau de atenção.

Os soldados mantiveram as armas erguidas, mas ajustaram levemente a formação, abrindo um corredor estreito. Não era uma honra. Era contenção. Dois oficiais aproximaram-se, armaduras com marcas de campanha prolongada, símbolos de Yáruk-En gravados no ombro esquerdo.

— Você, soldado não identificado. — disse o primeiro, lendo de um visor flutuante. — Você vem conosco.

— Sob que acusação? — perguntou Marcus, a voz neutra.

— Ainda estamos decidindo isso. — respondeu o segundo. — Ande.

O trajeto pelos corredores internos do cruzador foi deliberadamente longo.

Passaram por setores parcialmente isolados, painéis abertos, equipes técnicas trabalhando em

silêncio tenso. Havia cheiro de metal aquecido e ozônio. Feridos eram conduzidos em macas antigravitacionais, alguns conscientes, outros não. Nenhum deles olhou para Marcus com curiosidade — olhavam com a expressão de quem já tinha visto demais para se surpreender.

Ele sentiu o peso do lugar.

Aquele cruzador não estava em guerra por dias ou semanas.

Estava ali há anos.

As portas do setor de comando se abriram com um sibilo controlado.

A sala era ampla, funcional, sem ostentação. Um mapa tridimensional do sistema Viridis Profundus ocupava o centro, mostrando zonas de conflito marcadas em vermelho persistente — não pulsavam, não avançavam, não recuavam. Apenas existiam.

Diante do mapa, com as mãos cruzadas atrás das costas, estava o general.

Lucius não se virou de imediato.

— Você violou protocolos de guerra. — disse, a voz baixa, firme. — Entrou em um teatro ativo sem identificação válida. Utilizou armamento não registrado. Interferiu em manobras de cruzadores sob meu comando.

Marcus permaneceu imóvel.

— Também salvou três deles. — Lucius continuou. — E impediu a perda do Valens.

Ele então se virou.

Lucius era mais alto do que Marcus lembrava das projeções. O rosto carregava o desgaste de campanhas que não terminavam. O maxilar parcialmente metálico refletia a luz fria da sala, fundido à carne de forma quase orgânica. Os olhos azuis-escuros avaliavam sem pressa.

— Quem é você agora, Marcus Valerius? — perguntou. — Porque o homem nos registros morreu há meses.

Marcus se surpreendeu por ter sido reconhecido tão rapidamente, mas decidiu sustentar o olhar.

— Um soldado que sobreviveu ao que não deveria.

— Essa resposta costuma preceder problemas. — Lucius inclinou levemente a cabeça. — E você é um problema estatístico grande demais para ignorar.

Ele caminhou lentamente ao redor de Marcus, observando a armadura reforjada, as inscrições alienígenas discretas, a gladius presa ao cinto.

— Isso não é equipamento padrão. — disse. — E não é tecnologia de Yáruk-En.

— Não. — respondeu Marcus. — Não é.

Lucius parou à frente dele.

— Então me diga por que eu não deveria mandar desmontar essa nave, interrogar você até sobrar só o que é útil… e reportar o resto a Roma Aeterna.

O silêncio se estendeu.

Marcus sabia que aquele era o momento.

Não o de força.

O de verdade.

— Porque Roma Aeterna já matou o homem que você respeitava mais do que qualquer outro general. — disse, com cuidado cirúrgico. — Aelius Magnus.

O nome não ecoou.

Caiu.

Como algo pesado demais para fazer barulho.

Lucius não reagiu de imediato.

Não gritou.

Não negou.

Não perguntou "como".

Apenas respirou fundo — uma única vez — e desviou o olhar para o mapa holográfico.

— Cuidado. — disse, por fim. — Existem nomes que não se dizem aqui.

— Ele foi traído. — continuou Marcus, sem recuar. — O ataque aos cruzadores dele não foi acidente. Foi autorizado. Planejado.

Lucius ergueu a mão.

— Chega. — a voz agora tinha aço. — Não vamos falar disso neste espaço. Não com esta audiência. Não agora.

Ele tocou um comando no implante.

— Levem-no para uma cela de contenção. — ordenou. — Nível médio. Sem violência. Nenhuma comunicação externa.

Dois guardas avançaram.

Marcus não resistiu.

Antes de sair, Lucius falou mais uma vez — baixo o suficiente para que apenas ele ouvisse.

— Se isso for mentira… você morre aqui. — Se for verdade… — houve uma pausa mínima. — …então nada do que estamos fazendo neste sistema faz sentido.

CAPÍTULO 14
NO CORAÇÃO DE YÁRUK-EN

As portas se fecharam.

A cela de contenção era limpa, austera, iluminada demais para permitir descanso real. Campos de supressão energética envolviam o espaço, impedindo qualquer ativação anômala. Marcus sentou-se, encostando as costas na parede fria.

Esperou.

Não minutos.

Horas.

Foi quando a porta se abriu novamente — sem alarme, sem escolta.

Lucius entrou sozinho.

Desativou os sensores internos com um gesto rápido.

— Agora. — disse. — Me diga tudo.

Lucius permaneceu de pé por alguns segundos após selar a cela.

Observava Marcus como quem avalia um mapa incompleto — não procurando rotas, mas armadilhas.

— Comece do ponto em que Roma deixou de ser confiável para você. — disse, enfim.

Marcus não romantizou.

Falou da queda do cruzador. Do silêncio orbital que não deveria existir. Da ordem que nunca veio. Falou de Vastara, omitindo detalhes que ainda não pertenciam àquela conversa, mas deixando claro o essencial: o ataque não foi acidental.

— Aelius percebeu tarde demais. — concluiu Marcus. — Quando tentou recuar… já estava isolado.

Lucius fechou os olhos por um instante.

Não em luto.

Em cálculo.

— O relatório oficial diz que ele avançou sem autorização. — murmurou. — Que forçou uma manobra imprudente.

— O relatório incluiu apenas o que o Imperador quis que fosse incluído. — respondeu Marcus.

O general abriu os olhos lentamente.

— Então ele fez comigo também. — disse.

Marcus franziu o cenho.

— Como?

Lucius caminhou até a parede, projetando um mapa secundário. Rotas de suprimento piscavam em amarelo instável.

— Três meses atrás. — começou. — Recebi reforços atrasados. Depois, munição incompleta. Depois, ordens contraditórias. Nada explícito. Nada que pudesse ser provado isoladamente.

Ele apontou para o mapa.

— Esta guerra deveria ter terminado duas vezes. — disse. — E não terminou porque alguém… não quis.

O silêncio voltou a se formar.

— Quando os cruzadores de Aelius caíram… — Lucius continuou, a voz mais baixa — …o Imperador convocou o Senado em sessão extraordinária.

Marcus sentiu um aperto no estômago.

— Declarou ataque rebelde. — disse Lucius. — Disse que Roma estava vulnerável. Que o modelo antigo era lento demais.

Ele riu sem humor.

— Ditador Eterno. — concluiu. — Com aclamação pública. Com apoio de senadores que já tinham seus futuros garantidos.

Marcus ficou imóvel.

— Eu não sabia. — disse, por fim.

— Ninguém fora do cinturão principal de sistemas sabia. — respondeu Lucius. — E os que sabiam… ficaram em silêncio.

Lucius se voltou para Marcus novamente.

— Agora me diga. — disse. — Por que você ainda está vivo?

Marcus sustentou o olhar.

— Porque alguém me salvou, decidiu que eu era mais importante vivo do que morto. — respondeu. — E porque eu não estava mais onde Roma achava que eu estava.

Lucius assentiu devagar.

— Então ele tentou matar dois generais com o mesmo método. — disse. — Falhou comigo, mas não com Aelius.

Ele respirou fundo.

— Ele vai tentar de novo e de novo, até conseguir.

Lucius ativou novamente os sensores da cela — não por necessidade, mas por hábito.

— Oficialmente, você não existe neste cruzador. — disse. — Extraoficialmente… você vai descer comigo para Yáruk-En.

Marcus ergueu o olhar.

— Em que condição?

— Observador. — respondeu Lucius. — Sem insígnias. Sem registros. Se alguém perguntar, você é um especialista destacado de logística.

— E se o Imperador perguntar? — Marcus provocou.

Lucius sorriu de canto.

— Então eu sorrio de volta… e envio você pro cu de Yáruk-En pra continuar lutando esta guerra como se você nunca tivesse me dito nada.

As portas se abriram.

O transporte de descida aguardava, vibrando com energia contida. Do outro lado do visor, Yáruk-En surgia — um mundo verde profundo, cortado por tempestades constantes e colunas de fumaça onde a selva havia sido queimada pela guerra.

— Bem-vindo à guerra eterna. — disse Lucius, entrando na nave. — Se você estiver certo, Marcus Valerius… este planeta não é o campo de batalha.

Marcus seguiu atrás dele.

— É a prova. — respondeu.

A nave começou a romper a atmosfera.

E abaixo deles, Yáruk-En aguardava.

Yáruk-En não recebia visitantes.

Recebia sobreviventes.

A nave atravessou a atmosfera como se estivesse mergulhando em um oceano vivo. As nuvens não eram homogêneas — eram camadas densas de umidade quente, cortadas por descargas elétricas constantes que riscavam o céu em tons verdes e azul-violeta. A gravidade parecia mais pesada do que deveria, como se o próprio planeta exigisse respeito antes de permitir a descida.

Abaixo deles, a selva.

Não uma massa verde contínua, mas um mosaico vivo. Árvores colossais se erguiam como colunas naturais, troncos largos o suficiente para sustentar estruturas inteiras. Entre elas, plataformas suspensas, pontes orgânicas, passarelas metálicas entrelaçadas com raízes vivas. Nada ali parecia puramente natural — nem puramente artificial.

Yáruk-En havia sido construído com o planeta, não sobre ele.

— Eles não derrubam as árvores. — disse Lucius, observando o cenário pelo visor. — Constroem ao redor. Dentro. Em cima.

Marcus permaneceu em silêncio, absorvendo.

As cidades Kár'neth surgiam como camadas verticais: níveis inferiores mergulhados na penumbra da selva, onde vapores quentes subiam do solo; níveis médios vibrantes, cheios de cores, tecidos translúcidos e luzes bioluminescentes; e, acima, estruturas quase etéreas, feitas de materiais que pareciam folhas metálicas, refletindo o céu em padrões irregulares.

Nada ali era simétrico.

Nada era padronizado.

Ainda assim, tudo funcionava.

A base da Legião de Lucius contrastava brutalmente com o ambiente.

Fortificações romanas erguidas em clareiras abertas à força, escudos de energia delimitando perímetros, torres de vigilância substituindo copas derrubadas. O vermelho e dourado do Império pareciam… deslocados. Como uma cicatriz recente em um corpo que ainda sangrava.

— Mantemos isso aqui por necessidade. — disse Lucius, percebendo o olhar de Marcus. — Não por orgulho.

A nave pousou.

O ar era quente, úmido, carregado de aromas vegetais e algo mais metálico — ozônio, combustível, guerra recente. Soldados romanos se moviam entre estruturas improvisadas, armaduras marcadas por lama, fuligem e desgaste contínuo. Não havia a rigidez cerimonial de Roma Aeterna. Aqui, os movimentos eram econômicos. Práticos.

Marcus notou outra coisa.

Kár'neth circulavam pela base.

Não como prisioneiros.

Nem como aliados declarados.

Como uma presença constante e tensa.

Eram altos, os menores pareciam ter um metro e oitenta, esbeltos, a pele em tons terrosos esverdeados marcada por padrões mais claros que lembravam escamas de serpentes. Usavam vestimentas orgânicas em camadas, tecidos vivos que se ajustavam ao corpo como um todo. Alguns carregavam armas ritualísticas. Outros, ferramentas. Muitos observavam os romanos com uma curiosidade contida — não hostil, mas vigilante.

— Eles nos toleram. — disse Lucius. — Não confunda isso com confiança.

Marcus assentiu.

— E vocês toleram eles?

Lucius demorou a responder.

— Nós tentamos não exterminar o que não entendemos. — disse por fim. — Isso já nos coloca em desacordo com o alto comando.

Eles caminharam pela base. Marcus percebeu algo que o incomodou mais do que a guerra em si: a repetição. Soldados feridos entrando. Soldados sãos

saindo. Reparos constantes. Relatórios sendo reescritos. Nenhuma sensação de avanço real.

— Quanto tempo você está aqui? — perguntou.

— Tempo demais para ainda estar vencendo. — respondeu Lucius. — Pouco demais para ter permissão de desistir.

Marcus entendeu o que era a guerra eterna que Lucius tanto citava.

Ao longe, a selva pulsava com vida própria. Criaturas voadoras cruzavam o céu entre plataformas. Sons distantes ecoavam — não alarmes, mas música, cantos rituais, vozes em línguas que Marcus não compreendia, mas sentia.

— Eles vivem apesar da guerra. — murmurou Marcus.

— É isso que os torna perigosos. — disse Lucius. — E respeitáveis.

Eles pararam diante de um mirante improvisado, onde se podia ver uma das cidades já dominadas pela Legião. Mesmo sob ocupação, os Kár'neth mantinham sua identidade: tecidos coloridos pendiam entre estruturas, luzes suaves substituíam holofotes romanos sempre que possível, plantas continuavam crescendo entre placas metálicas.

— Se o que você me contou é verdade… — disse Lucius, finalmente, a voz mais baixa — …nós deveríamos estar indo para Roma Aeterna agora.

Marcus sentiu o peso da frase.

— Deveríamos. — concordou. — Cada dia que passa fortalece o Imperador, mas não acho que seja simples assim.

Lucius apoiou as mãos no parapeito.

— Sim, se eu sair daqui sem autorização, sem uma vitória ou um acordo de paz que seja, só vai reforçar as

suspeitas dele. — disse. — Se eu mover minha frota, ele me executa à distância. Se eu ficar… talvez ele espere.

O silêncio se estendeu.

— Então só há duas opções. — disse Marcus.

Lucius o encarou.

— Ou acabamos esta guerra pela força. — continuou Marcus. — Ou provamos que ela nunca deveria ter existido para nenhum dos lados.

Lucius respirou fundo.

— Você entende bastante de estratégia para alguém que ainda não é general. — disse.

A tensão entre eles não desapareceu.

Mas se reorganizou.

— Vamos sair da base. — disse Lucius, mudando de tom. — Se você quer entender Yáruk-En… precisa vê-la respirando, não sangrando.

Marcus seguiu.

E, pela primeira vez desde que chegara, sentiu que aquele planeta não era apenas um campo de batalha.

Era um ponto de ruptura.

Lucius conduziu Marcus em um veículo de transporte militar para fora do perímetro fortificado por uma passagem lateral, onde o escudo de energia se abria apenas o suficiente para permitir a travessia. Assim que cruzaram, o contraste foi imediato.

A selva engolia o som metálico da base romana.

Levaram um tempo no caminho para a cidade.

Ao chegarem o ar parecia mais leve — não menos úmido, mas menos tenso. A cidade dos Kár'neth dominada pelos romanos se estendia em camadas suspensas, como um organismo em pleno funcionamento. Plataformas curvas se projetavam dos

troncos colossais das árvores, ligadas por pontes flexíveis feitas de um material que lembrava metal vivo, capaz de se contrair e expandir conforme o peso e o movimento.

As construções não competiam com a floresta.

Acompanhavam-na.

Casas, salões e espaços comuns eram moldados diretamente ao redor dos troncos, aproveitando cavidades naturais e raízes espessas como fundação. Lâminas metálicas finíssimas, translúcidas em alguns pontos, refletiam a luz filtrada pelas copas em tons de verde, âmbar e azul profundo. Entre elas, plantas trepadeiras cresciam livremente, guiadas por suportes tecnológicos quase invisíveis, como se a engenharia tivesse aprendido a pedir permissão antes de interferir.

As ruas não eram ruas.

Eram passagens orgânicas, curvas, vivas, pulsando com movimento constante.

Kár'neth circulavam em grupos pequenos, alguns carregando recipientes orgânicos, outros conversando em tons baixos, vozes sibilantes e ritmadas. Quando percebiam os romanos, não recuavam — mas também não se aproximavam demais. Havia uma distância respeitada por ambos os lados, construída não por acordos formais, mas por repetição.

Marcus notou os olhares.

Não eram hostis.

Eram avaliadores.

— Eles sabem exatamente até onde podem ir. — comentou, em voz baixa.

— E nós também. — respondeu Lucius. — É por isso que isso ainda funciona… mais ou menos.

Passaram por um conjunto de plataformas mais largas, onde tecidos coloridos pendiam entre colunas

naturais, ondulando suavemente com a circulação de ar. Luzes bioluminescentes embutidas nas estruturas orgânicas pulsavam em ritmos lentos, quase musicais. O som da cidade se intensificava ali — risadas contidas, instrumentos de cordas vibrando em frequências graves, passos ritmados sobre superfícies flexíveis.

O bar ficava parcialmente suspenso entre três árvores gigantescas, apoiado por raízes grossas que se entrelaçavam como dedos. Não havia portas. Apenas um arco natural, moldado e reforçado, por onde se entrava.

O interior era amplo, circular, com o centro aberto para baixo, revelando níveis inferiores onde a música ecoava mais forte. O ar estava impregnado de aromas doces, terrosos, algo fermentado e algo que Marcus não conseguiu identificar.

Soldados romanos já estavam ali.

Não em formação.

Não em alerta.

Riam, conversavam, alguns sem capacete, guardas parcialmente abertas. Lucius foi recebido com acenos e comentários informais. A tensão que dominava a base parecia dissolver-se naquele espaço — não por esquecimento, mas por necessidade.

Kár'neth fêmeas se moviam entre os níveis, dançando em padrões fluidos, quase hipnóticos. Usavam vestimentas semitransparentes feitas de tecidos vivos que reagiam ao movimento, refletindo luz de maneira sutil. Nada era explicitamente revelador — a sensualidade estava no gesto, no ritmo, na proximidade controlada. Havia algo profundamente cultural ali, algo que não se oferecia ao olhar externo por completo.

Lucius sorriu ao ver duas delas se aproximarem de um grupo de soldados.

— Eles fingem que não gostam daqui. — disse. — Mas quando passam meses presos numa base cercada de selva e guerra. Isso aqui… mantém todo mundo funcional.

Uma das Kár'neth lançou um olhar curioso para Marcus, inclinando levemente a cabeça, os padrões de sua pele se excitando em resposta.

Lucius percebeu.

— Vai ficar aí parado? — provocou. — Ou Vastara deixou você mais sério do que o normal?

Marcus negou com a cabeça.

— Já estou unido a alguém. — disse, simples. — Não seria justo.

Lucius o observou por um segundo a mais do que o necessário, como se tentasse encaixar aquela resposta em algo que ainda não conhecia por completo.

— Então Vastara realmente mudou você. — disse, sem ironia.

Marcus não respondeu.

O som aumentou. A música se intensificou. O bar parecia respirar junto com a cidade.

Então veio a explosão.

Não houve aviso.

Um impacto seco rompeu uma das plataformas laterais, arremessando fragmentos orgânicos e metálicos para dentro do salão. A estrutura flexível absorveu parte do choque, mas não o suficiente para impedir o caos. O chão ondulou violentamente. Gritos cortaram a música.

— Contato! — gritou alguém, já tarde demais.

Kár'neth armados surgiram das passagens inferiores, vestimentas marcadas por símbolos angulares — diferentes dos padrões culturais vistos até então.

Rebeldes. Seus movimentos eram rápidos, coordenados, desesperados.

O primeiro disparo atingiu um soldado romano no peito, atravessando a armadura aberta.

Marcus já estava em movimento.

Ativou a gladius em um reflexo silencioso, a lâmina de energia cortando o ar enquanto ele avançava. O combate explodiu em todos os níveis: mesas viradas, plataformas cedendo, dançarinas se dispersando em corridas fluidas, soldados tentando se reorganizar em um espaço que não permitia formações.

Lucius disparava seu fuzil com precisão controlada, protegendo civis Kár'neth enquanto avançava. Não havia gritos de comando. Apenas decisões rápidas.

Um rebelde tentou alcançar Marcus por trás.

Não conseguiu.

Marcus girou instintivamente com a Gladius em mão.

O golpe foi curto, direto. Sem ódio.

A estrutura gemeu novamente quando uma segunda carga detonou próximo às raízes de sustentação. Parte do nível inferior desabou, levando consigo combatentes de ambos os lados. A música havia cessado por completo. Restavam apenas sons de impacto, respiração forçada e disparos esporádicos.

Então, tão rápido quanto começou, terminou.

Os rebeldes restantes recuaram pelas passagens vivas da cidade, desaparecendo entre níveis que Marcus mal conseguia mapear visualmente. O silêncio que ficou não foi alívio.

Foi choque.

Marcus desligou a lâmina.

Olhou ao redor.

Corpos. Estruturas danificadas. Kár'neth feridos sendo amparados por outros da própria espécie. Soldados romanos imóveis, alguns vivos, outros não.

Lucius aproximou-se, a armadura marcada, o olhar duro.

— Eles sabiam que estaríamos aqui. — disse, baixo. — Como sempre, foi assim que eu ganhei essa placa de metal na cara.

Marcus respirou fundo.

O bar ainda estava de pé.

Mas algo nele havia quebrado de forma definitiva.

Sem dizer mais nada, Lucius fez um gesto curto.

— Vamos voltar para a base.

Enquanto se afastavam, a cidade de Yáruk-En continuava pulsando ao redor deles — ferida, mas viva.

E Marcus teve certeza de uma coisa:

Aquilo não era apenas uma guerra que se recusava a acabar.

Era uma guerra que alguém fazia questão de manter viva.

CAPÍTULO 15
ESTRATÉGIA PERIGOSA

O retorno à base foi silencioso.

Não por ordem, nem por cautela tática — mas por esgotamento. O tipo de silêncio que surge quando ninguém sente vontade de comentar o que acabou de acontecer, porque todos sabem que comentar não muda nada.

O escudo de energia se abriu novamente para recebê-los, fechando-se atrás do grupo com um zumbido grave, quase orgânico. Dentro do perímetro romano, tudo parecia igual a antes do ataque: sentinelas em seus postos, técnicos ajustando campos defensivos, drones patrulhando o céu úmido da selva. A diferença estava nos rostos.

Soldados olhavam para Marcus e Lucius com uma mistura de respeito e expectativa contida. O ataque no bar já havia se espalhado pela base em fragmentos de relatos, distorcidos ou não. Sempre se espalhava.

Lucius caminhava à frente, passos firmes, mas o maxilar travado denunciava tensão. Não era raiva. Era cálculo.

Eles entraram em uma estrutura modular usada como sala de comando avançada — menos imponente que qualquer sala em Roma Aeterna, mas funcional. Hologramas projetavam mapas da selva, áreas de controle, zonas de conflito que mudavam pouco, mesmo após semanas de ofensivas.

Lucius dispensou os oficiais com um gesto curto.

— Preciso de alguns minutos. — disse. — Se algo realmente explodir, vocês vão saber.

Quando ficaram a sós, o general ativou um campo de privacidade. O som externo desapareceu de imediato, substituído por um silêncio artificial.

Lucius se apoiou na mesa holográfica.

— Aquilo no bar… — começou, mas parou. Respirou fundo. — Não foi um ataque aleatório.

Marcus cruzou os braços, o olhar fixo nos mapas.

— Eles sabiam exatamente onde estaríamos. — disse. — E quando.

Lucius assentiu.

— Como sempre. — respondeu. — Essa é a parte que ninguém em Roma quer ouvir.

Ele ajustou o holograma. Novas camadas surgiram: símbolos angulares, distintos das marcações Kár'neth tradicionais.

— Existem pelo menos quatro grandes facções rebeldes. — explicou. — Algumas genuinamente ideológicas. Outras… oportunistas. Jovens líderes Kár'neth que agem por não concordar com o governante atual. Querem poder, não paz.

— E ainda assim… — Marcus inclinou a cabeça — …todas parecem bem informadas demais.

Lucius soltou um riso curto, sem humor.

— Exatamente.

Ele ampliou outra projeção: rotas de suprimento, zonas de combate recorrentes, padrões de retirada.

— Usamos tudo. — disse. — Ataques orbitais cirúrgicos. Disparos de laser de cruzadores. Gases neurotóxicos adaptados à fisiologia deles. Incursões noturnas. Emboscadas profundas. — Olhou para Marcus. — Qualquer outro inimigo já teria colapsado.

— Mas eles não colapsam. — completou Marcus.

— Não. — Lucius confirmou. — Eles se adaptam. Antecipam. Fogem segundos antes. Reaparecem onde não deveriam ter recursos.

Lucius deslizou os dedos pelo console, ativando um registro antigo.

— Perdi três coortes inteiras em operações que deveriam ter sido limpas. — disse, a voz mais baixa. — Sempre pelo mesmo motivo: alguém do outro lado sabia demais.

Marcus sentiu um peso familiar se formar no peito.

— Você suspeita do Imperador. — disse, sem rodeios.

Lucius não respondeu de imediato.

— Suspeitar é uma palavra fraca. — disse por fim. — Tenho certeza de que alguém no alto comando abastece essas facções. Armas. Informação. Tecnologia suficiente para manter a guerra… viva.

Ele encarou Marcus.

— Não para vencê-la. Para prolongá-la.

O silêncio que se seguiu foi mais pesado do que qualquer explosão no bar.

— Uma guerra que nunca termina… — murmurou Marcus.

— É perfeita. — disse Lucius. — Justifica minha permanência aqui. Justifica o controle central. Justifica

o medo. — Fez um gesto vago. — E, agora, justifica um Ditador Eterno.

Marcus se aproximou do mapa, observando as zonas de conflito que se repetiam como feridas abertas.

— Então você está preso. — disse. — Se vencer rápido demais, chama atenção. Se perde, vira descartável. Se continua… alimenta o sistema.

Lucius assentiu lentamente.

— Roma sempre foi boa em criar armadilhas elegantes. — disse. — Essa é uma das melhores.

Marcus ficou em silêncio por alguns segundos, organizando pensamentos que vinham se formando desde Vastara, desde antes disso.

— Você já considerou… — começou, escolhendo as palavras — …que vencer essa guerra talvez não signifique derrotar os rebeldes?

Lucius franziu o cenho.

— Explique.

Marcus tocou uma das projeções, ampliando a região onde ficava o palácio do líder Kár'neth.

— Se o conflito é mantido artificialmente por Roma e não pelo líder dos Kár'neth… então expor isso pode ser mais devastador do que qualquer ataque orbital. — disse. — Não só para os rebeldes, mas para quem os sustenta e também para o líder local.

Lucius cruzou os braços.

— Revelar a conspiração e costurar um acordo de paz. — disse, lentamente. — Não imposto. Comprovado.

— Um acordo que retire a justificativa da guerra. — completou Marcus. — Que mostre que ela nunca foi necessária.

Lucius soltou o ar com força.

— Você sabe o que isso significaria. — disse. — Se eu permitir isso… se eu apoiar isso… o Imperador não vai esperar provas. Vai agir.

— Eu sei. — respondeu Marcus. — Mas continuar assim também é agir a favor dele.

Lucius sustentou o olhar de Marcus por um longo momento. Não havia mais desconfiança ali. Havia algo mais perigoso.

Consideração.

— Se fizermos isso… — disse o general — …não pode ser por canais oficiais. Nem com tecnologia romana padrão. Eles monitoram tudo.

Marcus assentiu.

— Então não usamos nada romano. — disse.

Lucius arqueou levemente a sobrancelha.

— Está sugerindo o quê, exatamente?

Marcus olhou novamente para o mapa de Yáruk-En. Para a selva. Para as rotas invisíveis entre plataformas. Para aquilo que Roma jamais conseguiu controlar completamente.

— Que usemos o próprio planeta contra a mentira. — disse. — Mas isso exige preparação. Informação. Pessoas certas.

Lucius desligou o holograma.

— Então ainda não estamos falando de execução. — disse. — Estamos falando de possibilidade.

— Sim. — respondeu Marcus. — Pela primeira vez, de verdade.

Lucius caminhou até a abertura da estrutura, observando a selva além do escudo de energia. A cidade pulsava à distância, ferida, mas viva.

— Muito bem. — disse, finalmente. — Vamos pensar nisso com calma. Se errarmos… não haverá retorno.

Marcus aproximou-se e ficou ao lado dele.

— Algumas travessias não permitem retorno. — disse. — Mas impedem que tudo fique estático no mesmo lugar.

Lucius não respondeu.

Mas não se afastou.

A reunião aconteceu três ciclos depois do ataque ao bar.

Não foi anunciada.

Não constou em registros oficiais.

E nenhum dos participantes entrou pela mesma rota.

Lucius escolheu uma câmara secundária da base — antiga, improvisada, quase esquecida pelos sistemas centrais. As paredes eram revestidas por camadas de material absorvente, projetadas originalmente para conter ruídos de explosões internas. Agora, serviam para algo mais valioso: silêncio.

Quando Marcus entrou, o campo de isolamento já estava ativo.

Havia oito pessoas ali.

Quatro oficiais romanos de confiança absoluta de Lucius — homens e mulheres que já deveriam estar mortos segundo relatórios imperiais — e três Kár'neth. dois permaneciam imóveis, as mãos longas cruzadas à frente do corpo, olhos atentos, mas não submissos. Porém o que mais chamou a atenção de Marcus foi ver de perto a estrutura orgânica que se assemelhava a uma grande lâmina saindo dos braços esquerdos dos Kár'neth presentes. A outra figura estava em volta em um poncho característico dos Kár'neth, que parecia metálico e orgânico ao mesmo tempo, por debaixo do capuz a única coisa que Marcus podia perceber era que possuía uma coloração diferente dos outros dois.

Lucius aguardou até que todos estivessem posicionados.

— O que for dito aqui não existe fora desta sala. — começou. — Não será transmitido, arquivado ou repetido. Quem sair daqui com dúvidas, sai também com o risco de ser executado por Roma… ou por mim.

Ninguém falou.

Lucius ativou o holograma central.

A selva de Yáruk-En desapareceu, substituída por uma projeção estelar.

— Viridis Profundus. — disse. — Um dos corredores naturais mais estáveis desta região da galáxia.

Linhas luminosas se estendiam a partir do sistema, conectando-o a dezenas de rotas comerciais, militares e migratórias.

— Quem controla este ponto… — continuou — …controla o fluxo entre três quadrantes. Suprimentos, frotas, colonização.

Marcus entendeu imediatamente.

— O Imperador não quer apenas vencer aqui. — disse. — Quer permanecer.

Lucius assentiu.

— Quer transformar Yáruk-En em uma província romana plena. — disse. — Colonos. Cidades modulares. Cidadania seletiva. — Pausou. — E a substituição gradual da cultura Kár'neth por algo… mais funcional.

Um dos Kár'neth presentes emitiu um som baixo, quase imperceptível.

— A guerra começou entre eles há anos. — continuou Lucius, mudando a projeção. — Oficialmente, por conflitos territoriais. Na prática…

Novos marcadores surgiram.

— …por pressão política interna entre eles.

Três símbolos se destacaram no mapa.

— Facção Sae'Kaorr. — disse Lucius. — Tradicionalistas radicais. Acreditam que qualquer convivência com Roma é corrupção cultural.

— Facção Velin'Shanar. — continuou. — Jovens estrategistas. Querem derrubar o atual líder e negociar

diretamente com o Império, acreditando que sairão no controle.

— E a terceira… — Lucius hesitou por um instante. — Naeth'Ul. Mercadores de guerra. Não lutam por ideologia. Lutam por influência. Foram os primeiros a receber armamento… externo.

Marcus cruzou os braços.

— Romano. — disse.

— Imperial. — corrigiu Lucius. — Não romano no sentido que aprendemos.

Ele ampliou outro ponto.

— No centro de tudo isso está o líder Kár'neth. — disse. — Aquele que Roma nunca conseguiu quebrar.

A imagem mudou.

Uma árvore colossal surgiu no holograma.

Não uma árvore comum — mas algo que parecia mais antigo que o próprio planeta. O tronco era largo como uma cidadela, a copa se estendia por quilômetros, sustentando plataformas naturais, estruturas orgânicas e fortalezas vivas entrelaçadas aos galhos.

— **Ruuhin'Shae-Kael**. — disse Lucius.

O nome ecoou na sala.

— "Aquele que Escuta o Planeta". — traduziu um dos Kár'neth presentes, a voz baixa, firme.

— Ele governa há tanto tempo que os Kár'neth parecem não se lembrar mais do seu antecessor — continuou Lucius. — Não governa por força bruta. Por consenso. Por paciência. — Olhou para Marcus. — E por isso é odiado por quem quer guerra rápida… e por quem lucra com ela.

A projeção se aproximou do palácio.

— O Palácio-Raiz. — disse Lucius. — Crescido junto à árvore. Não construído. Moldado ao longo de gerações.

Camadas defensivas surgiram no holograma:

— Guarda ritual permanente.

— Patrulhas móveis orgânicas.

— Sistemas de ocultação que confundem sensores romanos.

— E, acima de tudo… — Lucius pausou — …respeito popular absoluto.

— Um ataque direto seria um massacre. — disse Marcus.

— Para ambos os lados. — confirmou Lucius. — E exatamente o tipo de coisa que o Imperador adoraria ver transmitida.

Lucius desligou o mapa.

— É por isso que nunca tentamos chegar até ele. — disse. — Até agora.

Marcus deu um passo à frente.

— Se a guerra é sustentada por mentiras… — disse — …então precisamos falar com quem ainda pode encerrar isso sem sangue.

Lucius o encarou longamente.

— Para isso, não podemos ser vistos como romanos. — disse.

— Nem detectados como tal. — completou Marcus.

Um dos Kár'neth presentes descruzou os braços.

— Nossas naves são quase mentes orgânicas e se comunicam diretamente com os sistemas de defesa do planeta. — disse, em tom neutro. — Mas não obedecem a qualquer um.

Lucius respirou fundo.

— Então vamos precisar de três coisas. — disse, retomando o controle da sala.

Ergueu um dedo.

— Uma nave Kár'neth. Invisível aos radares imperiais e que converse com os sistema de defesa do planeta.

Segundo dedo.

— Um piloto que atravesse rotas que Roma não reconhece.

Terceiro.

— Um grupo pequeno o suficiente para não parecer uma invasão… e forte o bastante para não morrer no caminho.

O silêncio que se seguiu não foi de dúvida.

Foi de aceitação.

Marcus sentiu, com clareza desconfortável, que aquele era o momento exato em que havia deixado de ser apenas um sobrevivente de Vastara.

Ele estava, agora, no centro de algo que podia reescrever a história de Roma.

CAPÍTULO 16
INVASÃO AO PALÁCIO

O silêncio após as palavras de Lucius não foi quebrado de imediato.

Não por hesitação — mas porque todos ali compreendiam o peso do que havia sido colocado sobre a mesa. Não se tratava mais de conjectura estratégica. Tratava-se de cruzar limites que Roma considerava imutáveis.

Foi um dos Kár'neth que falou primeiro.

Ela estava até então posicionada próxima à parede da câmara, parcialmente envolta pelas sombras projetadas pelo campo de isolamento e por seu poncho Kár'neth. Diferente dos outros dois, sua postura não era marcial. Não trazia armas visíveis, sua lâmina orgânica não parecia estar em posição de prontidão. Seus movimentos eram contidos, calculados, como se cada gesto tivesse sido treinado para não parecer ameaça.

Quando avançou um passo, a luz revelou melhor seus traços.

Era mais alta que Marcus, esguia mesmo para os padrões Kár'neth. A pele apresentava tons mais claros, quase dourados, com padrões delicados que se acendiam suavemente conforme ela se movia. Seus

olhos eram grandes e opacos, refletindo o holograma ainda residual no ar.

— Há outra condição. — disse ela, em um tom firme, mas sem desafio.

Lucius voltou-se lentamente em sua direção.

— Fale. — disse.

Ela inclinou levemente a cabeça — não em submissão, mas em reconhecimento do espaço.

— Se forem até o Palácio-Raiz… — começou — …não podem matar ninguém.

Um dos oficiais romanos franziu o cenho.

— Isso não é uma incursão diplomática. — disse. — É uma zona de guerra.

Ela não se abalou.

— É justamente por isso que a guerra não termina. — respondeu. — Cada morte que acontecer dentro da árvore vai fortalecer as facções que vocês chamam de rebeldes.

Marcus observava em silêncio.

— Quem é você? — perguntou Marcus, finalmente.

Ela sustentou o olhar.

— **Thaen'Ria**. — disse. — Voz de Mediação de Ruuhin'Shae-Kael.

O nome percorreu a sala como uma corrente silenciosa.

— Diplomacia. — murmurou um dos oficiais.

— Sobrevivência. — corrigiu Thaen'Ria. — A diplomacia é apenas a forma que encontramos de continuar existindo quando a força deixa de funcionar.

Lucius cruzou os braços.

— Eu te trouxe aqui porque você foi o mais longe que conseguimos chegar na hierarquia dos Kár'neth. — disse. — E também porque sua posição extraoficial

sempre foi que essa guerra sem fim havia sido plantada por fatores externos.

— Vejo que você tem espiões além dos que estão nesta sala — respondeu firme.

— Alguns — disse. — Sendo bem sincero, até poucos meses atrás eu achava que você era só mais uma alien maluca que odiava Roma Aeterna.

Os dois Kár'neth que estavam sentados se levantaram ameaçadoramente ao ouvir a fala de Lucius.

Lucius levantou uma das mãos em gesto de apaziguamento.

— Mas após a sabotagem clara que aconteceu há três meses. — disse com calma — E tudo que Marcus me informou, devo dizer que me arrependo de não ter te dado crédito.

— Isso não importa mais — respondeu. — Eu preferia resolver isso por diplomacia direta, mas Ruuhin'Shae-Kael se blindou por conta das facções. Nem mesmo eu consigo mais contato direto com ele.

— Não vejo outra opção senão uma "audiência" forçada. — continuou.

— Mas você ainda tem acesso ao palácio. — disse, não como pergunta.

— Não mais ao palácio, tenho acesso ao que ocorre dentro dele. — respondeu ela. — Rotas. Horários. Ritmos de Crescimento. — Pausou. — Não mapas. O Palácio-Raiz não pode ser mapeado como uma fortaleza romana.

Ela estendeu uma das mãos longas, e os padrões de sua pele pulsaram em resposta.

— A árvore muda. Respira. Reorganiza seus próprios caminhos.

Marcus sentiu um arrepio que nada tinha a ver com medo.

— E por que nos ajudar? — perguntou.

Thaen'Ria voltou o olhar para ele.

— Porque já vi o fim que Roma está preparando para Yáruk-En. — disse. — Colonização não é coexistência. É substituição. — Inclinou a cabeça levemente. — E porque Ruuhin'Shae-Kael ainda acredita que pode vencer essa guerra, mesmo que demore séculos. E eu sei que não é verdade.

— E como sabemos que Ruuhin'Shae-Kael não é quem está recebendo ajuda do Imperador? — perguntou Marcus com tom cauteloso.

— Bastante improvável — respondeu Lucius — todas situações suspeitas aconteceram com grupos relacionados às facções.

Lucius então caminhou lentamente até a mesa.

— Mas se você, Thaen'Ria, está aqui… — disse — …já traiu alguém.

— Traí os que querem uma guerra "sem fim", mas que quando for conveniente irá acabar e acabará com o meu povo escravo. — respondeu Thaen'Ria.

O silêncio voltou a se instalar.

Lucius respirou fundo.

— Então temos mais uma variável. — disse. — Uma que pode nos levar até o centro disso sem disparar um único tiro.

Ele olhou para Marcus.

— Mas isso muda tudo. — continuou. — Um erro, um reflexo errado… e não haverá segunda tentativa.

Marcus assentiu.

— Não viemos até aqui para repetir os mesmos métodos. — disse. — Se entrarmos como assassinos, confirmamos a narrativa do Imperador.

Thaen'Ria observou Marcus por um instante mais longo.

— Então você entende. — disse.

Lucius ativou novamente o holograma, agora reduzido, mais íntimo.

— Muito bem. — disse. — Vamos redefinir os parâmetros.

Ele começou a listar, com precisão cirúrgica:

— Uma nave Kár'neth, integrada aos sistemas do planeta.

— Um piloto que não responda a legiões romanos e nem nativas.

— Um grupo reduzido: apenas para infiltração tática.

— E uma mediadora com acesso interno… — olhou para Thaen'Ria — …que garanta que essa travessia não custe vidas.

Lucius desligou o holograma.

— Ainda não é um plano completo. — disse. — Talvez seja um risco calculado.

Marcus sentiu, mais uma vez, aquela sensação familiar: o ponto exato onde não era mais possível fingir neutralidade.

— Então vamos transformá-lo em plano. — disse.

Thaen'Ria inclinou a cabeça.

— A árvore escuta. — disse. — Mas abre caminhos para quem não chega como predador.

Lucius encarou Marcus.

— A partir daqui, não há proteção imperial. — disse. — Nenhuma autoridade. Nenhuma absolvição futura.

Marcus sustentou o olhar.

— Roma nunca absolveu quem muda o curso da história. — respondeu. — Apenas quem a escreve depois.

O campo de isolamento permaneceu ativo.

Mas, naquele momento, já não era ele que mantinha aquela reunião secreta.

Era a decisão que acabara de ser tomada ali, por todos.

O piloto não foi trazido à reunião.

Lucius fez questão disso.

— Quanto menos pessoas souberem antes da hora… — disse, enquanto caminhavam pelos corredores internos da base — …menos corpos teremos de enterrar depois.

A câmara de isolamento havia sido deixada para trás, mas o peso da decisão seguia com eles. Marcus caminhava ao lado do general, sentindo a mudança sutil na dinâmica ao redor. Soldados ainda cumprimentavam Lucius com respeito automático, mas os olhares lançados a Marcus eram diferentes agora. Mais atentos. Mais cautelosos.

Eles pararam diante de uma plataforma secundária, próxima à borda do perímetro romano.

Do outro lado do escudo, a cidade de Yáruk-En se espalhava em camadas vivas, iluminada por tons bioluminescentes que pulsavam em ritmos orgânicos. Aquela região não era exatamente controlada pela Legião — era tolerada.

Lucius ativou um projetor portátil, discreto.

— O piloto se chama Kaeth'Ruun. — disse.

A imagem que surgiu não era um retrato formal. Era um registro fragmentado: Kaeth'Ruun em diferentes ângulos, em ambientes distintos da selva, às vezes sozinho, às vezes acompanhado por outros Kár'neth.

— Navegador de rotas profundas. — continuou Lucius. — Não pertence a nenhuma facção. Isso, por si só, já o torna suspeito para todos.

— E por que ainda está vivo? — perguntou Marcus.

— Porque ele entrega resultados. — respondeu Lucius. — Transporta pessoas e cargas por caminhos que simplesmente… não existem para nossos sensores. Já o seguimos com drones imperiais. Perdemos todos.

— Thaen'Ria diz que Kaeth'Ruun escuta a selva. — disse, por fim. — Não no sentido ritual. No sentido prático. Ele sente quando o planeta permite passagem… e quando não.

Lucius fechou o holograma.

— Ela conseguiu marcar uma "conversa" entre nós e ele. — disse. — Ele não trabalha para Roma. E não trabalha para o Conselho das Facções. Trabalha por acordos curtos e claros.

— Então teremos que convencê-lo. — disse Marcus.

— Não. — respondeu Lucius. — Teremos que não mentir.

Marcus ergueu levemente a sobrancelha.

— Isso costuma funcionar?

— Com ele? — disse. — Pelas informações que temos, é a única coisa que funciona.

Eles atravessaram o limite da base por uma rota lateral, acompanhados apenas por dois soldados romanos de confiança de Lucius. Nenhum estandarte. Nenhuma formação. Apenas armas escondidas e postura relaxada o suficiente para não parecer ameaça — mas não indefesa.

A área onde Kaeth'Ruun operava ficava em um nível intermediário da cidade, onde plataformas se projetavam sobre um vazio profundo, sustentadas por raízes grossas e estruturas flexíveis. Ali, o movimento era constante, mas silencioso. Pequenas naves orgânicas repousavam encaixadas nos galhos, como criaturas adormecidas.

Kaeth'Ruun estava ajoelhado ao lado de uma delas.

Thaen'Ria estava mais distante envolta em sombras.

A nave não se parecia com nada que Marcus já tivesse visto de perto. Não tinha linhas definidas nem superfícies rígidas. Sua estrutura lembrava um casulo alongado, com placas orgânicas sobrepostas, pulsando levemente sob a luz ambiente. Não havia motores visíveis — apenas fendas sutis que se abriam e fechavam, como brânquias.

Kaeth'Ruun ergueu a cabeça antes mesmo de perceberem sua presença.

— Vocês caminham pesado demais para quem quer passar despercebido. — disse, sem se virar completamente.

Sua voz era grave, mas calma.

Marcus trocou um olhar rápido com Lucius.

Thaen'Ria deu um passo à frente.

— Como eu havia dito, precisamos atravessar caminhos que Roma não reconhece. — disse. — E voltar vivos.

Kaeth'Ruun se levantou lentamente. Era alto, o corpo coberto por marcas naturais que lembravam mapas irregulares. A lâmina orgânica em seu braço esquerdo estava retraída, mas visível sob a pele.

Ele olhou para Lucius.

— Romanos costumam pedir isso apontando armas. — disse.

— Hoje não. — respondeu Lucius. — Hoje estamos só pedindo.

Kaeth'Ruun voltou o olhar para Marcus.

— E você? — perguntou. — Ainda cheira a Roma… mas não parece com ela.

Marcus sustentou o olhar.

— Não estamos indo para destruir o Palácio-Raiz. — disse. — Nem para tomar território. — Pausou. — Queremos falar com Ruuhin'Shae-Kael antes que o

Império transforme este planeta em mais um nome em seus registros coloniais.

O silêncio que se seguiu foi denso.

Kaeth'Ruun observou cada um deles, demorando-se um pouco mais em Thaen'Ria.

— Você sabe o preço disso. — disse a ela.

— Sei. — respondeu. — E estou disposta a pagá-lo.

Ele voltou-se para a nave, pousando a mão sobre a superfície viva. A estrutura respondeu com um brilho suave, quase imperceptível.

— Esta nave não é roubada. — disse. — Ela escolhe.

Marcus sentiu o peso da frase.

— Então deixe que ela escute. — disse. — E decida.

Kaeth'Ruun permaneceu imóvel por alguns segundos.

Então assentiu, lentamente.

— Reúnam quem vai com vocês. — disse. — Poucos. Silenciosos. — Olhou diretamente para Marcus. — E sem a intenção de matar.

Lucius soltou o ar, sem perceber que o segurava.

— Quando? — perguntou.

Kaeth'Ruun encarou a cidade viva ao redor.

— Quando a selva mudar de ritmo. — respondeu. — Não será hoje. Mas em breve.

Ele se afastou da nave e começou a caminhar.

— Avisarei quando for a hora. — disse, sem olhar para trás. — Até lá… decidam se realmente querem continuar com isso.

Marcus observou a nave orgânica pulsar lentamente.

Ele já sabia a resposta.

O caminho de volta foi mais lento.

Não porque precisassem ser cautelosos — mas porque ninguém queria ser o primeiro a falar. A cidade de Yáruk-En seguia pulsando ao redor deles, indiferente à decisão que acabara de ser tomada em silêncio. Luzes bioluminescentes se acendiam e se apagavam em ciclos suaves, como uma respiração coletiva.

Quando atravessaram novamente o limite do escudo romano, Marcus teve a impressão incômoda de que algo ficava para trás. Não um lugar. Uma proteção.

Lucius quebrou o silêncio apenas quando já estavam longe o suficiente para não serem ouvidos.

— Ele aceitou porque sabe que essa é a última chance. — disse. — Não para nós. Para o planeta.

— Ou porque sabe que, se falharmos, a guerra continuará exatamente como está e isso pode beneficia-lo — respondeu Marcus.

Lucius assentiu.

— É... pode ser. — disse. — Mas vamos ter que arriscar.

De volta à base, não convocaram oficiais. Não abriram comunicados. Lucius chamou apenas três nomes — soldados que não constavam mais nas listas oficiais do alto comando. Veteranos de campanhas longas demais, homens e mulheres que aprenderam a sobreviver mais pelo julgamento do que pela obediência cega.

— Quatro pessoas. — disse Lucius, quando o grupo mínimo se formou. — Cinco, contando Thaen'Ria. Mais do que isso chama atenção. Menos do que isso morre rápido demais.

Um dos soldados franziu o cenho.

— E você, general? — perguntou. — Vai liderar em campo?

Lucius demorou a responder.

— Não. — disse por fim. — Minha função agora é manter esta frente respirando. Se eu desaparecer, o Imperador saberá em horas.

O soldado assentiu, sem questionar.

Lucius voltou-se para Marcus.

— Isso coloca você na linha de frente. — disse. — Sem patente formal. Sem respaldo político.

Marcus sustentou o olhar.

— Vastara já me ensinou como é lutar sem nada disso. — respondeu.

Lucius respirou fundo.

— Então agora é com você.

A preparação começou sem cerimônia.

Foram conduzidos a um compartimento que não constava nos mapas padrão da base — um módulo técnico antigo, adaptado para testes de equipamentos experimentais. Quando as luzes se acenderam, Marcus viu os trajes dispostos em suportes verticais.

E parou por um instante. PONTO

Eram armaduras furtivas de perfil baixo, compostas por duas camadas distintas. A inferior era uma segunda pele flexível, escura, com fibras responsivas que se ajustavam ao corpo com precisão cirúrgica. Sobre ela, placas leves de armadura futurista cobriam quase todo o corpo — não maciças, mas articuladas, projetadas para absorver impacto sem restringir movimento.

Azul-escuro.

O mesmo tom profundo das armaduras romanas que Marcus usara por anos — mas aqui, sem ostentação. Os detalhes dourados eram mínimos, quase simbólicos, aplicados apenas em pontos estruturais, como se

lembrassem a quem vestia de onde vinha… sem anunciá-lo ao mundo.

Haviam também armas dispostas em mesas, armas prontas para atordoar, não matar.

Pôde ver também mantos de camuflagem.

Tecidos de camuflagem ativa, semelhantes aos que Marcus e Padameg haviam usado na invasão à mansão do Barão. O material parecia líquido quando em repouso, mas reagia instantaneamente ao ambiente, quebrando silhuetas, absorvendo luz, confundindo sensores.

Marcus passou a mão pelo tecido.

Por um breve momento, lembrou-se de Padameg surgindo das sombras, silenciosa, impossível de fixar o olhar. Não como uma memória nostálgica — mas como uma imagem viva bailando diante de seus olhos.

— Esses mantos não são romanos. — comentou.

— Não completamente. — respondeu Lucius. — Foram adaptados. O planeta não tolera agressão direta aos seus sensores vivos. Qualquer coisa muito rígida ou ostensiva… é rejeitada.

Marcus assentiu.

Outro suporte revelou os óculos táticos.

Eram pesados e experimentais, de design híbrido — algo entre os óculos de realidade virtual de Roma Aeterna e tecnologia alienígena Kár'neth. As lentes, no mesmo azul-escuro da armadura, exibiam interfaces discretas quando ativadas: leitura de terreno, variação térmica, campos de energia orgânicos, rotas mutáveis.

— Eles não mostram mapas fixos. — explicou um dos técnicos. — Só tendências. O resto… vocês terão que sentir.

Marcus colocou o conjunto nas mãos.

— Isso não é uma invasão ostensiva. — disse. — É uma infiltração furtiva.

Deixando claro o objetivo da missão.

Lucius assentiu.

— E o traje reflete isso. — disse. — Vocês não vão como legião. Nem como assassinos.

O grupo começou a se equipar em silêncio.

Quando terminaram, Marcus teve a estranha sensação de que não estava vestindo uma armadura — e sim uma segunda pele, parte romana parte Kár'neth.

Horas depois, quando o ciclo da base se aproximava do fim, um sinal discreto surgiu nos comunicadores.

Não era um alarme.

Era um pulso.

Curto. Irregular. Vivo.

Marcus ergueu o olhar para além do escudo, em direção à selva.

As luzes bioluminescentes da cidade haviam mudado de ritmo.

— É agora. — disse Thaen'Ria, surgindo da penumbra. — A árvore abriu caminho.

Marcus sentiu o coração acelerar, não por medo, mas por clareza.

O momento da espera havia terminado.

CAPÍTULO 17
RUUHIN'SHAE-KAEL

A nave aguardava fora do perímetro romano.

Não pousada.

Suspensa.

Ela parecia mais um organismo em repouso do que um veículo. As placas orgânicas pulsavam em um ritmo lento, quase respiratório, reagindo à presença do grupo conforme se aproximavam. Kaeth'Ruun aguardava ao lado da abertura viva, os braços cruzados, o olhar atento.

— Entrem um por vez. — disse. — Ela reconhece intenção antes de reconhecer peso.

Marcus foi o último a atravessar.

O interior era estreito, mas não claustrofóbico. Superfícies curvas, levemente quentes ao toque, com veios de luz suave correndo sob a "pele" da nave. Não havia assentos tradicionais — apenas depressões orgânicas que se moldavam ao corpo quando alguém se acomodava.

Quando a abertura se fechou atrás deles, não houve som metálico.

Apenas um selamento macio, definitivo.

A nave começou a se mover sem trancos.

— Antes que avancemos mais. — disse Marcus, quebrando o silêncio — …preciso dizer algo.

Thaen'Ria voltou-se para ele.

— Você não deveria estar aqui. — continuou. — Não dessa forma. Se algo der errado…

— Se algo der errado — interrompeu ela, com calma — Ruuhin'Shae-Kael não ouvirá ninguém vestido de azul romano, mesmo que cheguem vivos à sala do trono.

Marcus fechou os olhos por um instante.

— Eu sei. — disse. — E é exatamente isso que me preocupa.

Ela se aproximou um pouco mais.

— Minha presença não é um risco adicional, todo Kár'neth é um combatente feroz. — disse. — E eu sou a única chance real de diálogo. Sem mim, vocês seriam apenas invasores...

Marcus assentiu lentamente.

— Então vamos garantir você chegue até onde precisamos e que ele escute. — disse.

Marcus ativou um campo de projeção nos óculos táticos da equipe. Pequenos hologramas surgiram entre eles — dados condensados, registros interceptados, transmissões fragmentadas.

— Revisem agora. — disse. — Se o que Kaeth'Ruun disse for verdade, depois que cruzarmos o limite vivo, qualquer distração poderá ser… sentida.

Kaeth'Ruun assentiu.

Marcus percorreu os registros.

Rotas de suprimento marcadas como "inexistentes".

Assinaturas energéticas imperiais mascaradas. Comunicações cifradas entre agentes do Imperador e líderes das facções Sae'Kaorr, Velin'Shanar e Naeth'Ul.

— Está tudo aqui. — murmurou um dos soldados. — Armas. Informações. Ordens indiretas.

— Não para vencer. — disse Marcus. — Para estender a guerra.

Thaen'Ria observava em silêncio.

— O próximo passo… — continuou Marcus — …seria derrubar Ruuhin'Shae-Kael. Colocar um líder jovem. Instável. Dependente de Roma.

Ela fechou os olhos.

— Eu suspeitava. — disse. — Mas suspeita não sustenta paz. Prova… talvez sustente.

Kaeth'Ruun se virou para eles por um momento.

— Estamos nos aproximando do limite sensorial. — disse. — A partir daqui, Roma deixa de nos ver.

Marcus interrompeu a projeção.

— Briefing concluído — disse.

Marcus sentiu uma leve pressão no corpo — não física, mas perceptiva. Como se algo os estivesse atravessando, avaliando.

— Trajes ajustados. — disse Marcus. — Mantos ativos.

O grupo obedeceu.

No exterior, além da nave, os sensores imperiais registraram uma última leitura instável.

Depois, nada.

Nos consoles da base romana, a nave simplesmente deixou de existir.

Sem explosão.

Sem assinatura residual.

Sem rastro.

Ao mesmo tempo, do lado de fora, a selva reagiu.

Raízes grossas se deslocaram lentamente, fechando passagens aéreas naturais. Folhagens densas se reorientaram, ocultando plataformas suspensas. As luzes bioluminescentes mudaram novamente de ritmo, dissolvendo caminhos visuais que haviam guiado a nave até ali.

O último trajeto visível se fechou como uma pálpebra.

Dentro da nave, Marcus sentiu algo que não era medo.

Era compromisso.

Yáruk-En havia aceitado a travessia.

A nave desacelerou sem qualquer mudança brusca.

Não houve aviso sonoro.

Apenas uma alteração quase imperceptível na pressão do ar vivo ao redor deles.

— Estamos sobre o território do Palácio-Raiz. — disse Kaeth'Ruun. — Daqui em diante, ela não pode nos levar mais perto.

Uma abertura se formou na lateral da nave, não como uma porta, mas como uma separação cuidadosa da matéria viva. O vento quente da selva entrou em ondas suaves, carregado de aromas úmidos e elétricos.

Abaixo deles, o mundo.

A árvore colossal erguia-se como um eixo do planeta. O tronco, largo como uma fortaleza ancestral, subia até desaparecer entre nuvens densas, enquanto raízes ciclópicas se espalhavam pelo solo, formando pontes naturais, salões abertos, caminhos suspensos e

abismos vivos entrelaçados por cipós grossos como colunas.

Não havia muralhas.

A própria selva era a defesa.

— Salto em trinta segundos. — disse Marcus.

Os paraquedas futuristas estavam compactados nas costas, integrados aos mantos de camuflagem. Não eram simples tecidos de desaceleração — eram superfícies reativas, capazes de ler correntes de ar, campos energéticos orgânicos e até variações térmicas da copa da árvore.

— Lembrem-se. — disse Marcus, a voz firme — Controle, não eliminação. Choque, pulso, contenção.

Todos assentiram.

Thaen'Ria aproximou-se dele.

— O primeiro anel defensivo não é feito de guardas. — disse. — É feito de radares orgânicos. Se descermos muito rápido… o Palácio percebe.

Marcus ajustou os óculos táticos.

— Então descemos como organismos e não soldados. — disse.

O salto aconteceu.

Sem contagem regressiva.

Sem heroísmo.

A nave simplesmente deixou de sustentá-los.

O mundo girou por um instante, e então os mantos se abriram, dissolvendo as silhuetas do grupo em fragmentos irregulares de cor e sombra. O ar os carregou para baixo em trajetórias suaves, desviando de galhos colossais, passando por corredores naturais onde a luz mal tocava o solo.

Marcus sentia o traje reagir ao ambiente, ajustando-se em microssegundos. O visor projetava

apenas tendências — correntes ascendentes, pulsações orgânicas que indicavam presença viva.

Eles tocaram o solo quase sem som.

Um dos soldados aterrissou sobre uma raiz grossa, flexível, que absorveu o impacto como carne firme. Outro deslizou até um patamar coberto por musgo luminoso. Marcus pousou por último, sentindo a vibração do planeta sob os pés.

— Todos no chão. — murmurou.

— Íntegros. — responderam, um a um.

O Palácio-Raiz estava à frente.

Não como um edifício isolado, mas como uma continuidade natural da árvore. Salões abertos entre raízes, passagens verticais formadas por cavidades vivas, plataformas que se moviam lentamente conforme o crescimento interno reorganizava o espaço.

— Caminhos conhecidos, agora. — sussurrou Thaen'Ria. — Sigam-me.

Ela avançou primeiro.

Os dados que trazia não eram mapas — eram ritmos. Intervalos de patrulha, pausas naturais na vigilância, momentos em que o Palácio se expandia ou retraía levemente para redistribuir energia vital.

O primeiro grupo de guardas Kár'neth surgiu adiante, posicionados junto a uma passagem estreita entre raízes.

Marcus ergueu a mão.

Pulso.

A arma emitiu uma onda curta e silenciosa. Os guardas cambalearam, confusos, os padrões da pele se desorganizando enquanto perdiam noção espacial. Foram amparados antes de cair.

— Não machuquem. — disse Thaen'Ria, em tom baixo. — Deixe-os, eles vão demorar algumas horas para acordar.

Avançaram.

Cada passo exigia atenção absoluta.

As passagens internas do Palácio-Raiz não eram corredores no sentido romano da palavra. Eram intervalos entre raízes, cavidades que se abriam e se fechavam lentamente, superfícies que cediam sob o peso e voltavam à posição original segundos depois. O chão não era firme — era responsivo.

Thaen'Ria seguia à frente, os movimentos precisos, quase coreografados.

— Aqui. — murmurou, apontando para uma inclinação suave entre duas raízes entrelaçadas. — Este caminho existe apenas quando o Palácio redistribui energia para os níveis superiores. Temos… — fechou os olhos por um instante — …menos de um ciclo respiratório.

O grupo passou um a um.

Atrás deles, a passagem simplesmente deixou de existir, selada por fibras grossas que se rearranjaram como músculos em repouso.

Marcus sentiu o visor vibrar levemente.

— O Palácio está nos registrando. — disse em tom baixo. — Ainda não como ameaça. Como… presença anômala.

— Ele sempre faz isso. — respondeu Thaen'Ria. — Mas normalmente para guiar. Não para testar.

Mais adiante, o espaço se abriu em um salão natural, amplo, sustentado por raízes arqueadas que se erguiam como colunas orgânicas. A luz ali era mais intensa, filtrada por folhas translúcidas que pulsavam em tons suaves.

Guardas Kár'neth patrulhavam o local.

Não em formações rígidas — mas em fluxos. Moviam-se em padrões circulares, alternando alturas, subindo por paredes vivas, descendo por cipós grossos, cruzando uns pelos outros sem nunca colidir.

— Esse padrão não estava previsto. — sussurrou um dos soldados.

Thaen'Ria franziu o cenho.

— Mudou. — disse. — Eles não deveriam estar aqui agora.

Marcus analisou rapidamente as leituras.

— O Palácio ajustou a vigilância. — disse. — Não por alarme. Por curiosidade defensiva.

Esperaram.

Longos segundos se arrastaram enquanto os guardas completavam seus ciclos. O grupo permaneceu imóvel, fundido às sombras, os mantos absorvendo luz e confundindo sensores orgânicos.

Quando o último guarda passou, avançaram novamente.

Mas o Palácio não permaneceu passivo.

À medida que desciam por uma passagem vertical, o espaço começou a se estreitar de forma imperceptível. Não como uma armadilha — como uma reorganização natural.

— Isso não é bom. — murmurou Marcus.

— Ele está tentando nos redirecionar. — respondeu Thaen'Ria. — Para zonas mais fáceis de conter.

Subiram por um desvio improvisado, forçando o grupo a se espalhar por alguns segundos.

Foi então que algo deu errado.

Um dos soldados pisou em uma área onde a superfície viva ainda não havia estabilizado. O chão

cedeu com um estalo orgânico baixo demais para ser um alarme — mas alto o suficiente para ser sentido.

Os padrões da parede próxima se acenderam abruptamente.

— Contato iminente. — sussurrou Marcus.

Dois guardas Kár'neth surgiram em um nível superior, olhando diretamente para o ponto onde o grupo se reagrupava.

Não houve tempo para pulso.

Marcus agiu por instinto treinado.

O fuzil de contenção subiu quase sem movimento visível.

Dois disparos secos.

As munições não letais atingiram a base do pescoço dos guardas, liberando cargas neuromusculares calibradas. Ambos perderam a força imediatamente, os corpos amolecendo antes mesmo de conseguirem emitir qualquer sinal.

Marcus avançou e os segurou antes que caíssem de uma altura maior.

— Alvos contidos. — murmurou. — Sem dano permanente.

Thaen'Ria observava em silêncio, os olhos atentos aos padrões do ambiente.

— Isso… — disse — …não passou despercebido.

O Palácio reagiu.

Cipós se moveram acima deles. Passagens laterais se fecharam. Novas plataformas começaram a se formar em locais que antes eram vazios, criando rotas alternativas — não para eles, mas para os guardas.

— Ele está reorganizando defesa interna. — disse Marcus. — Não para nos expulsar. Para atrasar.

— Então estamos no caminho certo. — respondeu Thaen'Ria.

O avanço tornou-se mais lento.

Cada desvio exigia cálculo imediato. Cada guarda evitado reduzia o tempo disponível. O grupo combinava informações antigas — rotas conhecidas por Thaen'Ria — com leitura direta do comportamento do Palácio naquele momento.

— Próximo anel. — disse ela, parando diante de uma abertura ampla, pulsando com energia mais intensa. — Depois disso… não há mais zonas neutras.

Marcus sentiu o peso da afirmação.

Além daquela passagem, a arquitetura mudava sutilmente. As raízes eram mais densas, os salões mais altos, a luz mais controlada. Guardas de elite patrulhavam em pares, os padrões da pele brilhando em sincronia com o ambiente.

— A sala do trono está próxima. — disse Thaen'Ria. — Ele já sabe que há algo diferente acontecendo. Talvez… — hesitou — …já saiba que são vocês.

Marcus ajustou o grip do fuzil.

— Então vamos chegar antes que ele decida como responder. — disse.

O grupo se posicionou.

À frente, o último corredor pulsava em um ritmo lento, profundo — quase como um coração antigo.

Atravessaram.

E o Palácio, pela primeira vez desde o início da infiltração, parou de se adaptar.

Passou a aguardar.

O corredor não se fechou atrás deles.

Isso, por si só, já era um sinal.

As superfícies orgânicas deixaram de se mover. As pulsações que antes percorriam as paredes

desaceleraram até um ritmo constante, profundo, quase solene. A luz tornou-se uniforme, filtrada por fibras translúcidas que não variavam mais conforme o passo do grupo.

— Ele estabilizou o núcleo interno. — murmurou Thaen'Ria. — Isso só acontece quando o líder está… atento.

Marcus sentiu um arrepio percorrer a espinha.

O último trecho não exigia furtividade.

Exigia coragem.

Guardas Kár'neth de elite surgiam agora em posições fixas, não patrulhando, mas observando. Seus corpos eram mais robustos, as lâminas orgânicas parcialmente expostas, não em ameaça direta, mas em prontidão absoluta. Os padrões da pele pulsavam em sincronia com o ambiente — não com o grupo.

— Não apontem armas. — sussurrou Thaen'Ria. — Eles já sabem que estão armados.

Marcus baixou levemente o fuzil, mantendo-o próximo ao corpo.

Avançaram.

Cada passo ecoava suavemente no interior vivo do Palácio, não como som, mas como vibração sentida sob os pés. Marcus teve a estranha impressão de que o próprio chão registrava o peso, a intenção, o ritmo cardíaco de cada um.

— Aqui termina minha orientação baseada em rotas. — disse Thaen'Ria, parando diante de uma abertura ampla. — Daqui em diante… — respirou fundo — …é o momento decisivo.

A antecâmara se abriu diante deles.

Era um espaço vasto, circular, sustentado por raízes colossais que se curvavam para o alto como arcos naturais. No centro, o chão descia suavemente em

direção a um platô elevado, ainda oculto por uma cortina viva de fibras espessas, translúcidas.

Não havia trono visível.

Ainda.

Os guardas posicionaram-se ao redor, formando um círculo aberto. Nenhum se moveu para atacar. Nenhum bloqueou o caminho.

— Ele está nos ouvindo. — disse Thaen'Ria, em voz baixa. — Mesmo sem nos ver.

Marcus sentiu os óculos táticos perderem utilidade. As leituras desapareciam gradualmente, substituídas por uma interface neutra. O Palácio não estava interferindo.

Estava permitindo.

— Marcus Valerius. — disse Thaen'Ria, pronunciando o nome com cuidado. — A partir daqui, cada palavra pesa mais do que qualquer arma que você trouxe.

Marcus assentiu.

— Nós não viemos para tomar nada. — disse, projetando a voz sem elevar o tom. — Viemos impedir que algo seja tomado.

As fibras à frente deles se moveram levemente.

Não se abriram.

Responderam.

Uma vibração profunda percorreu a antecâmara, lenta, constante — como o despertar de algo antigo.

Thaen'Ria inclinou a cabeça.

— Ele concede audiência. — disse.

O grupo permaneceu imóvel.

Não por medo.

Mas por respeito.

À frente, a passagem final começou a se abrir, não como uma porta, mas como um reconhecimento.

E Marcus compreendeu, com clareza absoluta, que dali em diante não haveria mais infiltração.

Apenas a verdade.

A passagem final se abriu por completo.

Não houve clarão.

Não houve anúncio.

A cortina viva de fibras se separou em camadas lentas, revelando a sala do trono — ou, mais precisamente, o coração do Palácio-Raiz.

O espaço era amplo, vertical, sustentado por raízes que se entrelaçavam como colunas ancestrais. A copa da árvore podia ser vista muito acima, filtrando luz natural em feixes suaves que desciam como véus. No centro, elevado por um platô orgânico, estava ele.

Ruuhin'Shae-Kael.

Não usava armadura.

Não empunhava lâmina.

Seu corpo era alto, esguio, marcado por padrões antigos que pulsavam lentamente, em sintonia com o próprio Palácio. A pele tinha tons profundos, quase minerais, e seus olhos — grandes, opacos — refletiam não o grupo, mas algo além deles.

Ele já os observava.

— Vocês vieram de muito longe para quem não veio para conquistar. — disse, a voz grave, reverberando pelo espaço sem eco.

Marcus avançou um único passo.

— Só chegamos até aqui porque o senhor permitiu. — disse. — Agora sabemos disso.

Um leve brilho percorreu os padrões do líder Kár'neth.

— Se eu não quisesse… — respondeu Ruuhin'Shae-Kael — …vocês não teriam passado do primeiro anel vivo. Nem mesmo com ela.

Seu olhar deslizou até Thaen'Ria.

Ela inclinou a cabeça, respeitosa, mas firme.

— Vim porque o Palácio não pode continuar sangrando por mentiras. — disse.

O líder permaneceu em silêncio por alguns segundos. O Palácio inteiro pareceu acompanhar aquele intervalo.

— Eu observei sua travessia. — disse Ruuhin'Shae-Kael, por fim. — Cada desvio. Cada contenção. Cada escolha de não matar quando seria mais fácil. — Olhou novamente para Marcus. — Isso é coragem. Não imprudência.

Marcus respirou fundo.

— Então escute o que viemos mostrar. — disse.

O líder dos Kár'neth assentiu com um gesto contido.

Marcus ativou o projetor dos óculos táticos.

As imagens se formaram no ar: rotas de suprimento invisíveis, assinaturas imperiais mascaradas, transmissões cifradas, registros cruzados. A prova não vinha em palavras — vinha em padrões.

Ruuhin'Shae-Kael observava em silêncio absoluto.

— As facções Sae'Kaorr, Velin'Shanar e Naeth'Ul não lutam sozinhas. — disse Marcus. — São abastecidas pelo Imperador de Roma Aeterna. Não para vencer… mas para manter esta guerra viva até que se torne conveniente encerrá-la com colonização.

O líder fechou os olhos.

— Eu já suspeitava. — disse. — Há ciclos demais, perdas demais… coincidências demais.

Thaen'Ria deu um passo à frente.

— Eles planejam derrubá-lo. — disse. — Colocar um líder jovem, dependente. Um rosto novo para uma submissão antiga.

O Palácio reagiu.

Não com violência — mas com um endurecimento do ambiente. As raízes vibraram em baixa frequência, como um rosnado contido.

— Tentei deter as facções sozinho. — disse Ruuhin'Shae-Kael. — Mas cada vitória gera duas rebeliões. Cada prisão gera um mártir. — Abriu os olhos. — Eu posso proteger o povo de Roma Aeterna. Mas não posso os proteger o povo dos romanos e dos rebeldes ao mesmo tempo.

Marcus sustentou o olhar.

— Então deixe que lutemos juntos. — disse. — O General Lucius manterá as legiões contidas. Sem ataques orbitais. Sem extermínio. — Pausou. — Mas com força suficiente para desmontar as facções e prender seus líderes.

— Podemos costurar um acordo de paz, acabar com essa guerra juntos e frustrar tanto os planos dos rebeldes, quanto os do Imperador. — continuou.

O silêncio que se seguiu foi longo.

Quando Ruuhin'Shae-Kael falou novamente, sua voz era firme.

— Aceito o acordo de paz. — disse. — Sob uma condição.

Marcus não desviou o olhar.

— Diga.

— As facções serão dominadas aqui. — disse o líder. — Diante do meu povo. Seus líderes serão presos. Julgados. Não executados. — Olhou para Thaen'Ria. — E Roma não estabelecerá colônias neste planeta.

Marcus assentiu.

— Isso estava nos planos do Imperador. — disse. — Não nos nossos.

Ruuhin'Shae-Kael inclinou levemente a cabeça.

— Então a guerra termina. — disse. — E outra começa.

O tratado foi selado sem papel.

Sem assinaturas.

A própria árvore respondeu.

As raízes relaxaram. A luz mudou de tom. Um pulso suave percorreu o Palácio-Raiz e se espalhou pela cidade suspensa, pela selva, pelas zonas ocupadas.

Em Yáruk-En, a guerra contra Roma Aeterna acabara e a guerra contra as facções rebeldes começava.

As semanas seguintes foram rápidas — e brutais.

As legiões de Lucius avançaram com precisão cirúrgica. Sem lasers orbitais. Sem gases. As facções foram isoladas, seus líderes capturados em operações conjuntas com os próprios Kár'neth. Pela primeira vez, o povo viu romanos lutando ao lado, não acima.

Quando o último líder rebelde foi detido, o silêncio que se seguiu foi diferente.

Era… alívio.

Lucius encontrou Marcus antes da partida.

— Outros generais estão começando a fazer perguntas. — disse. — Campanhas longas demais. Ordens estranhas. Perdas convenientes.

Marcus assentiu.

— Então não vamos esperar que o Imperador nos chame. — disse. — Vamos bater primeiro.

Lucius sorriu, cansado.

— O Rubicão Estelar. — disse. — Nunca pensei que atravessaria.

— Nenhuma travessia importante é confortável. — respondeu Marcus sorrindo.

A nave partiu sob um céu diferente.

Yáruk-En respirava.

E, pela primeira vez em muito tempo, Roma Aeterna começava a ruir por dentro.

CAPÍTULO 18
O RUBICÃO ESTELAR

Roma Aeterna não ruía em chamas.

Ruía em silêncio.

As avenidas de mármore continuavam limpas. As torres senatoriais ainda projetavam suas sombras perfeitas sobre as praças. Os estandartes vermelhos e dourados tremulavam com a mesma solenidade de sempre. Para quem observasse de longe, nada havia mudado.

Mas por dentro, algo havia quebrado.

No Senado, cadeiras permaneciam vazias.

Algumas pertenciam a homens que haviam ousado questionar o título recém-proclamado de Ditador Eterno. Outros simplesmente não voltaram após sessões "extraordinárias", convocadas em horários improváveis, com pautas vagas e portas fechadas.

Não houve julgamentos públicos.

Houve decretos.

Houve transferências "temporárias" para províncias distantes. Houve acusações administrativas, vazadas com precisão cirúrgica. Houve famílias silenciadas com a promessa de segurança — ou com a ameaça explícita de perdê-la.

O Imperador observava tudo do alto.

Seu palácio permanecia intacto, mas o ambiente havia mudado. Guardas pretorianos ocupavam espaços antes cerimoniais. Sistemas de vigilância adicionais foram ativados sob o pretexto de "estabilidade". O som constante de transmissões militares preenchia corredores antes dedicados à diplomacia.

Roma Aeterna começava a parecer uma fortaleza cercada… por si mesma.

O oficial ajoelhado à frente do trono mantinha a postura rígida, os olhos fixos no chão enquanto projetava dados no ar.

— As revoltas nos setores internos continuam sob controle, senhor. — disse, em tom neutro. — Focos isolados em três províncias foram contidos antes de se expandirem. As guarnições responderam conforme o protocolo.

Imagens surgiram: cidades sob toque de recolher, mercados vazios, soldados patrulhando ruas estreitas.

— Houve resistência? — perguntou o Imperador, sem desviar o olhar do horizonte artificial além das colunas.

— O esperado. — respondeu o oficial. — Nada que represente ameaça estratégica. No entanto… — fez uma breve pausa — …a escassez está se intensificando.

O Imperador virou-se levemente.

— Explique.

— Um mínimo solar repentino afetou os sistemas agrícolas das províncias externas. A produção caiu drasticamente em mundos que dependem de ciclos solares estáveis. As reservas ainda existem, mas a logística está sendo pressionada. — Hesitou. — A fome já começa a ser sentida nos anéis mais baixos das cidades.

O Imperador permaneceu em silêncio por um instante.

— Fome gera medo. — disse, por fim. — Medo gera desobediência. Ajustem as distribuições. Apenas o suficiente para evitar colapso.

— Sim, senhor.

As projeções se dissiparam.

Foi então que o oficial respirou fundo antes de continuar.

— Há mais um ponto. — disse, escolhendo cada palavra com cuidado. — Um relatório… não relacionado diretamente às revoltas.

O Imperador ergueu o olhar lentamente.

— Prossiga.

— Há indícios de que Marcus Valerius… — começou o oficial — …não morreu em Vastara.

O silêncio que se seguiu foi absoluto.

— Indícios não são fatos. — respondeu o Imperador, a voz calma demais para o conteúdo da frase.

— Concordo, senhor. — disse o oficial. — Mas há registros cruzados. Movimentações anômalas. Relatórios apagados. E… — hesitou — …o General Lucius interrompeu transmissões padrão em Yáruk-En após a chegada de um soldado não identificado.

O Imperador ficou em pé.

— Lucius é um general problemático. — disse, caminhando lentamente à frente do trono. — Mas leal. Excessivamente leal, às vezes. — Parou. — Talvez os indícios sejam reais. Talvez não.

Virou-se novamente para o oficial.

— Mas se Marcus Valerius estiver vivo… — disse, com um leve sorriso frio — …ele não estará por muito tempo.

O oficial assentiu.

Mas, naquele momento, os dados já estavam desatualizados.

As frotas já haviam partido.

E Roma Aeterna, mesmo sem saber, já caminhava para um ponto sem retorno.

O Rubicão Estelar não era uma linha real no espaço.

Era um princípio.

Um limite estabelecido em tempos quase esquecidos, após as primeiras guerras civis do Império Espacial, quando legiões inteiras cruzaram sistemas sem autorização e quase despedaçaram Roma Aeterna por dentro. Desde então, decretou-se que nenhuma frota armada poderia atravessar aquele setor sem convite direto do Imperador.

Cruzar o Rubicão não era apenas um crime militar.

Era uma declaração inequívoca de rebelião.

A frota reunida por Lucius não era grande.

Era suficiente.

Cruzadores de diferentes campanhas, alguns marcados por anos de guerra eterna, outros recém-deslocados de fronteiras esquecidas. Nenhuma formação ostentosa. Nenhuma cerimônia. Apenas motores aquecendo em silêncio.

Marcus observava o espaço à frente — uma vastidão aparentemente comum, mas carregada de significado.

Lucius ativou o canal geral.

— Antes que avancemos. — disse, a voz firme, sem retórica — …há algo que precisa ser dito.

As comunicações se estabilizaram.

— O que estamos prestes a fazer não tem retorno. — continuou. — Cruzar o Rubicão Estelar nos coloca fora da lei imperial. Fora de qualquer absolvição futura.

Ele fez uma pausa.

— Não prometo vitória. Não prometo sobrevivência. — disse. — Prometo apenas que, se não fizermos isso agora, Roma continuará se devorando até não sobrar nada além de medo e obediência vazia.

Alguns rostos surgiram nos visores.

Outros permaneceram ocultos.

— Quem quiser recuar… — disse Lucius — …faça agora. Sem julgamento. Sem perseguição. Ninguém será chamado de traidor por escolher viver.

O silêncio durou longos segundos.

Então, duas naves desacoplaram lentamente da formação.

Seus motores se acenderam em baixa potência, afastando-se do eixo da frota.

Lucius observou sem alterar a expressão.

— Que encontrem paz. — disse.

O espaço voltou a se aquietar.

Marcus deu um passo à frente.

— A partir daqui — disse — …Roma não será mais uma ideia incontestável. Será uma escolha.

Lucius olhou para o marcador holográfico à frente.

O Rubicão Estelar.

— Avançar. — ordenou.

Os motores rugiram.

E quando a frota cruzou o limite invisível, nenhum alarme soou em Roma Aeterna.

Ainda.

Mas o Império havia acabado de entrar em guerra consigo mesmo.

O primeiro disparo veio sem aviso.

Não um tiro de advertência.

Não uma tentativa de contenção.

Um feixe concentrado de energia rasgou o vazio à frente da frota de Lucius, explodindo contra os escudos de um cruzador avançado e arrancando metade de sua proteção em um único impacto.

— Contato confirmado! — gritou alguém no canal tático.

O espaço à frente se deformou à medida que naves imperiais emergiam do salto quase simultaneamente, formando uma linha de bloqueio agressiva. Cruzadores pesados, fragatas de interdição, plataformas móveis de artilharia — todas posicionadas com precisão demais para serem reação improvisada.

Lucius estreitou os olhos.

— Ele estava esperando. — disse. — Não o momento exato… mas a travessia do Rubicão.

— Formação delta. — ordenou Lucius. — Dispersão controlada. Não deixem que nos cerquem.

Os motores responderam em uníssono.

A frota se abriu como um leque, cruzadores girando sobre seus próprios eixos enquanto baterias de defesa se ativavam. O espaço explodiu em luz, fragmentos de escudo e rastros incandescentes de projéteis de alta velocidade.

Marcus sentia cada vibração através da armadura.

A couraça forjada por Sael'Thir reagia de forma diferente das antigas armaduras romanas. Os sistemas da armadura não apenas absorviam impacto — redistribuíam energia, ajustando o campo ao redor de seu corpo conforme o estresse aumentava. Não era apenas proteção.

Era adaptação.

— Fragata inimiga a estibordo! — alertou um oficial.

Marcus avançou até a projeção tática.

— Concentrem fogo nos emissores laterais. — disse. — Não tentem romper o casco. Quebrem a mobilidade.

O disparo coordenado veio segundos depois.

Três feixes convergentes atingiram a fragata inimiga, que perdeu controle direcional e começou a girar lentamente, seus próprios escudos colapsando em cascata. Outra nave imperial passou rápido demais e foi atingida por fogo cruzado, explodindo em silêncio absoluto.

Mas para cada nave que caía…

Duas surgiam.

— Estamos sendo flanqueados. — disse Lucius, a voz firme, mas tensa. — Eles estão nos empurrando para o para longe do setor.

— Não estão tentando nos conter. — respondeu Marcus. — Estão tentando nos esmagar.

O Imperador não queria deter a frota.

Queria apagá-la da existência.

O espaço tornou-se um inferno geométrico.

Rastros de mísseis descreviam arcos letais entre cruzadores. Escudos falhavam em flashes azuis e dourados. Uma nave aliada perdeu os motores principais e foi atravessada por fogo contínuo antes que pudesse emitir pedido de socorro.

— Perdemos a *Ad Astra*! — alguém gritou.

— Continue atirando. — respondeu Lucius. — Não parem para morrer.

Marcus fechou os olhos por um instante.

Depois abriu.

— Canal aberto para todas as naves. — disse. — Não tentem manter formação rígida. Lutem como unidades vivas. Quebrem previsibilidade. Roma sempre vence guerras porque acredita que o inimigo obedecerá a padrões.

Ele fez uma pausa.

— Hoje, não. — disse.

A frota começou a se mover de forma irregular, quase caótica. Saltos curtos. Mudanças abruptas de vetor. Disparos em ângulos improváveis. Uma fragata imperial foi pega de surpresa quando um cruzador aliado avançou sem hesitar apenas para reaparecer em outro eixo e disparar à queima-roupa.

Funcionou.

Por um tempo.

— Mas isso não vai durar. — disse Lucius, observando o mapa tático se fechar lentamente ao redor deles. — Eles estão nos empurrando para um bolsão gravitacional. Se fecharem o cerco…

Marcus analisou os dados.

As forças imperiais não eram apenas maiores. Eram coordenadas por algo central. Um comando que não hesitava, não ajustava, não testava.

— Ele assumiu controle direto. — disse Marcus. — Não delegou essa batalha.

Lucius soltou uma risada curta.

— Ditadores adoram guerras que podem assistir.

Uma explosão violenta sacudiu a nave.

— Escudo primário a quarenta por cento! — alertou o engenheiro.

— Ainda estamos inteiros. — disse Lucius. — Mas não por muito tempo.

O espaço ao redor deles começou a se fechar.

Naves imperiais formavam uma meia-lua agressiva, bloqueando rotas de fuga enquanto plataformas de artilharia avançavam lentamente, disparando em cadência precisa.

— Estamos ficando sem opções convencionais. — disse Lucius.

Marcus encarou o mapa tático.

Ele ainda não sabia como sairiam dali.

Mas soube, com absoluta certeza, que o Imperador havia cometido um erro.

Não em subestimar a frota.

Mas em forçar homens e mulheres sem mais nada a perder… a pensar além de qualquer doutrina romana.

O cerco se fechava.

E algo teria que ser feito.

Algo que Roma jamais ousaria tentar.

CAPÍTULO 19
SALTO ESPACIAL

O mapa tático piscou em tons de alerta.

Linhas vermelhas se fechavam como mandíbulas ao redor da frota rebelde. O bolsão gravitacional à frente distorcia sensores e trajetórias, enquanto plataformas de artilharia imperiais ajustavam ângulos com precisão mecânica.

— Mais dois cruzadores inimigos entrando pelo flanco superior. — informou o operador. — Eles estão selando a saída.

— Escudo a trinta e cinco por cento. — disse o engenheiro. — Se cair abaixo de vinte…

Não terminou a frase.

Lucius permaneceu imóvel por alguns segundos, observando o caos com um tipo estranho de calma. Não era resignação. Era cálculo.

— Marcus. — disse, sem tirar os olhos do mapa. — Você confia em mim?

Marcus virou-se lentamente.

— Confio desde quando você parou de seguir ordens cegamente. — respondeu.

Lucius assentiu uma única vez.

— Então escute com atenção. — disse. — Porque o que vou sugerir vai contra tudo o que Roma ensinou sobre guerra espacial.

Uma nova explosão sacudiu a nave. Um cruzador aliado perdeu escudos e começou a sangrar plasma pelo casco.

— Fale logo. — disse Marcus.

Lucius ampliou o mapa.

Não para fora do setor.

Para dentro.

— Um salto espacial… — começou — …não precisa nos levar para *perto* de um sistema.

O silêncio no centro de comando foi absoluto.

— Lucius… — murmurou alguém — …ninguém faz isso.

— Por que ninguém sobrevive? — respondeu ele. — Ou por que ninguém ousa?

Marcus aproximou-se da projeção.

— Um salto dentro de um sistema nos coloca sob influência direta da estrela. — disse. — Se errarmos o tempo por microssegundos…

— Saímos dentro da coroa estelar. — completou Lucius. — Ou em rota de colisão com um corpo massivo. Ou rasgados pela gravidade antes mesmo de materializar.

— Ou dentro da atmosfera do planeta. — disse Marcus, lentamente.

Lucius virou-se para ele.

— Exatamente.

O mapa mudou novamente.

Roma Aeterna surgiu no centro da projeção.

— Eles não estão esperando isso. — disse Lucius. — Nenhum protocolo imperial considera essa possibilidade. As baterias antiespaciais estão voltadas

para o exterior do sistema. As defesas orbitais monitoram rotas convencionais.

Marcus sentiu o peso da ideia se assentar.

— Um salto errado… — disse — …e transformamos metade da capital em um incêndio atmosférico.

— Sim. — respondeu Lucius. — Por isso não é uma decisão minha sozinho.

Outro impacto. Mais forte.

— Escudo a vinte e nove por cento! — gritou o engenheiro.

Marcus respirou fundo.

— Quantas naves conseguem calcular o tempo com precisão suficiente? — perguntou.

— A minha. — disse Lucius. — Mais quatro, talvez cinco. As que têm núcleos de salto mais recentes.

— E o resto? — perguntou alguém.

Lucius não respondeu de imediato.

— O resto… — disse por fim — …vai ter que escolher se tenta acompanhar ou se fica para abrir espaço.

O silêncio que se seguiu foi pesado.

Marcus ativou o canal geral.

— Atenção a todas as naves. — disse. — Temos uma manobra alternativa. — Pausou. — Ela não é segura. Não é limpa. E não é obrigatória.

Os visores começaram a se acender com rostos tensos.

— Um salto direto dentro do sistema de Roma Aeterna. — continuou Marcus. — Dentro da atmosfera.

Murmúrios. Protestos. Silêncio.

— Quem nos acompanhar corre risco extremo. — disse. — Quem não acompanhar… — fechou os olhos por um instante — …talvez não saia daqui.

Lucius aproximou-se.

— Roma nunca foi construída por decisões seguras. — disse no canal. — Mas sempre chegou perto da destruição quando parou de se arriscar por algo maior.

O mapa tático piscou novamente.

— Última janela viável em dois minutos. — informou o navegador.

Lucius respirou fundo.

— Preparem os núcleos de salto. — disse. — Ajustem para transição atmosférica. — Pausou. — E que cada comandante decida por sua tripulação.

O cerco apertou.

Naves imperiais avançavam para a distância de aniquilação.

O tempo se esgotava.

E, pela primeira vez desde que cruzaram o Rubicão, o destino da frota não dependia de estratégia romana alguma.

Dependia de coragem.

O salto não aconteceu de imediato.

Houve um intervalo curto demais para ser medido — longo demais para ser ignorado.

— Núcleos armados. — anunciou o navegador. — Sincronização em curso.

O cerco imperial apertava.

Explosões rasgavam o espaço ao redor da frota rebelde. Uma fragata aliada perdeu a seção traseira em uma nuvem silenciosa de detritos incandescentes. Outra nave desviou por centímetros de um feixe de aniquilação e desapareceu em uma explosão branca.

— Últimos cinco segundos! — gritou alguém.

Marcus sentiu seu corpo reagir reagir.

Não como antes.

O calor cósmico do Aspecto ajustou seu corpo automaticamente, reduzindo estímulos sensoriais, redistribuindo energia, preparando o corpo para algo que não deveria acontecer.

— Agora. — disse Lucius.

O universo foi desligado.

Não houve impacto.

Não houve aceleração.

Apenas a sensação inequívoca de que tudo deixou de existir por um instante.

O espaço deixou de ser espaço.

As estrelas esticaram-se em linhas impossíveis, depois se fragmentaram em pontos de luz suspensos, imóveis, como se o próprio tempo tivesse sido interrompido no meio de um gesto. Nenhuma direção fazia sentido. Não havia frente. Nem trás.

A nave atravessava algo que não era distância.

Era limiar.

Marcus teve a impressão desconcertante de que estava sendo observado — não por sensores, nem por máquinas, mas pelo próprio tecido do universo, que parecia testar se aquela travessia deveria ser permitida.

Então, o mundo voltou.

Violentamente.

A nave emergiu **dentro da atmosfera.**

O choque térmico foi imediato.

O casco inteiro foi tomado por chamas azuis e douradas, o atrito ionizando o ar ao redor em um turbilhão incandescente. Alarmes dispararam em cascata. O céu — o céu de Roma Aeterna — surgiu abaixo deles em uma vastidão absurda.

— Altitude crítica! — gritou o navegador. — Estamos muito baixos!

A capital se estendia sob eles.

Torres brancas. Cúpulas douradas. A geometria perfeita de uma cidade que se acreditava eterna. O sol refletia nas estruturas de mármore e metal como se nada estivesse errado.

Então, o inferno começou a cair do céu.

Uma das naves aliadas saiu do salto cedo demais.

Materializou-se ainda fora da atmosfera, diretamente sob o alcance das baterias antiespaciais. Um feixe massivo atravessou seu casco antes mesmo que os escudos pudessem se formar. A nave se partiu em dois, seus destroços queimando enquanto despencavam como meteoros sobre os distritos externos.

— Perdemos a *Invicta*! — alguém gritou.

Outra nave surgiu tarde demais.

Materializou-se já em queda livre, abaixo da altitude mínima segura. O casco não resistiu ao atrito. Ela se desintegrou em uma explosão brutal, o impacto lançando uma onda de choque que varreu um quarteirão inteiro da cidade inferior.

Marcus viu o clarão refletir no visor.

Não havia triunfo ali.

Apenas realidade.

— Ajustem ângulo! — ordenou Lucius. — Sustentação máxima! Não deixem a nave cair!

A nave de Lucius conseguiu estabilizar.

Emergiu da cortina de fogo como um projétil vivo, os escudos quase colapsando, os motores rugindo além de qualquer parâmetro seguro. Outras três naves conseguiram o mesmo, rasgando o céu de Roma Aeterna em trilhas de chamas.

Acima deles, o espaço ainda queimava.

A frota imperial demorou segundos preciosos para compreender o que estava acontecendo.

Não havia protocolo.

Não havia alerta.

Não havia defesa preparada para inimigos surgindo de dentro do próprio céu.

Marcus aproximou-se do visor frontal.

Viu pessoas apontando para cima.

Viu sombras gigantescas cruzando as nuvens.

Viu o símbolo de Roma refletido em chamas.

E sentiu algo que não era orgulho.

Era gravidade histórica.

— Conseguimos… — murmurou alguém.

— Não, ainda não. — disse Marcus, em voz baixa. — Nós rompemos o primeiro limite.

Lucius ativou o canal interno.

— Todas as naves sobreviventes, respondam.

Três sinais confirmaram.

Três.

De uma frota que havia sido grande o suficiente para tomar qualquer outro planeta de forma direta, mas não Roma Aeterna.

— Preparem descida controlada. — disse Lucius. — O próximo combate… — fez uma pausa — …não será no espaço.

Marcus observou a cidade de Roma Aeterna se aproximando lentamente.

A cidade que nunca deveria ver guerra agora ardia sob trilhas de fogo vindas do próprio céu.

O Imperador havia esperado uma rebelião espacial.

Não esperava que ela caísse sobre sua capital.

O Céu estava em chamas.

E nada, absolutamente nada, voltaria a ser como antes.

As naves estabilizaram em posição suspensa.

Não pousaram.

Pairaram.

Três colossos metálicos flutuando a centenas de metros acima da capital, seus escudos ainda tremendo com resquícios do salto suicida. O ar ao redor vibrava, carregado de ionização e calor residual, fazendo as bandeiras imperiais nos edifícios abaixo chicotearem como se o próprio céu estivesse em convulsão.

— Altitude segura relativa alcançada. — anunciou o navegador. — Mas não por muito tempo.

— Então não desperdicem. — disse Lucius. — Iniciar desembarque.

As laterais das naves se abriram.

Não como portas convencionais, mas como plataformas de projeção, grandes superfícies hexagonais envoltas por escudos de energia translúcidos. Cada uma carregava dezenas de soldados, armados, posicionados em formação solta, prontos para disparar ainda durante a descida.

— Plataformas ativas. — informou um oficial. — Escudos a cem por cento.

O primeiro feixe de energia inimigo cortou o ar antes mesmo de a plataforma começar a descer.

— Fogo pretoriano! — alguém gritou.

Do solo, torres ocultas se ergueram como lâminas saindo do chão. Baterias automatizadas e canhões de pulso dispararam em cadência brutal, traçando linhas de morte contra os escudos descendentes.

— Desgraçado... — disse Lucius. — O desgraçado se preparou.

Uma das plataformas foi atingida em cheio.

O escudo colapsou em um clarão azul, e a estrutura inteira se partiu no ar. Soldados despencaram

em chamas, corpos reduzidos a silhuetas incandescentes antes de atingirem o chão.

— Plataforma Três destruída! — gritou o operador.

— Continuem descendo! — ordenou Lucius. — Não parem!

As plataformas restantes aceleraram.

Os soldados abriram fogo ainda no ar.

Feixes de contenção, pulsos de impacto, rajadas de supressão cortaram a distância entre céu e solo. Torres pretorianas explodiram em cascatas de detritos, mas outras assumiram instantaneamente suas funções.

Marcus estava na plataforma frontal.

Sentia o vento rasgar o manto de camuflagem, o escudo vibrar sob impactos sucessivos. O visor tático era um caos de alertas, alvos e trajetórias impossíveis.

— Contato múltiplo no solo! — avisou um soldado. — Pretorianos em formação!

Marcus viu.

Fileiras negras e douradas avançavam entre colunas de mármore e estruturas administrativas. Armaduras pesadas, escudos energéticos individuais, lanças de pulso e lâminas de contenção — a Guarda Pretoriana não era apenas simbólica.

Era letal.

— Fogo contínuo! — gritou Marcus.

A plataforma tocou o solo com violência.

O impacto sacudiu o mármore da praça imperial, abrindo fissuras que se espalharam como veias sob os pés dos soldados. Poeira e fragmentos subiram em uma nuvem espessa, iluminada por chamas e feixes de energia cruzando o ar.

O escudo da plataforma colapsou.

E a morte avançou.

Os Pretorianos vieram primeiro em formação fechada — armaduras negras com detalhes dourados, escudos energéticos sobrepostos, lanças de pulso apontadas à frente como uma muralha móvel. Cada passo era sincronizado. Cada movimento, treinado até se tornar instinto coletivo.

— Contato frontal! — gritou alguém.

Marcus saltou da plataforma antes mesmo que a poeira baixasse.

Caiu pesado, joelhos flexionados, o impacto absorvido pela armadura híbrida. No mesmo movimento, seu escudo de energia dourada se projetou à frente de seu braço esquerdo, expandindo-se em um arco luminoso justo a tempo de absorver a primeira rajada inimiga.

O choque reverberou pelo corpo inteiro.

Ele avançou.

Sua gladius em sua mão direita como uma extensão natural do braço, lâmina curta, cor dourada intensa, vibrando em uma frequência que distorcia o ar ao redor. Marcus girou o corpo, desviando de uma lança de pulso, e cravou a gladius na articulação do escudo de um pretoriano.

A armadura inimiga cedeu.

O golpe não foi letal — mas incapacitou.

Marcus empurrou o corpo para o lado com o escudo e seguiu em frente.

Outro pretoriano veio de cima.

Marcus girou, desativou a gladius em meio ao movimento e, com a outra mão, projetou a sua lança. O feixe dourado condensado atravessou o ar em linha reta, atingindo o inimigo no centro do peito e lançando-o contra uma coluna de mármore, que se partiu em fragmentos.

O combate se espalhou pela praça.

Soldados de Lucius lutavam em pequenos grupos, avançando metro a metro, mas era Marcus quem atraía o peso do confronto. Onde ele estava, a formação inimiga se rompia — não por força bruta, mas por fluidez absoluta.

Gladius.

Escudo.

Lança.

Fuzil.

Tudo em uníssono.

Quando três pretorianos tentaram cercá-lo, Marcus recuou um passo, ergueu seu fuzil modificado e disparou duas rajadas precisas de energia acelerada. Os inimigos foram perfurados antes de tocar o chão. Ele avançou imediatamente, escudo à frente, absorvendo impactos enquanto a gladius abria caminho.

Cada golpe fazia o calor crescer.

Não externo.

Interno.

O Aspecto respondia.

Ainda contido.

Ainda latente.

Mas acordando.

O mundo começou a se estreitar ao redor dele. Sons distantes tornaram-se abafados. As cores ganharam tons dourados sutis, como se a realidade estivesse sendo filtrada por algo antigo.

Marcus sentiu o primeiro pulso real atravessar o peito.

Uma memória que não era sua.

Uma presença.

Ele quase tropeçou.

Um pretoriano tentou aproveitar a brecha.

Marcus ergueu o escudo no último instante, sentiu o impacto atravessar o campo de energia e ricochetear pela armadura. O golpe o lançou para trás, arrastando os pés pelo mármore quebrado.

O calor aumentou.

E então… ele viu.

Não com os olhos.

Com algo mais profundo.

Uma figura colossal emergia da luz dourada instável.

Antiga.

Silenciosa.

Implacável.

O Grande Patriarca.

— Ainda não… — murmurou Marcus, forçando-se a ficar de pé.

Mas o Aspecto já não obedecia apenas à contenção.

A energia acumulada rompeu o limite.

O ar ao redor de Marcus explodiu em luz dourada instável.

Seus cabelos começaram a perder a cor, tornando-se prateados de forma incompleta, como se a transformação tivesse sido interrompida à força. Seus olhos quase perderam o tom humano, tornando-se claros demais, refletindo a luz do campo energético que agora pulsava ao redor de seu corpo.

— **Ruun'Vael…** — sussurrou ele.

O nome ecoou.

Não no ar.

No campo de batalha inteiro.

O Aspecto Quebrado foi ativado.

CAPÍTULO 20
BATALHA CONTRA O TEMPO

Marcus avançou novamente — mas agora o chão rachava sob seus passos. Cada movimento deixava rastros de luz instável no ar. A gladius tornou-se mais intensa, quase dolorosa de se olhar. O escudo expandiu-se além do esperado, protegendo seu corpo quase por inteiro.

— Avancem! — bradou Marcus, a voz reverberando com algo que não era apenas humano.

Os soldados responderam.

O impacto foi devastador.

Pretorianos foram varridos em ondas sucessivas. Não por massacre irracional — mas por uma força impossível de conter. Marcus movia-se como um mito refeito em carne e energia, alternando armas sem hesitação, derrubando formações inteiras, abrindo espaço para que os soldados avançassem.

Por um instante, a praça pareceu respirar aliviada.

Então, o calor mudou.

Ficou denso.

Pesado.

Marcus ergueu o olhar.

À frente, junto às escadarias monumentais do Palácio Imperial, novas figuras avançavam.

Mais altas.

Mais densas.

Armaduras pretas com dourado profundo. Núcleos energéticos visíveis. Lâminas que não vibravam — esperavam.

A Guarda Pretoriana de Elite.

Marcus sentiu o Aspecto oscilar.

Ruun'Vael não seria suficiente.

Ele avançou mesmo assim.

O primeiro choque foi brutal.

O golpe desativou seu escudo em fragmentos de luz dourada. A gladius foi bloqueada com facilidade desconcertante. Marcus foi lançado para trás, deslizando pelo chão até se ajoelhar.

O mundo se distorceu.

A luz dourada oscilou.

E novas visões vieram.

Não apenas o Grande Patriarca.

Mas a Grande Matriarca — firme, silenciosa, observando com algo que parecia esperança.

E então…

Padameg.

De pé, em Vastara.

E, por um instante impossível, uma criança.

Seus olhos.

Seu sangue.

Seu futuro.

— Eu não posso cair aqui. — murmurou Marcus, cerrando os punhos.

O Aspecto respondeu — seu interior explodiu com uma energia cósmica e antiga.

— **Thar'Runn'Vael.** — disse com firmeza.

Aspecto inteiro.
Vontade alinhada.
Guardião desperto.
Marcus abriu os olhos.
Eles estavam brancos.
Não opacos.
Não vazios.
Lúcidos.

Uma luz dourada suave se espalhou ao redor de seu corpo, estável, contínua, como se o planeta de Vastara, agora longínquo, estivesse respirando junto com ele. As mechas brancas em seus cabelos se expandiram até tomá-los por completo. O sangue em seu rosto evaporou em vapor dourado, suas armas se reativaram agora poderosas e com energia estável.

Ele se levantou.

A Guarda de Elite avançou.

E a verdadeira batalha estava apenas começando.

Eles não correram.

A Guarda Pretoriana de Elite avançou como um único corpo fragmentado em três vontades perfeitamente alinhadas. Cada passo era idêntico. Cada deslocamento, calculado para cobrir o outro. Não havia pressa — apenas a certeza absoluta de que o tempo trabalhava a favor deles.

Marcus sentiu isso antes mesmo do primeiro golpe.

O Aspecto Completo pulsava em torno de seu corpo como uma aura viva, estável, dourada. O chão sob seus pés vibrava em resposta à energia contida, mas o ar à frente permanecia pesado, resistente. Não havia medo ali.

Havia equivalência.

O primeiro pretoriano atacou pela esquerda, lâmina negra descrevendo um arco preciso, não para matar — para medir. Marcus respondeu com o escudo que se expandiu em um semicírculo compacto. O impacto reverberou como um sino partido, lançando ondas visíveis pelo ar.

Antes que Marcus pudesse contra-atacar, o segundo veio de frente.

A gladius surgiu em sua mão em um lampejo controlado. Marcus avançou um passo, girando o tronco e golpeando na diagonal. A lâmina encontrou resistência imediata — não um bloqueio simples, mas um desvio coordenado. O golpe foi absorvido e redirecionado, como se o inimigo tivesse antecipado o ângulo antes mesmo do movimento começar.

O terceiro atacou por cima.

Marcus ergueu a lança, projetando o feixe em linha reta. O ataque deveria ter sido devastador. Em qualquer outro campo de batalha, teria sido.

Os três reagiram juntos.

Dois escudos energéticos se sobrepuseram por um breve instante, criando um ponto de compressão. O feixe dourado se distorceu, perdeu estabilidade e explodiu lateralmente, arrancando parte de uma coluna de mármore e lançando fragmentos incandescentes pelo chão da praça.

Marcus recuou meio passo.

Não por necessidade física.

Por reconhecimento.

— Eles estão… sincronizados. — murmurou, mais para si do que para qualquer outro.

Os três se reposicionaram sem trocar uma única palavra. O espaço entre eles nunca se fechava demais,

nunca se abria demais. Um triângulo móvel, perfeito, girando lentamente ao redor de Marcus como um mecanismo antigo.

Ele avançou novamente.

Gladius à frente. Escudo cobrindo o flanco. A armadura híbrida respondeu, redistribuindo energia conforme o impacto aumentava. Marcus girou, atacando baixo, depois alto, alternando ritmo, tentando quebrar a leitura do inimigo.

Nada funcionava.

Cada golpe encontrava uma resposta imediata — não mais forte, não mais rápida, apenas exatamente suficiente.

O chão começou a rachar sob a pressão combinada.

Marcus sentiu o impacto de um golpe atravessar parcialmente o escudo, vibrando até o ombro. Outro deslizou pela lateral da armadura, arrancando faíscas douradas. Nenhum deles foi decisivo — mas todos eram avisos.

Eles não queriam vencê-lo rápido.

Queriam entendê-lo.

O Aspecto reagiu, tentando expandir-se, mas Marcus conteve.

Ainda não.

Não aqui.

Não desse jeito.

Ele respirou fundo, sentindo o calor cósmico pulsar sob a pele, controlado à força. Seus olhos brancos permaneceram lúcidos, focados, mas algo dentro dele começava a perceber uma verdade incômoda.

Sozinho…

Ele não dominava aquela luta.

E, enquanto os três o mantinham ocupado, ao longe, um quarto pretoriano de elite avançava em direção aos soldados romanos em solo — lento, inevitável.

Marcus sentiu o primeiro peso real do tempo cair sobre seus ombros.

A luta não seria decidida apenas ali.

E ele sabia.

O quarto pretoriano não acelerou.

Ele caminhava entre os soldados como se estivesse atravessando um salão vazio, passos longos, seguros, a lâmina mantida baixa, quase relaxada. Não havia pressa porque não havia risco. Cada movimento era calculado para terminar em morte inevitável.

O primeiro soldado caiu sem sequer perceber o golpe.

A lâmina atravessou o escudo improvisado, penetrou a armadura e se retirou em um único gesto contínuo. O corpo tombou antes que o som do impacto se espalhasse.

Marcus sentiu.

Não como visão.

Como ausência.

Um ponto do campo ao redor dele simplesmente se apagou.

Ele tentou avançar — um impulso instintivo — mas o movimento foi imediatamente punido. Um dos três pretorianos girou no mesmo instante, a lâmina raspando o escudo com força suficiente para lançá-lo de lado. Outro atacou baixo, forçando Marcus a recuar para não perder equilíbrio.

Eles não o impediam por força.

Impediam por posição.

O quarto pretoriano avançou mais alguns metros.

Outro soldado caiu.

Depois outro.

— Marcus… — a voz no comunicador falhou — …ele está atravessando nossas linhas.

Marcus cerrou os dentes.

O Aspecto reagiu, pulsando com mais intensidade, tentando se expandir, mas ainda havia contenção. Ainda havia cálculo. Ele sabia que liberar tudo ali, daquele jeito, poderia custar mais do que salvaria.

— Mantenham distância dele. — disse Marcus, a voz controlada demais para a situação. — Dispersão. Não enfrentem sozinhos.

Não adiantou.

O pretoriano de bloqueio não corria atrás.

Ele avançava em linha reta, empurrando os soldados para fora do espaço vital, fragmentando qualquer tentativa de formação. Um golpe lateral lançou dois corpos contra uma escadaria. Um disparo ricocheteou em sua armadura sem sequer alterar o ritmo do passo.

Marcus tentou novamente romper o triângulo à sua frente.

Atacou alto, depois baixo, usando o escudo para forçar abertura. Por um instante, quase conseguiu. A gladius encontrou uma articulação exposta e arrancou faíscas, mas o terceiro pretoriano girou imediatamente, cobrindo a falha antes que ela se tornasse uma brecha real.

O golpe de resposta atravessou parcialmente o campo do escudo.

Marcus sentiu o impacto direto no peito.

O ar saiu de seus pulmões em um único golpe seco. Ele deslizou alguns metros para trás, os pés abrindo sulcos no mármore partido.

Mais uma vida se apagou ao longe.

Marcus sentiu de novo.

Cada morte tornava o Aspecto mais instável. Não mais poderoso — mais pressionado. Como uma represa acumulando água demais sem válvula de escape.

— Ele está nos forçando a escolher. — murmurou Marcus, quase sem perceber que falava em voz alta.

Os três à sua frente avançaram um passo.

A sincronia se apertou.

O espaço ficou menor.

— Não consigo vencer isso rápido. — parecia dizer o silêncio entre os golpes. — E eles não sobrevivem se eu demorar.

O quarto pretoriano parou por um instante.

Observou.

Depois mudou ligeiramente o ângulo de avanço.

Direto para o núcleo da posição romana.

Marcus sentiu algo próximo de raiva atravessar o controle frio que vinha mantendo desde o início da luta. Não uma explosão — ainda não — mas uma fissura.

O Aspecto respondeu imediatamente.

A luz ao redor de seu corpo oscilou por um breve instante, dourada demais, intensa demais, antes de se estabilizar novamente à força.

Os três perceberam.

E avançaram juntos.

Marcus ergueu o escudo no último segundo, bloqueando um golpe que teria partido seu corpo ao meio. A gladius respondeu quase por reflexo, encontrando resistência total. A lança tentou abrir

espaço, mas foi desviada, neutralizada, absorvida pelo movimento conjunto deles.

Ele estava sendo mantido ali.

Deliberadamente.

Enquanto o tempo sangrava.

Marcus respirou fundo.

Lentamente.

O controle ainda era possível.

Mas estava ficando caro demais.

E ele sabia que, se aquela fase da luta continuasse por muito mais tempo, não haveria soldados suficientes vivos para justificar qualquer vitória.

Marcus sentiu o próximo golpe antes que ele viesse.

Não como previsão.

Como certeza.

O ataque veio de dois ângulos ao mesmo tempo. Um dos pretorianos avançou baixo, a lâmina quase tocando o chão, enquanto outro girava por cima, explorando o espaço que o escudo deixaria inevitavelmente exposto. O terceiro não atacou.

Esperou.

Marcus tentou responder com força total.

O escudo absorveu o impacto inferior, mas o golpe superior atravessou o campo parcialmente e o atingiu no ombro. A armadura segurou o pior, mas o choque atravessou o corpo inteiro, fazendo-o perder o eixo por um breve — perigosíssimo — instante.

O terceiro pretoriano entrou nesse espaço.

Marcus sentiu a lâmina inimiga raspar sua lateral, arrancando uma linha de calor que queimou até o osso antes que ele conseguisse girar e se afastar. O impacto

o lançou contra o chão, o corpo rolando entre fragmentos de mármore e poeira.

Ele caiu de joelhos.

O mundo perdeu definição.

O som se tornou distante, como se estivesse sendo filtrado por água espessa. O Aspecto pulsava agora sem ritmo estável, expandindo-se e retraindo como algo ferido, contido à força.

Ao longe, mais um soldado caiu.

Depois outro.

Marcus apertou os punhos contra o chão rachado.

— Levanta. — murmurou para si mesmo.

Tentou.

O corpo respondeu tarde demais.

Um dos pretorianos pisou à frente dele, a lâmina erguida, não para finalizar — ainda não — mas para manter a pressão. O gesto era claro.

Eles o tinham.

O quarto pretoriano avançava livremente agora, a poucos metros do núcleo da posição romana. Não havia mais tentativa de contenção. Apenas execução.

Marcus sentiu algo se romper.

Não foi o controle.

Foi a ilusão de que ainda era possível mantê-lo.

A luz dourada ao redor de seu corpo oscilou violentamente. O ar estalou. Fragmentos de energia escaparam em pulsos irregulares, abrindo pequenas crateras ao redor de seus joelhos.

O Aspecto empurrava.

Com força.

Com urgência.

Marcus fechou os olhos por um instante — não para fugir, mas porque o que vinha não podia ser visto apenas com eles.

Ele viu Vastara novamente.

Não como lembrança distante, mas como presença viva.

Padameg, de pé entre as sombras da selva, o olhar firme, sem medo. Não pedindo que ele sobrevivesse. Exigindo.

E então… o vislumbre.

Breve demais para ser chamado de visão.

Uma criança, agora correndo sob uma luz que não era de Roma. Rindo. Viva.

Real.

— Eu não posso cair aqui. — disse Marcus, a voz rouca, quebrada.

O chão sob seus pés se partiu em um raio curto.

A contenção cedeu.

Não em explosão total — ainda não — mas como uma represa que finalmente aceita que vai transbordar.

Marcus se ergueu lentamente.

A luz ao redor de seu corpo deixou de oscilar e começou a se expandir, densa, profunda, dourada como um sol contido. O calor não queimava mais. Organizava.

Os três pretorianos recuaram meio passo.

Não por medo.

Por instinto.

Marcus abriu os olhos.

Eles estavam ainda mais brancos.

Lúcidos.

E o Aspecto Completo, enfim, deixava de ser contido.

Começava a ser liberado.

Marcus avançou.

Não houve salto.

Não houve explosão inicial.

Apenas um passo.

O chão respondeu como se tivesse sido atingido por algo pesado demais para existir em equilíbrio. Fissuras se espalharam sob seus pés, não violentas — precisas. O Aspecto não se expandia de forma caótica agora. Ele se organizava ao redor da vontade de Marcus.

Os três pretorianos reagiram no mesmo instante.

O triângulo se fechou.

Dois atacaram simultaneamente, lâminas cruzando em padrões calculados para forçar Marcus a defender alto e baixo ao mesmo tempo. O terceiro girou pelo flanco, buscando o ponto exato onde o escudo precisaria falhar.

Marcus não recuou.

Ele absorveu o primeiro impacto com o escudo, não bloqueando — redirecionando. O golpe deslizou pela curvatura do campo energético e foi lançado para o lado, abrindo espaço suficiente para que a gladius avançasse em um arco curto e brutal.

A lâmina encontrou resistência.

Mas, pela primeira vez, cedeu.

O golpe não atravessou totalmente — arrancou parte da armadura do pretoriano, expondo o núcleo energético da mesma por um breve segundo. Não foi o suficiente para derrubá-lo.

Foi o suficiente para quebrar a sincronia.

Marcus sentiu.

O triângulo falhou por menos de um instante.

E ele entrou nesse espaço.

A lança se projetou em um movimento compacto, não como ataque principal, mas como distração. A lâmina dourada rasgou o chão com o movimento vertical de Marcus rasgando o tórax de um dos pretorianos,

paralisando-o por uma fração de segundo — tempo suficiente.

Marcus girou o corpo inteiro.

A gladius desceu em linha reta.

Finalmente o ataque principal.

O núcleo exposto colapsou em um clarão curto e silencioso. O pretoriano caiu de joelhos antes de tombar completamente, a armadura escurecendo como metal morto.

Dois restantes.

Eles reagiram com fúria contida.

Um avançou em linha reta, golpe pesado, destinado a partir o escudo. O outro tentou repetir a manobra inicial, alto e baixo, pressionando ao mesmo tempo.

Marcus não defendeu.

Ele avançou contra o golpe.

O impacto atravessou parcialmente o campo do escudo e atingiu sua lateral. Dor explodiu — real, física — arrancando um grunhido seco de seus pulmões. Mas o movimento aproximou os corpos além do alcance ideal da lâmina inimiga.

Marcus colidiu com o pretoriano.

O choque lançou ambos para o chão.

Antes que o inimigo pudesse reagir, Marcus pressionou o joelho contra o tórax da armadura e cravou sua gladius no núcleo da armadura inimiga descarregando energia direta do Aspecto através do contato. Não foi só um golpe externo.

Foi também interno.

O núcleo energético entrou em colapso sem explosão, como uma estrela apagada à força. O corpo ficou inerte sob ele.

O último pretoriano recuou um passo.

A sincronia estava quebrada.

A força ainda existia — mas agora estava sozinha.

Marcus se levantou lentamente.

O ar ao redor deles parecia mais pesado, mais denso, como se o espaço estivesse observando aquele momento com atenção absoluta. O último pretoriano avançou com tudo o que lhe restava, golpe amplo, desesperado, poderoso.

Marcus ergueu o escudo uma única vez.

O impacto ecoou pela praça inteira como um sino.

No mesmo movimento, a gladius subiu.

Um corte curto.

Preciso.

Não espetacular.

A lâmina encontrou a articulação que agora não estava mais protegida por sincronia alguma. A armadura cedeu. O pretoriano caiu para frente, o peso morto encontrando o mármore rachado.

Marcus permaneceu de pé.

Respirando pesado.

A luz dourada ao redor de seu corpo diminuiu de intensidade, concentrando-se novamente, como se obedecesse a uma ordem silenciosa.

O quarto pretoriano — o de bloqueio — estava imóvel agora, de costas para os soldados, olhando diretamente para Marcus, pela primeira vez com uma expressão de medo. Sem a união, sem o campo perfeito ao redor, era apenas força isolada.

Marcus se aproximou lentamente com sua Gladius em mãos. O pretoriano restante finalmente venceu o medo e também começou a encurtar a distância com sua lâmina em mãos. Marcus acelerou o passo. O pretoriano também. O pretoriano realizou o primeiro golpe, amplo demais, desesperado. Marcus concentrou energia em

seu pés se impulsionando com violência para frente, realizando um golpe em diagonal, gladius brilhando como um raio dourado.

O corpo do pretoriano se partiu em dois e caiu para os lados com um baque surdo.

Então…

Nada.

Nenhum disparo.

Nenhum grito.

Nenhuma ordem.

O silêncio caiu sobre a praça imperial como um manto absoluto.

Até o vento pareceu hesitar.

Marcus virou-se lentamente.

Por alguns segundos que pareceram eternos, ninguém se moveu.

Então, um soldado ergueu o punho.

Outro gritou.

Depois outro.

E outro.

O silêncio se rompeu em um brado coletivo, não de ódio, mas de alívio, de incredulidade, de sobrevivência. Soldados batiam armas contra o chão, gritavam o nome de Marcus, alguns riam, outros choravam sem saber por quê.

Marcus permaneceu parado no centro da praça destruída.

Não ergueu a arma.

Não respondeu aos gritos.

Apenas voltou o olhar para o Palácio Imperial à frente.

As portas estavam ali.

Fechadas.

Esperando.

A batalha havia sido vencida.
Mas a história…
A história ainda exigia seu último confronto.

As portas do Palácio Imperial se abriram com um som profundo.

Não foi um estrondo.

Foi um ceder.

As lâminas de energia que selavam a entrada se retraíram lentamente, como se o próprio sistema defensivo reconhecesse que não havia mais quem proteger. O interior revelou-se em camadas: corredores amplos, colunas monumentais, paredes de mármore branco entrelaçadas com veios dourados — símbolos de uma grandeza que havia parado de se renovar há muito tempo.

Marcus entrou primeiro.

O Aspecto ainda envolvia seu corpo como um campo constante, dourado, estável. Cada passo ecoava pelo salão como um lembrete silencioso de que aquilo não era mais um palácio inviolável — era um espaço tomado.

Atrás dele, os soldados avançaram em formação solta.

Os poucos pretorianos restantes tentaram resistir.

Não houve glória.

Não houve coreografia.

Os inimigos estavam desorganizados, reagindo tarde demais, atacando sem sincronia, sem apoio. Um caiu com um disparo preciso antes mesmo de erguer a lâmina. Outro tentou avançar contra Marcus — parou ao sentir o peso do Aspecto antes de completar o movimento.

Marcus não desacelerou.

Gladius em mãos.

Um golpe curto.

O corpo caiu.

Os corredores foram sendo limpos em segundos.

Não por brutalidade excessiva, mas por inevitabilidade. O palácio não estava mais defendido. Estava sendo atravessado.

— Continuem avançando. — disse Marcus, a voz firme, baixa. — Nenhuma perseguição. Nenhuma execução desnecessária.

Os soldados obedeceram sem questionar.

À medida que se aproximavam do núcleo interno, algo ficava cada vez mais evidente:

o palácio estava vazio.

Equipamentos de comando jaziam espalhados pelo chão. Consoles desligados às pressas. Lâminas abandonadas. Capacetes de pretorianos jogados como se tivessem sido arrancados no meio de uma fuga apressada.

A Guarda havia partido.

Não derrotada.

Abandonado o posto.

As portas finais se erguiam à frente deles.

Altas. Antigas. Gravadas com cenas da fundação de Roma Aeterna — imperadores de outrora, generais lendários, mundos conquistados e integrados à força sob o mesmo símbolo.

Marcus parou.

Sentiu o peso daquele lugar.

— Fiquem aqui. — disse aos soldados, sem se virar. — O que vem agora… é meu.

Houve hesitação.

Depois, respeito.

As portas se abriram.

A sala do trono era vasta demais para ser acolhedora.

O teto se erguia em uma cúpula monumental, sustentada por colunas maciças. O chão refletia a luz

como um espelho polido, interrompido apenas por símbolos imperiais entalhados em ouro puro. Ao fundo, elevado sobre degraus largos, estava o trono.

E nele, o Imperador.

Sentado.

Imóvel.

Vestia mantos cerimoniais impecáveis, brancos e dourados, o símbolo imperial ainda reluzindo no peito. Não havia pressa em seu olhar. Nem surpresa. Apenas um cálculo frio, quase entediado.

Ao redor dele, nada.

Nenhum guarda.

Nenhuma escolta.

Apenas equipamentos jogados ao chão — comunicadores quebrados, partes de armaduras, uma lança pretoriana abandonada a poucos metros do trono.

Marcus avançou alguns passos.

O Aspecto iluminava a sala com um brilho suave, constante.

O Imperador observou.

— Então… — disse ele, finalmente — …era verdade.

Sua voz ecoou pelo salão vazio.

— Marcus Valerius. — continuou, um leve sorriso surgindo no canto dos lábios. — Vivo. Diferente. — Seus olhos percorreram a armadura híbrida, a aura dourada. — Traído por Roma… e ainda assim insistindo em voltar.

Marcus não respondeu de imediato.

Caminhou até o centro da sala.

— Você destruiu tudo o que Roma deveria proteger. — disse, por fim. — Transformou o Império em uma máquina que só sobrevive devorando outros mundos. — Pausou. — E chamou isso de ordem.

O Imperador inclinou levemente a cabeça.

— Eu chamei isso de sobrevivência. — respondeu. — Algo que você só entende agora porque precisou se tornar… isso.

Ele se apoiou nos braços do trono.

— Roma Aeterna sempre foi assim. — continuou. — Apenas tirei as máscaras.

Marcus sentiu o Aspecto responder, mas não atacou.

Apenas o deixou voltar para seu interior.

Seus cabelos recuaram novamente para sua cor palha escuro. Seus olhos tomando novamente o aspecto castanho. A aura se dissipando lentamente até sobrar apenas um homem. Marcus Valerius. Antigo Oficial Legionário de Roma Aeterna. Guerreiro de Vastara. Libertador de Yáruk-En. Um homem que sabia, pela primeira vez, que caminho escolheria para seu futuro.

— Eu não vou precisar dele para o que vem agora. — disse Marcus, a voz baixa, controlada. — Quero fazer isso como homem.

O Imperador sorriu.

Levantou-se.

Com um gesto lento, cerimonial, ativou sua gladius.

A lâmina de energia branca surgiu com um som limpo, puro, quase silencioso — uma raridade absoluta. Energia completamente estável. Antiga demais. Reservada apenas a um único homem em toda a galáxia.

— Então venha. — disse o Imperador. — Vamos ver se Roma Aeterna realmente chegou ao fim… ou se você é apenas mais um nome que será esquecido.

Marcus ajustou o aperto na gladius.

O brilho dourado refletiu no mármore.

A sala do trono aguardava.

E, ali, não haveria exércitos.

Apenas dois homens.

E o peso de tudo o que Roma havia se tornado.

O Imperador avançou primeiro.

Não em fúria.

Não em desespero.

Avançou como alguém que jamais acreditou que poderia perder. A gladius branca descreveu um arco perfeito no ar, silenciosa, precisa, traçando uma linha limpa de energia pura em direção ao peito de Marcus. Não havia desperdício naquele golpe. Era a execução de um ritual antigo, repetido em guerras que haviam moldado a galáxia.

Marcus deu um passo à direita no exato momento em que a lâmina branca descia. O golpe passou onde ele estivera um instante antes.

E expôs o Imperador por completo.

Marcus girou o corpo.

Não foi um golpe teatral.

Foi curto.

Direto.

Humano.

A gladius dourada descreveu um arco limpo.

O corte atravessou o pescoço do Imperador antes que ele pudesse compreender que havia errado.

Por um segundo, nada aconteceu.

O Imperador ainda estava de pé.

Seus olhos se arregalaram levemente. Não em medo. Em surpresa absoluta. Sua boca se abriu como se fosse dizer algo — talvez uma ordem, talvez um insulto final.

O corpo caiu de joelhos.

Então, a cabeça se separou.

O som foi seco.

O sangue jorrou quente, escuro, manchando o mármore branco, explodindo pelos degraus do trono, encharcando os símbolos dourados de um império que se acreditava eterno.

O corpo tombou sem glória.

A gladius branca se apagou antes de tocar o chão.

Marcus permaneceu imóvel por alguns segundos.

Respirando.

O trono estava banhado em sangue.

Roma Aeterna havia perdido seu Imperador.

Não houve explosão.

Não houve aclamação imediata.

Apenas silêncio.

Um silêncio tão profundo que parecia ecoar além da sala do trono, além do palácio, além do planeta.

Como se a própria galáxia tivesse parado para registrar aquele instante.

Marcus baixou a gladius lentamente.

Olhou para o corpo sem vida.

— Roma não morreu hoje. — disse em voz baixa. — Mas nunca mais será a mesma.

Ele se virou.

E deixou para trás o trono manchado.

A história havia sido escrita.

Agora, o futuro teria que aprender a viver com ela.

CAPÍTULO 21
O QUE PERMANECE

Roma Aeterna não caiu em uma noite.

Caiu lentamente, como estruturas antigas que descobrem tarde demais que já não sustentam o próprio peso.

A morte do Imperador não gerou imediata libertação — gerou hesitação. O trono vazio tornou-se um símbolo mais perigoso do que quando ocupado. Senadores disputavam narrativas antes de disputarem poder. Generais aguardavam ordens que não viriam. Sistemas inteiros testavam os limites da ausência imperial com a cautela de quem já fora punido por menos.

Lucius assumiu o comando provisório das legiões não como sucessor, mas como contenção.

Suas primeiras ordens foram simples demais para parecerem reais:

Nenhuma expansão.

Nenhuma represália.

Nenhuma cruzada "em nome da estabilidade".

As legiões foram recolhidas para posições defensivas. Frotas antes usadas para coerção passaram a escoltar rotas civis. Onde antes havia ocupação,

passou a haver observação. Onde havia medo, começou a surgir algo mais instável — expectativa.

Nem todos aceitaram.

Dois generais tentaram consolidar poder local. Um terceiro tentou se proclamar "regente temporário". Nenhum deles durou o suficiente para virar exemplo. Não por execuções públicas, mas por isolamento absoluto. Roma Aeterna estava cansada demais para sustentar novos tiranos.

Marcus Valerius permaneceu.

Não no Senado.

Não nos conselhos.

Mas nas margens do sistema imperial.

Durante sete meses, ele atuou onde o Império nunca gostou de operar: fora do espetáculo. Neutralizou remanescentes do antigo aparelho de repressão, desmontou redes de influência do antigo Imperador e garantiu que Vastara — e outros mundos periféricos — não voltassem a ser moedas em jogos políticos travestidos de "ordem".

Durante esse tempo, Vastara nunca deixou de existir para ele. As transmissões eram irregulares, limitadas pela distância e pela instabilidade dos corredores espaciais, mas constantes o suficiente para manter algo essencial intacto.

Padameg.

Ela aparecia sentada à sombra das árvores de Vastara, a selva viva ao fundo, o corpo mudando a cada mês. Não havia medo em seu olhar. Havia firmeza.

Ela foi clara.

— Fique. — disse a ele, certa vez, a mão repousando sobre o ventre já evidente. — Faça isso direito. Se você voltar agora, Vastara volta a ser alvo.

Você deve terminar o que começou… assim nosso filho nascerá livre.

Marcus discordou apenas uma vez.

Depois, entendeu.

O nascimento se aproximava. As últimas transmissões mostravam Padameg mais cansada, mas serena. O povo de Vastara já sabia. Não como segredo. Como promessa.

Quando finalmente partiu, não houve anúncio.

Uma única nave deixou o espaço de Roma Aeterna sem escolta, sem estandarte, sem destino oficial.

Sete meses após a queda do Imperador, Marcus Valerius não retornava como oficial, libertador ou símbolo. Retornava como alguém que havia escolhido onde pertencer.

Vastara continuava a mudar, como um organismo vivo.

Os desertos haviam dado lugar a selvas que respiravam com a mesma cadência antiga, os ventos percorriam os vales carregando o brilho azul cintilante das ervas medicinais como sempre haviam feito antes de Roma, cristais do tamanho de montanhas cintilavam no horizonte, a água de um azul profundo corria sobre eles em direção aos céus antes de se desfazer em uma névoa brilhante e o cosmos de Vastara — estrelado, vasto, aberto, indomável — permanecia intocado por símbolos imperiais. Mas havia algo novo ali. Não construções. Não monumentos.

Continuidade.

Marcus estava sentado à beira de um platô natural, o corpo apoiado contra o tronco de uma árvore ancestral que rasgará o solo. Padameg estava ao seu lado, o braço

apoiado em seu ombro. Entre eles, envolto em tecido simples, estava o filho.

Pequeno. Silencioso. Vivo.

O mundo parecia conter a respiração quando a criança abriu os olhos.

Eles eram brancos.

Não opacos.

Não vazios.

Claros. Atentos.

Os cabelos, ainda ralos, já revelavam tons claros demais para serem ignorados.

Padameg sorriu.

Não com surpresa.

Com reconhecimento.

— Ele pertence a este lugar. — disse, em voz baixa.

Marcus não respondeu de imediato.

Observava o céu de Vastara, sentindo algo que não experimentava havia muito tempo: futuro sem urgência. A guerra havia terminado, mas não porque alguém vencera tudo — e sim porque alguém escolhera parar.

Ele envolveu Padameg e o filho com um único braço.

O vento passou entre as folhas, e por um instante, Marcus sentiu algo antigo — não o Aspecto, não o poder — mas a sensação de que Vastara, mais uma vez, havia sido escolhida como ponto de origem.

Não como alvo.

Como raiz.

— Seja o que for que venha… — disse — …começa aqui.

Muito longe dali, Roma Aeterna aprendia lentamente como voltar a ser justa.

E ainda mais longe, forças que não haviam participado da guerra começavam a observar.

Porque algumas crianças nascem como compromisso.

Outras… nascem como promessa.

E a galáxia jamais ignora promessas por muito tempo.

Próximas Leituras

O fim desta história não é o fim do universo.
É o ponto em que ele começa a se expandir.
A queda do Imperador, a reconstrução de Roma Aeterna e o nascimento de algo novo em Vastara abrem caminhos que não podem ser contidos em um único livro. Por isso, a saga de ***ROMA: 10.000 A.D.*** *continuará em duas frentes complementares:* ***construção de mundo*** *e* ***continuação narrativa****.*

Livro 2 — ROMA: 10.000 A.D: Sangue de Vastara

A guerra contra o Imperador terminou.
Mas o vazio deixado por ele não ficou desocupado.
Com Roma Aeterna tentando se reconstruir como uma potência mais justa, novos interesses começam a se mover nas sombras. Forças que observaram a queda do Império em silêncio agora enxergam algo mais valioso do que territórios ou frotas:

um legado vivo.

O filho de Marcus e Padameg nasce diferente. Não como arma criada por um império, mas como consequência natural de Vastara. Seu poder não vem de conquista — vem de equilíbrio. E isso o torna desejado por aqueles que acreditam que o universo precisa ser controlado, não compreendido.
Enquanto Marcus tenta proteger o que construiu e Padameg luta para manter Vastara fora do jogo político galáctico, uma nova ameaça começa a se

formar — não centrada em um trono, mas em algo muito mais perigoso:

a ideia de que o poder pode ser herdado, capturado… ou recriado.

A próxima história não será apenas sobre guerra.

Será sobre ***proteção, escolhas*** *e o preço de tentar construir algo melhor em um universo que sempre preferiu impérios.*

Livro 3 — ROMA: 10.000 A.D: A Epopeia de Vashael

O legado de Vastara não permaneceu oculto por muito tempo.
O que nasceu como promessa agora caminha como presença.

Vashael cresce diferente. Não apenas em ritmo mais acelerado — mas mais consciente. O poder que carrega não é aprendido, nem imposto. Ele desperta. E, com ele, antigas histórias voltam a respirar no fundo da galáxia.

Muito além de Roma, Vastara e Zha'Ruun-Khaal, uma figura antiga observa.

Gilgamesh.

Rei, guerreiro, mito — ou algo que sobreviveu a todos eles.

Ao reconhecer em Vashael ecos de um passado que deveria ter terminado, Gilgamesh enxerga não um inimigo, mas um espelho. Um desafio. Um caminho possível para aquilo que sempre perseguiu: a permanência além do tempo.

Enquanto Marcus luta para aceitar que seu filho já não pode ser apenas protegido, e Padameg enfrenta uma doença devastadora, Vashael é arrastado para um

confronto que vai além da guerra — um embate entre destino e escolha.

Esta não será apenas a história de um herdeiro. Será a reinterpretação de um mito antigo em um universo que ainda não decidiu se está pronto para deixá-lo renascer.

Livro 4 — ROMA: 10.000 A.D. — Lorebook: Ecos do Império.

Antes que a próxima guerra comece, é preciso entender o tabuleiro.

O ***Lorebook*** *é um livro de expansão do universo de ROMA: 10.000 A.D.. Ele não é uma continuação direta da narrativa, mas um mergulho profundo nos elementos que sustentam a história:*

A origem e a evolução de ***Roma Aeterna****;*
As legiões, patentes, doutrinas militares e símbolos imperiais;
Outros planetas: biologia, cultura, espiritualidade e relação com o Aspecto;
O Aspecto, suas manifestações, limites e consequências;
Facções, sistemas, mundos aliados e mundos dominados;
Eventos históricos anteriores ao Livro 1;
Conceitos tecnológicos, armas, armaduras e naves.
Personagens que passaram pela trilogia de Roma Aeterna.

Este livro foi pensado tanto para leitores curiosos quanto para quem deseja acompanhar a saga com mais profundidade — e também como base sólida para futuras histórias, jogos, quadrinhos ou outros projetos ambientados neste universo.

O ***Lorebook*** *não entrega respostas antecipadas sobre o futuro da trama, mas fornece as ferramentas para compreendê-lo quando ele chegar.*

Muito obrigado por chegar ao final dessa obra, ou seria apenas o começo? Te vejo em Vastara e em outros mundos além, PLUS ULTRA!